

ORIENTAÇÃO: Selma Oliveira

TEXTO: Carolina Fernandes

ILUSTRAÇÕES E PROJETO GRÁFICO: Carolina Fernandes

O garoto da visão LCD
UM LIVRO INFANTIL DE FICÇÃO CIENTÍFICA SOBRE O CONSUMO
por Carolina de Oliveira Fernandes

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda, no segundo semestre de 2011.

Brasília, DF, 2011.

CAPÍTULO 1

Quando Henri acordou naquela manhã, nem sequer imaginava que coisas totalmente estranhas estavam prestes a acontecer. Afinal, é assim que a maioria das coisas inimagináveis acontece: pegam a gente de surpresa num dia qualquer, quando a gente está tomando cereal com leite e pensando na morte da bezerra.

Na verdade, nem mesmo um vidente poderia dizer que algo diferente iria acontecer naquele dia. Aquele era exatamente o mesmo prédio em um bairro de classe média alta, o mesmo porteiro contava os minutos para acabar seu turno da noite, a mesma funcionária da padaria da frente lavava a calçada com sabão e vassoura, mulheres e homens sonolentos levavam seus cachorros para fazer as necessidades da manhã. São Paulo estava exatamente do mesmo jeito, tão cedo e já naquele pique de cidade grande em que tudo se move menos o trânsito.

Pra variar, a mãe do garoto estava mandando-o pentear os cabelos castanhos e lisos, porém sempre desgrenhados. Ela era uma grande arquiteta, e olha que ser grande em uma cidade enorme não é para qualquer um. Seu pai, engenheiro eletrônico apaixonado por qualquer explicação físico-química dizia que seu cabelo rebelde era culpa da eletrostática. Henri gostava desse termo, principalmente por ter eletricidade no nome.

Minutos depois dessa cena, a irmã chegou à cozinha e o episódio que se passou foi o seguinte: Uma mãe desesperada tentava acalmar uma filha desesperada que, distraída, conseguiu derrubar o celular dentro da sanduicheira ligada. Enquanto um cheiro horrível de queimado invadia a casa toda, a garota dizia que sua vida estava naquele celular de última geração, se é que se podia chamá-lo de celular quando na verdade parecia qualquer coisa menos algo que se usa para fazer chamadas. O pai largou sua *tablet*, em que lia as notícias do dia, e observava a cena meio rindo, meio sem saber se consolava a filha, enquanto Henri tapava o nariz e a boca com a mão, teoricamente para se proteger do mau cheiro, mas na prática estava abafando uma risadinha que poderia sair muito alta.

No fim das contas, irada, ela resolveu que só sairia do quarto novamente quando tivesse dinheiro para comprar outro, o que não fazia sentido logicamente, já que ela não tinha mais idade para receber mesada. Além disso, no nosso mundo não se arruma dinheiro por osmose.

Mas aquele episódio ainda não era a coisa totalmente estranha que iria acontecer.

O fato um pouco incomum que antecipou o fato improvável e inimaginável aconteceu exatamente às 7h45, quando uma já conformada irmã estava saindo para a faculdade, e sua mãe o apressava para que fosse logo à escola. Henri estava apanhando a mochila cheia de livros quando sentiu um estranho arrepio na espinha. Até aí tudo bem, é coisa normal que a gente sente de vez em quando e que seu pai poderia tentar explicar mais tarde com alguma justificativa fisiológica. Mas o estranho arrepio foi se intensificando e foi parar no seu dedão do pé, uma sensação nada agradável, e pior ainda foi que uma ideia lhe veio subitamente. Aproximou-se devagar da janela do quarto. Olhou o chão lá embaixo, e de repente um pontinho brilhante quase o cegou. Tentou enxergar melhor, mas sua mãe estava apressando-o ainda mais para ir à escola. Assim, prometeu para si mesmo que quando voltasse, com sorte ainda avistaria o tal ponto e iria investigar sobre do que se tratava.

Ele usaria óculos escuros dessa vez, é claro.

CAPÍTULO 2

Quando se tem onze anos e se lê histórias em quadrinhos demais, a gente acaba ficando com um pouco de mania de aventura. O que é totalmente maravilhoso, porque num dia-a-dia em que a coisa mais próxima de aventura é entrar num grande minhocão de metal que corre de um lado para o outro (também chamado de metrô), nada mais justo do que imaginar, por exemplo, que o tal minhocão fosse parar por acidente no meio do velho oeste americano, e que de repente um bando de cowboys mal encarados estivesse apontando poderosas pistolas para todos os vagões. E que depois surgissem monstros alienígenas apontando poderosas armas alienígenas para os cowboys. E que zumbis que por acaso se alimentassem de gosma alienígena se juntassem à festa. E assim por diante.

Não que Henri fosse um desses garotos que odiassem a vida real. Na verdade, ele gostava bastante dela. Tinha amigos sim, e se divertia bastante com eles. Só não entendia porque de repente eles falavam “Espera aí” e ficavam olhando um tempão para as telas de celular, rindo sozinhos feito malucos que olham para telas e riem sozinhos. É claro que Henri teve um celular certa vez. Sua mãe havia comprado um para ele de Natal, e nas semanas seguintes a frase mais dita por ela foi “Larga esse troço, garoto!”. Aí, de repente, como criança pequena que perde o interesse na chupeta da noite para o dia, ele também perdeu o interesse no celular. “Prefiro jogar futebol”, ele disse para uma mãe atônita.

Henri era um pouco do avesso mesmo. Não gostava que seus pais o deixassem na escola de carro e preferia ir de metrô, pra observar as pessoas. Ele achava engraçadíssimo observar como às vezes elas usavam roupas bastante estranhas e até mesmo falavam sozinhas. O garoto gostava de imaginar coisas a seu respeito, como por exemplo que algumas delas faziam parte de uma organização secreta do governo ou que vinham de outra dimensão.

Também não gostava muito de videogames. Na sua casa quem gostava mesmo era seu pai, um aficionado por toda e qualquer novidade nesse ramo. Sua sala de TV era digna de ser uma daquelas lojas tecnológicas de shopping em que meia dúzia de garotos com óculos ficam com a testa encostada na vitrine, babando um pouco no vidro. Ironicamente, o garoto gostava de saber como as coisas funcionavam, o que causava certo mal estar em casa, quando às vezes o pai voltava do trabalho e encontrava o controle remoto da TV desmontado e as peças espalhadas pela sala.

Mais ironicamente ainda, este capítulo não tem qualquer relação com o capítulo a seguir.

CAPÍTULO 3

Meio-dia. Meio-dia e quinze. Meio-dia e vinte – Putz, só se passaram cinco minutos? – Meio-dia e vinte e cinco – Esse relógio deve estar quebrado, não é possível – Meio-dia e meia.

TRIIIIIMMMMM.

Assim como num enxame de abelhas, uma multidão de alunos saiu dessembestada das salas de aula em direção aos portões da escola – Liberdade, finalmente! – e Henri estava entre eles. Não parou de pensar naquela luz um segundo sequer naquela manhã, e nem mesmo reparou que a loirinha que sentava na sua frente havia perguntado no mínimo umas cinquenta vezes durante a aula de Ciências se ele tinha um grafite para emprestar (ela, emburrada, começou a passar pela sala um bilhetezinho com a lista dos 10 mais feios da sala, votando em Henri um número considerável de vezes).

Pulando os obstáculos da rua como se estivesse numa corrida das Olimpíadas, Henri foi correndo para casa, lutando contra a falta de ar que insistia em dizer “Ei, agora chega” e assustando algumas pessoas na rua desacostumadas com rajadas de vento no pé do ouvido. Nem prestou muita atenção nas pessoas do metrô dessa vez – suas pernas balançavam impacientemente e ele olhava no relógio a cada segundo. “Preciso descobrir o que é aquela luz, preciso mesmo”, ele dizia para si mesmo.

Deu a volta no prédio, até chegar à janela que dava para o seu quarto. Ela dava para um terreno baldio que pertencera a uma construtora clandestina e há anos tudo que se havia feito era enganchar algumas estacas de ferro no chão, até que a prefeitura suspendeu a obra. E era exatamente próxima à uma das estacas que a luz piscava, mas dessa vez estava brilhando mais fraca, quase de maneira imperceptível. Henri se aproximou devagar, um passo após o outro, assim como quem não quer nada, e como quem, após horas de angústia, quer saborear aqueles minutos finais de tensão.

Descobriu que a luz vinha de um aparelhinho muito parecido com um computador de mão, mas ele parecia meio irreal, como se não estivesse realmente lá, como se fosse uma projeção... Sentiu uma vontade incontrolável de tocar a coisa, largou a mochila no chão, esticou os braços e todos os sons desapareceram ao seu redor, não conseguia ver mais nada, uma luz branca muito forte ofuscou sua vista... Como num sonho, ele ia rodopiando, não tinha mais controle sobre seus pés...

E de repente nada mais restava naquele terreno baldio, a não ser a mochila do garoto e as já usuais estacas de ferro.



CAPÍTULO 4

_ Não é possível, acho que morri – pensava o garoto. Não quis abrir os olhos, pois estava se sentindo bastante tonto, e de repente parecia ter aterrissado de costas em algo quentinho e macio.

Era a barriga de uma pessoa.

Com o impacto, as terminações nervosas da barriga mandaram um recado para o cérebro dessa mesma pessoa, o cérebro dessa pessoa interpretou como dor, mandou um recado para as cordas vocais dela, e as cordas vocais pronunciaram um longo e estridente “AAAAAAI”.

A barriga, as terminações nervosas, o cérebro, as cordas vocais e todo o resto pertenciam a um sujeito tremendamente gordo de jaleco e enormes olhos escuros semelhantes a olhos de besouro, que havia aproveitado a hora do almoço para cochilar tranquilamente em uma cadeira reclinável, pois jamais em sua existência imaginaria que algum dia um garoto surgido do nada aterrissaria exatamente em cima de sua barriga.

Com o susto, Henri rolou para debaixo do que parecia ser uma mesa enquanto o sujeito gordo, tomado pelo susto, dor e raiva, tudo misturado, avançava para ele resmungando “Se eu te pego, moleque” com uma cara realmente ameaçadora, vermelha, uma veia pulsando em sua testa. Inesperadamente, ouviu um “Ei, psss” que vinha de uma porta logo atrás dele, olhou rapidamente e lá estava parado um garoto mais velho que ele, meio esquisito. Não pensou duas vezes, se precipitou pela porta onde o tal garoto estava, que se fechou atrás deles. Do outro lado da porta, dava para ouvir o urro distante de raiva do gordo, que foi morrendo aos poucos e se afastando com o barulho de passos.

Desse lado da porta, porém, estava um pouco escuro.

_ Essa foi por pouco, disse o garoto estranho sorrindo aliviado.

Apesar da pouca luz, logo viu que o garoto também usava um jaleco, mas de uma cor diferente, meio metalizada. Tinha algumas espinhas pelo rosto, era mais alto que ele, meio desengonçado, e tinha um jeito meio ansioso, apesar da cara simpática.

_ Você fala? – insistiu o garoto esquisito ainda sorrindo, ao ver que Henri estava assustado e não respondia – Venha, vou acender as luzes. Sente-se aqui nessa cadeira.

O garoto ordenou “Acender” e luzes brancas magicamente se acenderam. Henri percebeu que estava na sala mais estranha que já vira na vida, com paredes altas e basicamente tudo composto por metal. As luzes, como ele pôde

perceber, vinham de pontos estratégicos das paredes, que tinham grandes sulcos, e não do teto. Aliás, ele nem conseguia ver o teto.

A cadeira em que ele estava também era de metal, apesar da estranha sensação de maciez e conforto, como se estivesse sentado numa poltrona de veludo.

_ Macia, né? – disse o garoto de jaleco, como se estivesse adivinhando o que o garoto pensava – Foi trazida para cá ontem mesmo, última geração de poltronas dessa semana. Foi confeccionada com tecnologia de ilusão sensitiva de ponta, dizem que o veludo-matriz foi extraído de um sofá de mais de mil anos atrás, quando as pessoas ainda produziam poltronas de veludo.

Mas Henri não escutou nem metade do que o garoto disse, pois nesse momento mirou-se na parede reluzente e levou o maior susto de todos: Estava se não totalmente, quase totalmente diferente.

Usava uma roupa metalizada, uma espécie de macacão futurista com alguns botões embutidos, seus tênis tinham sido substituídos por sapatos lisos que mantinham os pés aquecidos, seu cabelo agora tinha um corte moderno e o mais assustador mesmo é que seus olhos tinham virado grandes telas escuras de vidro.

_ Ahhhhhhhhhhhhhhhhh! O que? Mas c...? O que eu estou fazend...? – Henri conseguiu abrir a boca pela primeira vez naquele lugar estranho e não conseguiu formular todas as perguntas que queria fazer e que eram muitas naquele momento.

_ Ei, calma, não precisa ficar assustado.

_ Quem é você?

_ Me chamam por aqui de Fenol. Um apelido besta que me deram, queria dizer. Algo relacionado a ser difícil de engolir, mas nem me importo mais com as piadinhas. Fenol é uma função orgânica, entende. Não fique cutucando seus olhos, vai desregular seus circuitos! – se desesperou ao ver que Henri esfregava-os com força.

Fenol respirou fundo. Viu que era hora de mostrar aquele vídeo institucional ao garoto. Apertou alguns botões que surgiram na parede e uma projeção holográfica desceu do teto.

_ Agora vamos assistir. Fique tranquilo, tudo vai ficar mais claro depois disso.

E o vídeo, numa confusão de imagens, uma voz robótica e feminina dizia o seguinte:

Bem vindo aos anos 3000. Este é um vídeo-teste para a experiência #7890B do projeto Outrora-1. Se você está assistindo, provavelmente a experiência foi bem sucedida.

Você se encontra na torre A do Complexo Yotta, mais exatamente no andar NIPPON. Aqui trabalham noite e dia milhares de mentes brilhantes da ciência em busca da melhoria de vida em nosso complexo.

Tudo começou no ano 2183, quando Ricardo Zord, o cientista mais premiado do Festival Mundial de Inovações Tecnológicas, imaginou um projeto de proporções gigantescas para o planeta Terra. Diante da fúria incontável da natureza, Zord e sua equipe conseguiram criar um complexo de estrutura nunca antes imaginada, para a segurança da população mundial. Assim, parte da população se mudou para o complexo, e aqueles que se recusaram foram devastados em menos de meio século por catástrofes cruéis da natureza.

Hoje, vivemos em total segurança, em um ambiente climatizado e longe dos desastres naturais que antes ameaçavam a população. Não há mais com o que se preocupar. A Corporação Megalo cuida há séculos do bem estar de todos do Complexo Yotta. São andares de cultura e diversão para você e toda a família.

Aproveite a estadia e tenha um bom dia!

(Nesse momento uma animação impressionante mostrava a logo da Corporação Megalo e um gigantesco slogan que dizia “Não se preocupe”)

O vídeo ainda piscava na frente deles quando Fenol, meio atrapalhado, não soube desativar o holograma e nos momentos seguintes apertou vários botões na parede, produzindo alguns sons estranhos e materializando uma mesinha diante de si, na qual tropeçou em seguida.

_Dúvidas? – perguntou Fenol, tentando se recompor e finalmente apertando o botão certo para desligar a animação.

_Todas. Quer dizer que estamos no futuro? – disse Henri.

_ Mais exatamente no ano 3003.

_ E vocês estavam me esperando? Foi aquele aparelho que me transportou?

_ Bem, na verdade, como você pôde perceber, esse era um vídeo teste. Essa experiência tem como objetivo trazer de volta alguns cientistas brilhantes do passado para tratar de, hum, alguns assuntos internos do NIPPON dos quais não sei muito bem. Acredito que seja para alguma conferência ultra-mega importante com os cientistas da nossa época. Deve ser um assunto muito cabeludo, mas ainda não descobri qual é.

_ E eu sou um cientista brilhante? Eu duvido um pouco disso, hein. Ainda nem terminei a 5ª série!

_ É, bem... É impossível dizer assim, pois você faz parte de uma linhagem de pessoas muito antiga, além de ser muito novo ainda. Alguns testes genéticos teriam de ser feitos para se comparar com o banco de dados dos cientistas que o projeto pretendia convocar, e demorariam algumas semanas até sair o resultado. Mas a verdade é que... Olha, vou ser sincero com você. Eu estou muito, tremendamente aliviado que você tenha encontrado o aparelho, passei uma manhã terrível, imaginando que ele podia estar em qualquer época e em qualquer lugar. O tal aparelho se chama Periodolador e acho que não estava pronto para ser enviado ao passado. Eu sou só um aprendiz aqui, nem faço parte desse projeto. Meu pai é chefe do Departamento de Testes e hoje cedo ele me pediu para pegar um béquer no laboratório. Acabei me perdendo, entrei numa sala com as inscrições "Somente pessoas autorizadas" e não sei por que imaginei que lá poderiam estar guardando béqueres – sabe como é, já quebrei alguns sem querer e imaginei que o pessoal do Almoxarifado estivesse tentando me evitar ali. Por acaso olhei para o chão e vi alguns números inscritos numa pequena chapa eletrônica, provavelmente alguém mais distraído que eu havia deixado cair. Digitei os números e entrei... Encontrei o tal aparelho e um vídeo explicativo extremamente detalhado apareceu na minha frente. Foi como fiquei sabendo do projeto secreto.

_ E como o Periodolador foi enviado até mim?

Fenol parecia um pouco encabulado.

_ Isso é um pouco constrangedor, mas ok. Eu estava na tal sala vendo o tal vídeo explicativo e comecei a sentir uma coceira insuportável no dedão do pé. Insuportável mesmo, parecia que havia mil nano robôs me dando choques, provavelmente causados por alguma disfunção elétrica no meu sapato. Sentei-me no chão, tirei o sapato e comecei a falar alguns palavrões. Quando me levantei, o aparelho não estava mais lá!

_ E como o aparelho sumiu? – Henri pensou por alguns segundos – Ah, ele foi acionado por palavrões?

_ É, exatamente! Parece que uma ordem certa de palavrões numa certa entonação ativou a coisa. Provavelmente uma brincadeira de algum técnico que estava de mau humor na hora de projetar o sistema de acionamento do Periodolador. E ninguém notou que o aparelho sumiu, acho que ninguém mais entrou naquela sala. Desconfio que o projeto esteja em *standby*. Daí eu estava desesperado há várias horas tentando repetir a ordem dos palavrões – Escória, esgoto, podridão, sarjeta, poluição, miséria! – mas parece que a pessoa tem que estar realmente com raiva para dar certo.

_ E essas coisas são palavrões? Há há há, que engraçado. Essas são palavras normais no planeta Terra que eu conheço, todo mundo fala, estão em todos os jornais. Ei, mas espera. Até agora você não perguntou meu nome.

_ É verdade. E qual é?

_ Henri Martins Zotte.

_ Peraí, Zotte, Zord... Meu Deus, tudo se encaixa! Você deve ser um cientista brilhante do passado, um antepassado de Zord!

_ Mas você não disse que só dava pra saber isso com testes genéticos?

_ Ah, é.

CAPÍTULO 5

Henri ainda tentava acostumar-se a seus olhos novos, e olhava seu reflexo na parede de metal a cada cinco segundos. Ainda estavam naquela sala vazia (a não ser pela cadeira e pela mesinha materializada do nada) e Fenol andava inquieto de um lado para o outro, tentando bolar um jeito de saírem de lá de maneira despercebida.

Crianças eram permanentemente proibidas naquele andar, e levando em consideração que há alguns minutos atrás um garoto havia aparecido misteriosamente em cima da barriga de um cientista, mais cedo ou mais tarde eles iam ser descobertos ali. Nem mesmo uma criança possivelmente da mesma linhagem de Ricardo Zord se safaria, pois antes que pudessem se explicar, os seguranças do andar já haveriam aplicado nela o poderoso laser da arma Esquecerol – para que possíveis informações do NIPPON não vazassem para os outros andares.

Tratava-se de um andar quase totalmente à prova de intrusos.

_ Fenol? – disse Henri ainda olhando seu reflexo.

_ Hum?

_ Por que seus olhos são normais e os meus não? Todo mundo por aqui tem olhos iguais os meus?

Fenol de repente fechou a cara, pois Henri havia tocado em uma ferida antiga. Respirou fundo, tentou reunir um pouco de coragem e disse:

_ Alguns de nós nascemos com olhos que você chama de normais. Uma camada pequena da população, na verdade. O normal por aqui é nascer com visão LCD, que é como esses olhos são chamados. Quem não nasce, bem... Mora em outro andar, não sei muita coisa sobre isso, nós não vemos essas pessoas. Acho que só fiquei por aqui porque meu pai é um membro importante do NIPPON.

Fenol de repente se tornou triste e pensativo.

_ Acho que eu sou uma aberração mesmo – disse ele, olhando fixamente para a parede e analisando seus olhos castanhos e sem graça.

_ Eu não acho, Fenol. Me desculpa, eu não perguntei por mal, eu realmente não sabia...

_ Eu sei, eu sei. Você não tem culpa. Tá tudo bem.

Mergulharam em um silêncio constrangedor por alguns minutos.

CAPÍTULO 6

Fumaça no corredor. Uma sirene tocando. Passos rápidos e desencontrados. Uma voz grave, masculina e robótica. “Todas as unidades do NIPPON favor se dirigirem à saída de emergência mais próxima”. Várias vozes aflitas falando ao mesmo tempo. Uma voz suave e feminina. “Não se preocupe – A Corporação Megalo já está resolvendo o problema. Em instantes poderão voltar às suas atividades normais”. Uma música ambiente tocando (uma mistura de flauta doce e cantos de passarinhos).

E assim Fenol arrumou uma forma de escaparem daquela sala. Na verdade, tudo ocorreu de uma maneira acidentalmente genial: Fenol tamborilava distraído os dedos na mesinha, o que acionou alguns botões sem querer e abriu uma passagem secreta em uma das paredes, mostrando que, surpreendentemente, aquela se tratava de uma mesa de comando. Irradiante, ele ordenou que Henri o seguisse, mas no momento em que iam correndo e gritou “Uhul” a passagem se fechou, deixando Fenol com raiva e fazendo-o chutar a mesinha. Aparentemente o impacto, que nem foi tão forte assim, causou algum dano nas partes vitais na mesinha, uma mensagem de “Autodestruição ativada” surgiu no tampo da mesa e uma série de explosões mais parecidas com fogos de São João começou a preencher a sala. Henri gritou “Mesa maldita!” e misteriosamente a porta secreta se abriu de novo, dando tempo a eles de escaparem antes que o alerta de incêndio do andar começasse a apitar.

“Por aqui, por aqui!” Fenol corria meio sorrindo, como se o seu incêndio acidental fosse a primeira coisa fora do comum e por isso excitante que acontecia há tempos naquele lugar.

* * *

_ Meu Deus, quanta fumaça. Pelo menos estamos bem disfarçados - dizia Henri.

A passagem secreta ia coincidentemente até o laboratório dos aprendizes. Numa overdose de cuidados, Fenol surrupiara um par de extensores de sapatos de um dos armários, usado no lugar das nossas conhecidas e nada práticas escadas para se alcançar prateleiras altas, e pedira para Henri encaixá-los em seus sapatos o mais rápido possível, apertando o botão que dizia “Nível Dois”. Assim,

ele estava alto e naquela fumaça toda ninguém que estivesse correndo por ali poderia dizer que estava correndo ao lado de uma criança.

Ainda não satisfeito com o disfarce, Fenol roubou do estoque de um dos laboratórios um estranho pozinho preto, passando no rosto de Henri e também no seu próprio para que não fosse reconhecido como o filho do chefe de departamento – Voilà, barbas e bigodes. Saíram sorrateiramente, bastante orgulhosos dos anos a mais que ganharam, ainda passando apressados por aquela fumaça espessa.

_ Henri, faça seu cérebro ordenar para sua retina que mostre um mapa do andar.

_ Hein?

_ Rápido!

Henri obedeceu e, como num cinema 3D dos dias de hoje, informações magicamente surgiram na sua frente. Antes que pudesse lê-las, porém, uma tela escrita “SENHA” piscou com letras garrafais diante de seus olhos.

_ Ihh, cara, preciso de uma senha. – disse para Fenol – E agora?

Depois que pronunciou “E agora?” uma mensagem de “SENHA ACEITA” piscou novamente na tela e Henri pôde ver um mapa à sua frente indicando a saída daquele lugar. Finalmente estavam se dirigindo para lá.

Era muita sorte para um dia só.

E é claro que quando a esmola é demais o santo desconfia.

Nem bem andaram alguns metros, quando a fumaça instantaneamente se dissipou. E, sem a fumaça, seus disfarces não estavam exatamente realistas. Para piorar, uma turma de aprendizes que não deixava Fenol em paz esbarrou neles exatamente três segundos depois que o ar voltou ao normal.

No meio da turma estava o mais maldoso deles: o Terabyte, mas conhecido como Tera.

Ele era realmente grande, realmente musculoso e realmente devia gastar todo seu tempo livre fazendo duas coisas: tomando pílulas para criar massa muscular e bolando maneiras de encrencar com Fenol.

Tera achava totalmente divertido pregar algumas peças no meio do expediente. Certa vez, na hora do almoço, teve a brilhante ideia de ir até a mesa de Fenol – as pessoas daquele andar almoçavam em cubículos para que a socialização não atrapalhasse seu rendimento – e trocar suas pílulas de alimentação sabor frango, arroz e batatas por uma pílula de medicamento anti-prisão de ventre. O pobre garoto passou uma tarde inteira trancado no cubículo de evacuação de emergência, enquanto os outros colegas, que sabiam da história, riam e batiam na porta a cada cinco minutos dizendo coisas como “Anda logo, cara!” e “Que cheiro de enxofre!”.

Aquela foi uma tarde difícil, conforme Fenol se recordava.

E então, de volta ao corredor, quando Tera avistou os dois naquela situação ridícula com barbas falsas, fez exatamente a coisa que Fenol já esperava: começou a rir da cara deles.

_ Quem é o bebezinho, hein Fenol? – ele debochava – Você sabe que está bem encrencado, né? Se pegarem esse moleque aqui... Não queria ser eu o motivo de ver você e seu papazinho serem enxotados para fora do complexo.

_ Por favor, Tera, não acione o alarme de segurança, estou te implorando... Você não entende – dizia Fenol.

Os outros colegas riam ao fundo como macacos de imitação.

_ Você não me deixa escolha. Sabe como é, *eu sou um exímio seguidor das regras daqui...*

Quando Tera estava prestes a acionar um botão na parede protegido por um vidro que dizia “Quebrar em caso de intrusos”, Henri teve uma ideia repentina em que apostou todos os gamas de coragem que estava vagarosamente reunindo desde que chegara naquela realidade estranha.

Henri, pura e simplesmente, fixou os olhos no infinito, muito sério, e começou a falar a linguagem do pê.

_ Eupeu apachopho quepe vopocepê épé opo caparapa mapaispis hoporoporoposo quepe japa vipi napa mipinhapa vipidapa.

A reação de Tera e todos os outros colegas que o observavam foi inesperada: primeiro eles ficaram parados, olhando fixamente para Henri com os olhos arregalados e cheios de pânico. Depois, Tera gritou “Aberração! Corram, deve ser contagioso!” e no segundo seguinte ele e seus colegas tentaram correr para direções diferentes, aos esbarrões. Não deu tempo nem de Tera pensar em acionar o alarme contra intrusos, devido ao empurra-empurra, e em instantes a turma havia desaparecido no corredor.

_ Não sei que diabos você falou, mas foi genial! – Fenol parabenizou-o.

Assim, finalmente Henri estava começando a mostrar para que veio. E de onde veio. E para onde estava indo. E todas essas coisas que te perguntam quando você está num país estrangeiro, por exemplo.

* * *

O extensor do sapato de Henri havia emperrado e ele estava pequeno novamente. Estavam, porém, alcançando a saída de emergência, dessa vez de verdade. Enormes placas holográficas, resultantes da visão LCD de Henri, pendiam do teto indicando quantos metros faltavam para alcançá-la. 50 metros,

dizia a primeira. 30 metros, dizia a segunda. Henri já não sentia mais as pernas, de tão rápido que corria, e ficava imaginando o que teria fora daquela porta. 15 metros.

De repente, foram forçados a parar.

Dois enormes seguranças, com capacetes de titânio e jeito robótico, e por acaso eram robôs mesmo, se materializaram do nada em frente à porta.

A vista de Henri foi escurecendo, até que o garoto perdeu a consciência.

* * *

Um chão frio, duro e nada amigável, como se nele estivesse gravado “Você não é bem-vindo aqui” com letras pesadas e também nada amigáveis. A visão de Henri foi entrando em foco aos poucos. As paredes eram de um cinza ainda mais frio e fechado que as paredes que ele tinha visto pelo NIPPON até então, e também pareciam dizer “Você não é bem-vindo aqui”. Henri piscou os olhos, assustado, ao ver que realmente era o que elas diziam, em letras pesadas gravadas como sulcos no metal.

Estavam em uma sala apertada e fria, muito parecida com as celas de segurança máxima que Henri via nos telejornais. Começou a sentir um frio na espinha e isso não parecia ser um bom sinal. Fenol estava sentado em um canto, abraçando próprias pernas e resmungando sozinho.

_ Já era, Já era, já era - dizia ele.

Henri foi se aproximando devagarzinho.

_ Fenol? Você está bem?

Fenol olhou para ele com os olhos arregalados, em choque. Tremia e abriu a boca devagar. Palavras pareciam estar se formando aos poucos.

_ S-sabe, eu realmente achei que a gente ia escapar dessa. A fumaça, nossos disfarces, depois sua saída genial pra fugir do imbecil do Tera. Tudo bom demais pra ser verdade. Agora estamos presos aqui e voltamos à estaca zero, aliás, estamos perdidos, fritos e lascados. Daqui não vai dar para escapar mesmo...

_ Que lugar é esse, Fenol? – Henri dizia olhando mais uma vez para todas as paredes.

_ Era isso que eu mais tinha medo. Achava até que era uma lenda, pois nunca tinha visto nenhum caso desde que vim trabalhar aqui. Bom, fomos pegos pelos robôs de segurança do NIPPON. Em breve eles entrarão nessa sala e nos aplicarão o laser da arma Esquecerol. Disseram-me que eles só aplicavam nos intrusos, mas por eu estar aqui agora acho que nega a teoria. Tudo é muito estranho, não era para acontecer isso. Nem quero imaginar a sensação de se ter



a memória alterada. Deve ser horrível, já ouvi falar que até seus neurônios são afetados...

Os pelinhos da nuca de Henri se arrepiaram. De repente, um calor desconhecido tomou conta dele. Alguma coisa estava diferente nele mesmo desde que chegara aos anos 3000, e não eram somente os olhos, as roupas e o corte de cabelo. Talvez, ele pensou, eu esteja mesmo destinado a estar aqui. Talvez era isso que ele precisava – mergulhar de cabeça em uma aventura nova e excitante, mesmo que naquele ambiente opressivo e não amigável. Talvez as coisas passassem a mudar a partir dali, e ele não sabia exatamente o quê, ou se as mudanças ocorreriam somente com ele ou com as pessoas e coisas ao seu redor.

O garoto inflou o peito e disse, cheio de confiança:

_ Eu vou tirar a gente daqui.

Fenol olhou para ele, estupefato, mas esperançoso de que em pouco tempo eles iriam sair dali com as memórias intactas.

Passados alguns minutos, ouviram do outro lado da porta um barulho que parecia de caixa de supermercado, talvez fosse alguém apertando alguns botões para abrir a porta. Não deu outra e segundos depois dois grandes robôs entraram na sala, carregando enormes armas que pareciam de brinquedo – ou pelo menos era assim que Henri preferia imaginar que fossem.

_ O menor primeiro – disse o maior deles se dirigindo ao outro, que por ser menor não era nem de longe menos assustador.

Henri viu a arma ser apontada para sua cabeça como numa cena de filme em câmera lenta. Sentiu o frio cano da arma encostando-se a seus cabelos. Fechou os olhos com força. O garoto estava esperando um grande estampido, quando algo lhe disse que deveria fechar os olhos com ainda mais força e fixar a mente em um só pensamento.

Assim, do nada, uma coisa excepcional aconteceu: Quando o robô estava acionando o gatilho, a arma pareceu ter tomado vida própria, e aos poucos escapou da mão do robô, levantando-se no ar acima de suas cabeças. Atônitos, os robôs simplesmente não fizeram nada, pois seus circuitos não estavam programados para lidar com situações tão improváveis, e ficaram apenas imóveis olhando para a arma levitando a poucos metros de suas cabeças.

A arma, então, disparou duas vezes, e os dois disparos acertaram exatamente a cabeça dos robôs, que caíram no chão, perdendo a consciência.

Se é que robôs possuem alguma consciência para perder.

CAPÍTULO 7

Eventos não-previstos acontecem o tempo todo em nossas vidas. Às vezes eles são bons, outras vezes são ruins, mas inexplicavelmente tendemos a lembrar só dos ruins e esquecer os bons.

Por que é que temos essa mania? Por acaso somos todos pessimistas? Por que muitas vezes nos lembramos direitinho da primeira briga que tivemos com alguém, e não nos lembramos da primeira risada que demos juntos?

Há, ainda, aqueles eventos que ocorrem e simplesmente não conseguimos decidir na hora em que acontecem se são bons ou ruins. As consequências para nós mesmos só conhecemos horas depois, ou mesmo dias depois, ou mesmo anos, ou às vezes os anos se passam e nem assim conseguimos colocar em palavras exatamente os efeitos daquele evento. Acabamos, então, dizendo: “Foi ruim por um lado e bom por outro”.

Henri estava refletindo sobre tudo isso, mais exatamente sobre a terceira parte, pois ainda estava muito confuso com o fato da arma do robô ter disparado com a força de seu pensamento. Certamente seu pai não possuiria uma explicação lógica para isso. Não sabia ao certo como se sentir: assustado, feliz ou simplesmente alguém cumprindo seu instinto de salvar sua pele e a dos outros. Se não estivesse pensando tanto sobre isso na hora em que Fenol e ele finalmente saíram do NIPPON, talvez estivesse mais preparado psicologicamente para o que veria fora dele.

Na verdade, do lado de fora do NIPPON não havia nada demais a não ser um grande elevador, esquisitíssimo, cinza gelo, com luzes verdes pendendo do teto sem botão algum. Para a sorte de Henri e Fenol, ele estava vazio e assim poderiam se dirigir a outro andar sem correr o risco de serem impedidos por mais ninguém.

Fenol, ainda com as pernas bambas depois de quase ter sua memória alterada, virou-se para Henri disse:

_ Agora, Henri, vou te levar para o coração do Complexo Yotta. É lá o centro de todo o complexo, onde tudo acontece. Você tem que ver com seus próprios olhos...

Talvez não existam palavras nos dicionários de hoje nem do futuro que descrevam a sensação de olhar um lugar daquele pela primeira vez. Não era nada parecido com qualquer coisa que Henri já vira na vida, ou mesmo na

televisão, ou nos jogos de videogame de seu pai, ou nas revistas de arquitetura de sua mãe.

Haviam saído do elevador, que dava em uma espécie de hall, protegidos apenas por três fileiras de barras metálicas. Eram apenas aquelas barras que separavam os dois da visão mais assustadora de sua vida. Henri olhou para os lados, para cima, para baixo, e simplesmente não conseguiu ver até onde aquele andar ia. Ele era circular, composto por um gigantesco átrio e centenas de andares menores pareciam estar grudados às paredes. Henri não conseguia nem contar quantos eram. Provavelmente ali cabiam dezenas de campos de futebol empilhados na vertical, ele pensou. Milhares de vozes falavam ao mesmo tempo, e viu que lá embaixo, até onde podia ver, essas vozes pareciam pertencer a milhares de pessoas, que daquela altura pareciam formiguinhas andando rápido.

_ Esse – disse Fenol com um ar pomposo – é o andar que chamamos de USA, Unidades de Sinestésias Avançadas.

Henri não conseguiu falar nada durante alguns minutos, pois ainda estava tentando se acostumar com o tamanho do lugar.

_ Venha, Henri. Vamos pegar outro elevador, vou te mostrar algumas partes daqui.

O garoto logo viu que havia centenas de outros elevadores menores nos outros andares, e filas e filas de pessoas entravam e saíam deles a todo instante. Entraram em um deles, que parecia igual aos outros, e desceram alguns andares. Após alguns minutos, a porta se abriu e Henri, cheio de expectativas, mal conseguiu se controlar ao sair dele.

Foram parar em um corredor largo e comprido, em que mal se podia ver aonde ia parar. Estava apinhado de gente, mas as pessoas não pareciam se importar muito com a presença deles ali. Henri logo percebeu que as pessoas eram bem parecidas com ele, pelo menos as roupas, a visão LCD e o corte de cabelo nos homens e nos garotos, então era como se ele fosse totalmente normal naquele lugar.

Andando mais um pouco ao lado de Fenol, que também não era notado apesar de ser diferente, logo viu que na verdade as pessoas não pareciam reparar nem mesmo umas nas outras. Elas andavam em filas indianas impecáveis, apressadas, sem olhar para os lados e mantendo-se como se justapostas entre cordões de isolamento invisíveis. Apesar do barulho ensurdecido de pessoas falando ao mesmo tempo, elas pareciam estar falando consigo mesmas ou falando com outras pessoas por meio de aparelhos invisíveis. Era uma visão bastante estranha de se observar de fora. Mas do que aquela cena se diferia das

ruas de São Paulo? Das filas de carros com vidros fechados? Das filas de banco, dos caixas de supermercado?

Então, entraram no percurso invisível, Henri atrás de Fenol, e andavam rápido e em silêncio. Henri estava mergulhado em pensamentos, tentando juntar A com B:

_ As pessoas não estão usando aparelho nenhum... Mas parecem estar falando sozinhas... E também parecem estar olhando em um ponto fixo... Peraí, elas também usam a visão LCD como videofones?

_ Vi dielfones? O que foi que você viu?

Henri gargalhou.

_ Videofone. É o nome de um aparelho que há gente usava há mil anos, quando alguém tocava lá no meu apartamento a gente podia falar com quem estava lá embaixo e ver a cara da pessoa.

_ Hum. Deve ser o mesmo princípio. É assim que as pessoas se comunicam por aqui na maioria do tempo. E sim, elas usam a visão LCD. Você vai ver que ela tem outras funções. Só não posso te contar todas porque eu também não sei... Afinal, meus olhos são recessivos.

Fenol tentava disfarçar, mas na verdade ainda estava bastante impressionado com o episódio da arma disparada por Henri. Nunca tinha ouvido falar em tal poder – e torcia para que fosse resultado da visão LCD – mas não queria assustar o garoto antes que tivesse certeza. Arrumaria algum jeito de voltar ao laboratório mais tarde e pesquisar, pesquisaria dia e noite se fosse preciso. Talvez estivesse diante de uma grande descoberta, e nem sequer podia imaginar o que aconteceria a Henri caso pessoas erradas ficassem sabendo de tal poder. Ele se afeiçoara ao garoto e não queria que nada de mal acontecesse a ele.

Por ora, decidiu não comentar o assunto. Preferiu mostrar alguns lugares daquele mundo para ele e deixaria para se preocupar mais tarde.

O menino estava ficando um pouco ansioso porque não conseguia ver nada ao seu redor além de muitas cabeças andando em linha reta. Perguntava a Fenol onde eles estavam indo e Fenol só respondia vagamente com “Você vai ver, você vai ver...”. Decidiu então testar sua visão LCD ordenando-lhe que mostrasse o mapa do lugar. Só conseguiu ativar a parte do mapa que mostrava o corredor de pedestres onde estavam, com nada além de instruções de “Siga Adiante” e o nome do tal corredor: Estreito de Bering. Se Henri não prestasse atenção às aulas de Geografia do colégio, não perceberia que ele tinha o mesmo nome de um famoso estreito encontrado na Terra de seus tempos, e seu professor já havia explicado à turma sobre a imensa ponte que engenheiros esperavam construir sobre ele. Ficou se perguntando se era essa a tal ponte, mas não era possível...

Henri pensou que a arquitetura daquele lugar não fazia muito sentido. Os corredores, vistos do átrio, eram circulares, mas ali estavam andando sempre em linha reta. Talvez este não fosse o mesmo corredor, mas tudo era muito estranho. Sua mãe ficaria maluca por aqui, pensou. Ou talvez ela entendesse melhor tudo aquilo e tivesse alguma explicação matemática para o lugar, mas na verdade parecia ser uma matemática muito avançada. Ou mesmo mágica. O garoto estremeceu.

Andaram com a horda de pessoas pelo que pareceu uma meia hora, até que chegaram a um enorme portal em que uma placa com enormes letras de neon piscavam mostrando as palavras "USA - Unidade Diversão".

_ É aqui - disse Fenol.

Cruzaram o portal e a visão de Henri foi momentaneamente ofuscada por milhares de anúncios coloridos piscando e se movendo diante de seus olhos. Alguns eram mais fáceis de entender, como por exemplo um que dizia "Compre Gillex - para um barbear realmente perfeito - 100% à prova de erro humano", passando por "Adquira já a câmera Nixon ZDELTA3600 com uma polegada de diâmetro e resolução de 12 terapixels - Fotografe até seus glóbulos vermelhos" e uns que Henri realmente não entendeu nada do que diziam, como por exemplo "Atualize seu visor LCD com o pacote Gama 100.2 upgrade e adquira as *Multiply Act Functions 4.5*. Desenvolvido pela Pinapple". O garoto passou alguns minutos tentando ordenar mentalmente coisas aos anúncios, tais como "Sai pra lá!" e "Desaparece!", enquanto quase esbarrava nas pessoas à sua frente. Finalmente conseguiu enxergar o lugar ao redor e percebeu que haviam adentrado no que parecia ser o maior parque de diversões da história, com gigantescos brinquedos e profusões de luzes e cores de fazer inveja a qualquer parque da Disney World. Estava apinhando de gente, todos andavam ainda obedecendo às linhas imaginárias, desviando de seu caminho apenas para entrar em milhares de lojas, lojinhas e lojonas. Tudo ali parecia exagerado e meticulosamente calculado para deixar qualquer um que passasse por ali de queixo caído. Andaram mais um pouco e Henri viu que não se tratavam de brinquedos, e sim de mais e mais lojas.

A ficha de Henri finalmente caiu e ele percebeu que estava no maior centro de compras de que já ouvira falar.

Fenol perguntou ao garoto se ele estava com fome, afinal tinham passado tantas horas vivendo aventuras que haviam se esquecido completamente que o estômago às vezes pede arrego. Entraram em uma espécie de lanchonete colorida e brilhante chamada Saturno's e se sentaram em grandes anéis que serviam de banco em volta de um balcão redondo e ainda mais brilhante. Grandes projeções holográficas flutuavam à frente das pessoas, todas mostrando a mesma programação: uma espécie de novela futurística, em que a mocinha e o mocinho tinham um encontro romântico à luz de estrelas holográficas (a câmera por vezes se esquecia deles e mostrava por exemplo os sapatos novos dela - uma grande legenda em *pop-up* indicava que estes podiam ser encontrados à venda na Jammo Choo).

Henri estava se perguntando onde estaria o garçom, quando Fenol lhe disse que o pedido era feito por meio de sua visão LCD.

O garoto, então, pensou: "Mostrar Menu" e apareceu à sua frente uma espécie de livreto colorido, brilhante e chamativo - quantas luzes, Henri pensou, vou ficar cego nesse lugar - com informações miúdas acerca dos pratos. Fenol pediu para que o garoto escolhesse por eles dois, já que ele não podia ver menu, e Henri escolheu a opção que lhe pareceu mais segura: Dois *cheeseburguers* com batatas fritas e refrigerante. Uma tela de "Confirmar pedido?" apareceu e Henri disse "Sim".

Em instantes que pareceram alguns segundos, um barulho um pouco parecido com o de um jato propulsor parecia sair do balcão. Uma pequena escotilha se abriu e duas pequenas caixas fechadas saíram dela. Henri estava muito ansioso para experimentar a comida do futuro, abriu a caixinha e, para sua surpresa, lá continha apenas seis pílulas de cores diferentes, do tamanho de amoras.

Já prevendo a série de perguntas, Fenol disse que era seguro comer. Bastava engolir a pílula das batatas fritas primeiro, depois as do pão, do hambúrguer, da maionese e do queijo em seguida, e por fim a do refrigerante. Na verdade essa era a ordem mais recomendada para se apreciar o sabor do lanche, mas ele poderia engoli-las na ordem que preferisse. Henri olhou desconfiado para aquela comida em forma de remédio, mas mesmo assim pegou uma delas, em que percebeu estar escrito "Batata frita" em letras minúsculas, e engoliu de uma vez.

Aquela era uma sensação muito estranha. Sentiu o sabor da batata descendo por sua garganta, mas estava acostumado a mastigar ao comer. Então pegou as pílulas do *cheeseburger* e começou a mastigá-las, mas em alguns segundos elas se desfizeram em sua boca. A pílula do refrigerante foi de longe a mais esquisita. Uma sensação líquida começou a tomar conta de sua boca, de

sua garganta e por fim de seu estômago, e estranhamente não estava mais com sede. Em menos de três minutos, os dois estavam alimentados. Fenol parecia satisfeito enquanto Henri pensava que toda a parte divertida da comida tinha sido perdida, até que uma tela com a conta para pagar começou a piscar diante dele. Uma luz azul saiu da escotilha e escaneou o corpo de Fenol e de Henri, enquanto aquele lhe explicava que esta era a maneira como as pessoas pagavam pelos serviços: um micro-chip era instalado em sua roupa e a corporação ia acrescentando créditos virtuais a cada mês. Dependendo de sua profissão, você recebia mais ou menos. Quando se pagava alguma coisa, esses créditos eram virtualmente debitados. Henri ainda estava tendo dificuldade para entender a lógica e refletindo sobre o quanto era estranho ter uma luz debitando dinheiro de você, quando uma mensagem de “Até logo e volte sempre” começou a piscar na sua frente. Olhou para trás e viu que uma fila enorme de pessoas estava esperando para entrar no estabelecimento. Disse para Fenol que talvez fosse hora deles explorarem outro lugar. E foram.

Andavam um pouco esmagados pelo mar de gente enquanto Henri perguntava a Fenol se até as crianças ganhavam tais créditos.

_ É claro. E por que não ganhariam? Quando não estão estudando para seguir uma carreira algum dia, elas estão por aqui na Unidade Diversão.

_ Então eu também tenho um micro-chip instalado em minha roupa? – perguntou Henri, um pouco descrente.

_ Tem sim, é lógico... Sempre foi assim! Na sua época isso já devia existir.

_ É claro que não! – respondeu Henri, erguendo uma das sobancelhas.

Caminharam mais um pouco e Henri ficou bastante desconcertado com uma loja em particular, cuja fachada devia ser do tamanho de um shopping center. Ele até se perguntou se não seria mesmo um shopping center, mas as gigantescas letras na fachada indicando *Pinapple Store* não deixavam dúvida de que era apenas uma loja realmente grande.

De repente, um desejo incontrollável de entrar e explorar o lugar tomou conta de Henri. Ele não sabia ao certo o porquê, já que geralmente não gostava de entrar em lojas e muito menos naquelas tão grandes que a gente entra para comprar uma coisa e sai carregando várias sacolas de coisas que nada tinham a ver com a coisa que a gente ia comprar. Mas algo muito esquisito dizia que Henri deveria entrar, um calorzinho estava tomando conta cada vez mais dele, estava ficando cada vez mais ansioso e dizia para Fenol:

_ Por favor, vamos entrar, eu preciso, eu preciso, eu preciso!

Fenol, por sua vez, estava com os olhos vidrados na fachada da loja, como que hipnotizado, seus pés iam levando-o até a porta sem que ele pudesse se dar conta e nem sequer respondeu o garoto. Henri olhou para os lados e viu que

muito mais pessoas estavam saindo das ruas e indo em direção às lojas, como se atraídas por um ímã invisível que as puxava para dentro.

Estavam chegando à porta e um aviso piscou na frente dos olhos de Henri, dizendo que a loja só iria abrir dali a quatro minutos. O aviso parecia ter aparecido para as outras pessoas também, pois todas resmungavam ao mesmo tempo. Esperaram impacientemente durante três minutos, e no minuto final um grande empurra-empurra tomou conta da porta, as pessoas se acotovelavam para ver quem ia entrar primeiro. Faltando trinta segundos, Henri levou uma cotovelada na costela. Nos vinte segundos, Fenol gritou um “Ai” pois um senhor havia pisado com força no pé dele. Quinze segundos, o tal senhor tentava comprar briga com Fenol, mas Henri o beliscou na barriga pelo lado oposto, fazendo-o procurar por quem o havia beliscado. Dez segundos, Henri achou que fosse desmaiar por falta de ar. Finalmente, um aviso de “Aberto” piscou à frente deles e uma horda desembestada de pessoas entrou na loja ao mesmo tempo, Henri pensou que a sensação era dez vezes pior do que todos os alunos saindo ao mesmo tempo da escola ao final das aulas.

Conseguiram entrar a muito custo, esbarrando em algumas pessoas pelo caminho, e alguns passos depois finalmente conseguiram respirar direito. Henri olhou para os lados e estava muito impressionado para falar qualquer coisa. Aquele lugar parecia infinito, então ele ordenou à sua visão que lhe mostrasse um mapa de lá. Incrivelmente, esse mapa também mostrava os anúncios da loja, muitas do tipo “Grande lançamento da semana – últimas unidades”, mas elas estavam deixando Henri um pouco confuso. Nem mesmo Fenol, que conhecia o lugar melhor que ele, sabia por onde começar. Ele explicou ao garoto que sempre teve que se virar por ali sem um mapa, já que não possuía visão LCD, e certa vez quase teve que dormir em cima de um monte de microprocessadores por não achar a saída, mas que foi expulso do lugar por alguns robôs de segurança antes que pudesse fazer isso.

Então, os garotos foram andando pela megaloja, Henri foi observando milhares e milhares de pilhas de aparelhos eletrônicos dos quais jamais ouvira falar. Pararam em frente a uma grande TV de 172 polegadas, muitas pessoas se aglomeravam à sua volta, mas pareciam irritadas, pois os canais eram mudados a todo instante. Henri descobriu que, ao passar em frente à TV, sua visão LCD se tornava também um controle remoto. Um painel com opções de trezentos canais piscava à sua frente, e talvez fosse isso que estivesse irritando tanto as pessoas: umas queriam colocar no canal *Pílulas e Beleza* e outras no canal *Esporte na Poltrona*. Um robô funcionário, usando um grande crachá de aço reluzente, recebeu um aviso em seus circuitos e logo apareceu no meio da multidão, programando a TV para o modo *demo*, de maneira que ninguém

mais podia mexer em sua programação. Agora a TV estava parada no canal *Aço TV*, num programa entediante que mostrava o quanto os robôs eram importantes para o complexo, e o que os robôs eram desenvolvidos com tecnologia de ponta para melhor atender à população. Henri começou a bocejar exatamente na parte que mostrava um robô de avental segurando uma espécie de vassoura eletrônica e dizendo “A casa está limpa, senhora”. Olhou para os lados e viu que as pessoas estavam olhando para a tela, com o olhar fixo, parecendo entediadas. Nem parecia que há instantes atrás estavam querendo assistir a canais diferentes.

Saíram daquela seção e foram parar na seção de jogos, que sem dúvida era a mais lotada de todas. Crianças se amontavam em frente às prateleiras, tentando comprar tudo de uma vez, atraídas pelas imagens das telas de demonstração dos jogos. Uma garotinha pequena estava abrindo um berreiro com sua mãe porque seu carrinho de compras, quatro vezes maior que ela, ainda estava vazio em comparação ao carrinho das outras pessoas. A mãe, então, num ato desesperado, começou a enchê-lo com diversos jogos eletrônicos, até que a filha finalmente se acalmou. Henri se lembrou vagamente da cena de sua irmã na cozinha naquela manhã, e riu porque mesmo quase mil anos depois, cenas daquele tipo ainda pareciam comuns de se acontecer.

Quando chegaram às enormes prateleiras de jogos, (estes na verdade eram pequenas caixas contendo chips a serem instalados em um console) curiosamente Henri não sentiu vontade de comprá-los. Fenol, por outro lado, parecia estar babando de vontade de possuí-los, mas algo parecia estar impedindo-o de comprar.

– Não posso comprá-los simplesmente porque não posso jogar. Não existe outra forma de jogar que não seja por meio da visão LCD, ela serve como um controle – disse Fenol, não escondendo uma nota de desapontamento na voz – Malditos olhos anormais – completou.

Henri tentava, sem jeito, consolar o garoto, quando olhou para o lado e seus olhos se fixaram em uma placa próxima a seção de jogos que dizia “Guia definitivo do Complexo Yotta”. Não pensou duas vezes, se afastou de Fenol e foi se aproximando da máquina de leitura a laser próxima à placa. Uma luz o escaneou e em instantes surgiu uma tela dizendo “Debitados – 68 yottins”. Ansioso, Henri ordenou “Ver Guia definitivo do Complexo Yotta” e um enorme mapa surgiu à sua frente, mais complicado que qualquer mapa já visto até então, e milhares de vezes mais complicado que qualquer mapa de metrô de sua época. Percebeu, então, porque não conseguira antes ativar o mapa por completo: Era preciso pagar para ver tudo, e mesmo após adquiri-lo Henri estava se arrependendo de tal feito. Afinal, o mapa estava repleto de reentrâncias, cruzamentos,

GUIA DEFINITIVO DO COMPLEXO YOTTA

- ELETROLÂNDIA
- ELETRODANCETERIA
- CASA DE JOGOS
- PINAPPLE STORE
- E-MODEL
- PÍLULA'S LANCHES
- SATURNO'S
- PÍLULAFORIA
- PARQUE DOS NEUTRINOS
- MOORE ELETRÔNICOS
- ROGÉRIO ELETRO
- E.ELETRÔNICOS
- ELETROFRIO
- ELETRORAMA

VER

siglas e legendas desconhecidas, coisas das quais ele jamais ouvira falar, e provavelmente nem mesmo Fenol conhecia todas.

Henri ficou um pouco frustrado, e na mesma hora Fenol apareceu desesperado atrás dele.

_ Nunca... mais... suma... Quase... morri... – ofegava Fenol, com a língua para fora e esfregando o peito com uma mão.

Quando Fenol recuperou o fôlego, disse que era hora de irem embora da Unidade Diversão, pois estava ficando tarde. Teriam tempo de explorá-lo novamente mais tarde.

Somente uma hora depois, no entanto, conseguiram encontrar a saída.

* * *

A curiosidade humana é algo que às vezes parece sobre-humano. Não temos muito controle sobre nossa própria curiosidade, e por vezes quando descobrimos alguma coisa nova, queremos descobrir mil outras.

O pressuposto básico da curiosidade geralmente parte da palavra “não”: “Não entre”, “não faça isso”, “não pise na grama”, “não fale de boca cheia”, “não fale com estranhos” e muito menos ande na rua plantando bananeira. O não possui um fascínio indescritível sobre nós. A pergunta que imediatamente nos fazemos após ouvir um não é “E se...?”. Às vezes ele parece entorpecer o cérebro e nos puxar pelos pés, nos faz esquecer normas, regras, horários, que dia é hoje e até mesmo o que comemos no almoço. Somos levados pelo vento, pelo mar, não importa. Algo parece ser maior que tudo aquilo, nos tornamos cegos às outras coisas a nossa volta até que essa inquietação por conhecer e experimentar seja acalmada.

Outro lado da curiosidade é que ela sempre traz consequências. E, em algumas delas, não são consequências muito boas.

Foi a curiosidade, portanto, que levou Henri a aceitar estar naquela realidade a mil anos à frente da sua. Foi ela, ainda, que não o fez surtar de vez, pedindo para Fenol que pelo amor de Deus arrumasse um jeito dele poder voltar para casa logo, para sua família e seu mundo. Culpa da curiosidade que Henri tenha ido para cada vez mais longe do lugar aonde chegou, e estava ali querendo conhecer tudo, saber de tudo, perguntar tudo e viver um pouco daquilo.

Se fosse um sonho, ele pelo menos teria assunto para a próxima redação da escola.

A aventura de Henri, no entanto, estava trazendo as consequências ruins da curiosidade. Não diretamente para ele, mas para seus familiares, lá nos anos 2000. O tempo não para, e não parou por conta do Periodolador. Fenol não sabia disso, muito menos Henri. Nem mesmo os cientistas que criaram tal aparelho tinham certeza do que acarretaria brincar com o tempo e o espaço, e certamente não o lançariam até que tivessem feito testes e mais testes.

Henri não havia aparecido para o jantar, e seus pais estavam ficando preocupados. Já haviam ligado para metade dos colegas do garoto, e nenhum deles sabia de seu paradeiro. O porteiro dizia à mãe que jurava ter visto uma luz muito forte e estranha vinda do terreno baldio ao lado do prédio por volta da hora do almoço. Irritada, ela perguntou o que aquilo tinha a ver com seu filho, e o porteiro respondeu que não sabia, apenas que havia achado o fato curioso. Ela agradeceu a informação e subiu novamente a seu apartamento pensando “Esse senhor sempre foi meio maluco”. Estava ficando cada vez mais preocupada e, se Henri não aparecesse em uma hora, ela iria chamar a polícia.

* * *

Henri e Fenol estavam voltando novamente pelo Estreito de Bering, no meio da multidão. O menino estava um pouco entediado enquanto andava por ali e novamente era obrigado a seguir o fluxo de pessoas andando em linha reta.

De repente, Henri olhou exatamente aonde ninguém mais naquele lugar pensaria em olhar: para cima. Viu que ali não tinha nada demais à primeira vista, parecia um teto normal a não ser por uma fileira de tijolos escuros aco- plados ao teto que acompanhavam o corredor. Olhou mais atentamente, de- sacelerando o passo, e viu que não eram tijolos escuros, e sim lajotas de vidro. Deveria se tratar de uma espécie de decoração, e ninguém ao redor parecia ter algum dia reparado em uma coisa tão banal. Mas algo ainda intrigava Henri, e então ele parou totalmente de andar, sendo xingado por alguns pedestres desa- visados que quase tropeçaram nele.

Não estava se importando muito com isso naquele momento. Concen- trou todo seu pensamento em uma das lajotas de vidro, e uma coisa incrível aconteceu: Ela começou a se expandir rapidamente, e foi se expandindo e se espalhando por todo o corredor, e tudo mais foi se tornando vidro. Os pedestres mal repararam na mudança, no máximo imaginaram que estava um pouco mais frio e escuro e aumentaram a temperatura de suas roupas metalizadas.

Mas Henri começou a correr perpendicularmente pelo corredor, desviando das pessoas, que estavam um pouco incomodadas com a movimentação.

Henri tentava achar o fim daquela parede de vidro. Fenol gritava ao longe, tentando dizer que assim ele iria atrapalhar toda a fila. Mas Henri não se importava, sua curiosidade era muito maior. E então, tateou à sua volta procurando o vidro. Deslizou suas mãos pela superfície lisa e fria, e olhou lá embaixo.

Estava muito escuro lá, mas mesmo assim era uma visão impressionante: apesar de haver uma fumaça pesada que tomava conta do lugar, podia ver milhares de estruturas de metal, todas entrelaçadas, e em cima delas o mais deslumbrante maquinário que Henri já vira, muito maior que qualquer um que já tenha se visto na Terra dos anos 2000. Lá embaixo, para espanto de Henri, também parecia ter milhares de pessoas, mas a essa distância era impossível dizer como elas eram e o que estavam fazendo ali. Enquanto o garoto estava imaginando se sua visão também permitia algum modo de zoom, Fenol conseguiu chegar até ele, ofegante.

_ Henri, você está maluco? Tem câmeras de segurança aqui e você está atrapalhando o trânsito de pessoas, e não sei que diabos você fez no Estreito, mas acho melhor desfazer senão...

_ Fenol, dá uma olhada lá embaixo.

Fenol bateu a testa no vidro tamanho o susto, e ficou massageando o lugar com a ponta dos dedos enquanto olhava lá embaixo, com os olhos arregalados.

_ Meu Deus, então é aqui que eles trabalham... Achei que fosse até uma lenda...

_ Que lenda, Fenol? Quem são eles?

_ Mais tarde eu te explico. Precisamos sair daqui. Venha, vou te levar pra minha casa e você irá conhecer meus pais.

De repente, o vidro virou uma parede sólida de novo. Era divertido conseguir fazer aquelas coisas com a força do pensamento, Henri pensou. Mas por outro lado, ainda estava pensando nas pessoas lá embaixo, quem eram e o que faziam ali.

CAPÍTULO 8

Henri não imaginava que pudessem existir carros naquele andar, já que só havia andando a pé até o momento. Estava até começando a achar que as pessoas do futuro eram muito mais saudáveis e ativas, já que durante o trajeto simplesmente não viu um veículo sequer.

Imagine então o tamanho do susto que o garoto levou quando finalmente saíram do Estreito de Bering, pegaram um elevador diferente para chegar ao átrio e quando a porta se abriu se depararam com milhares de carros voadores voando em todas as direções. Na verdade não se pareciam muito com carros e sim com cápsulas alongadas, como as pílulas de alimentação que haviam comido mais cedo. Pararam numa grade que separava o hall do elevador e tudo lá embaixo.

_ Fenol, por que existem carros aqui e não existem carros na Unidade Diversão?

_ Carros, Henri? O que são isso?

_ Aquelas coisas voando ali em cima.

_ São autonaves, é a nossa forma de transporte. Mas como perdi a chave eletrônica que ativa a minha, num episódio muito triste em que o bolso do meu jaleco rasgou- se sozinho, vamos ter que ir para minha casa a pé. Na verdade seria fácil arrumar outra chave, mas meu pai acha que esse é um bom castigo pra mim. Logo eu, que sou praticamente um adulto!

_ Hum. Que pena, eu gostaria de andar em uma delas. Mas tá, e por que todos andavam a pé na Unidade Diversão?

_ Que bom que você reparou. Agora me diga: por que se anda a pé em algum lugar?

_ No seu caso, por estar de castigo – Henri e Fenol riram – Mas falando sério, as pessoas andam para economizar. Ou para emagrecer.

_ Economizar? Economizar no quê? Não estamos num período de recessão, muito pelo contrário. As pessoas compram e podem comprar cada vez mais. E emagrecer... Bom, por um lado sim. Na verdade há algumas décadas a Corporação Megalo instaurou uma norma que estabelece limites de calorias ingeridas por dia por pessoa. Muitas pessoas estavam exagerando nas pílulas e, bem... estavam gerando gastos exorbitantes com saúde para o complexo. Hoje, quem não obedece ao limite de calorias é preso. Meu pai quem me disse isso, quando eu era pequeno. Não sei se era mentira, historinha para a gente deixar

de ser guloso, mas o fato é que eu sempre acreditei. Nunca voltei a perguntar isso para meu pai, na verdade há tempos não pergunto muitas coisas para ele...

_ Não sei mais por que, então. Foram as únicas coisas que me vieram à cabeça.

_ Sabe sim. Você é um garoto inteligente, pelo pouco que te conheço. Por que andamos pelas ruas das lojas a pé e não em veículos?

De repente, Henri se lembrou de como era a sensação de se estar em um vagão de metrô. Lembrou-se que, quando tentava olhar as coisas lá fora que passavam rapidamente por seus olhos, era impossível absorver tudo o que via. E se via algo interessante, não tinha tempo suficiente para analisar melhor. Era por isso que preferia olhar as pessoas que estavam dentro do metrô: estavam paradas em relação a ele e assim podia analisá-las melhor, absorver todas as suas características, analisar seu modo de se vestir, saber como se portam, a sua voz e tudo mais.

O garoto fez uma cara de quem claramente estava entendendo aonde Fenol queria chegar. Este, então, nem precisou repetir o que Henri havia pensado.

_ Exatamente – Fenol disse logo – A maioria das pessoas daqui nem percebe isso, aliás, acho que ninguém que eu tenha conversado até hoje parece já ter percebido isso. Mas pelo que eu vejo aquelas ruas realmente foram criadas para se andar a pé. Suas características, suas cores, seus cheiros, são características para serem degustadas aos poucos e gravadas na memória. Já começa pelo nome, USA. Sinestesia é a mistura dos sentidos, sabe. Visão que tem cheiro, um som que tem sabor. Nos veículos, ninguém sentiria nada disso. Iriam de um ponto a outro ainda mais rapidamente, sem ter que interagir com o ambiente ao redor, sem que as propagandas em sua visão LCD as induzissem a entrar em uma loja e depois na outra, e na outra, e na outra. Até tentou-se implementar um sistema de vendas por meio da visão LCD, sem sair de casa, mas desconfio que não foi para frente exatamente pela questão dos sentidos, acho que a corporação deve ter reparado que desse jeito as pessoas compravam mais pontualmente, eram menos distraídas por outros fatores. Na verdade isso é mais um palpite meu do que um fato. Mas eu gosto de reparar nessas coisas. Acho que sou meio observador demais.

_ Você é muito inteligente, Fenol.

_ Obrigado. Diga isso a meu pai, quando chegar lá em casa. – e riu.

Ainda ficaram um tempo encostados à grade do hall do elevador. Henri se perguntou o que Fenol estava esperando. Olhou até aonde podia enxergar no átrio e viu que não havia muitos pedestres por ali, na verdade não havia ninguém andando no meio dos carros, mesmo porque não estariam andando

e sim voando. Henri estava refletindo sobre isso quando Fenol gritou “Vem!” e o puxou para fora da grade, que se abriu em direção ao nada do átrio. O garoto quase começou a ver sua vida passando diante de seus olhos como num filme, até que magicamente uma plataforma se materializou diante deles e todos os veículos foram obrigados a parar. Algumas pessoas dentro deles levaram um grande susto, pois algumas dormiam, enquanto outras usavam sua visão para fazer outras coisas que não olhar o caminho.

Foram passando, alcançaram o outro lado, pegaram um elevador, depois outro, andaram mais um pouco, pegaram outro elevador, andaram mais um pouco, e Henri já estava ficando tonto com essas andanças.

Finalmente, chegaram a um grande portão de aço que indicava que iriam adentrar no *Village 13*. Fenol disse uma senha repleta de números em voz alta, o portão se abriu e adentraram numa espécie de rua larga, com asfalto no chão, cheia de árvores e passarinhos e um céu com um pôr do sol incrível. As casas eram esquisitas, todas grudadas umas nas outras e mais pareciam grandes blocos de concreto branco. Conforme andavam pela rua, Henri tentou tocar uma árvore e acabou percebendo que todas as árvores, o céu e etc não passavam de projeções holográficas muito reais, que inclusive simulavam texturas e odores. O garoto estava sentindo uma leve brisa no rosto, o que foi reconfortante. Henri estava pensando se existiam árvores ou céu ou passarinhos de verdade em alguma parte do Complexo Yotta, ou se todos eram cópias quase perfeitas como aqueles, quando pararam de andar.

Chegaram à casa de número 7, que era exatamente igual às outras, a porta de entrada escaneou o corpo de Fenol e se abriu, revelando uma sala grande e bastante moderna. Um lustre em formato de ovo pendia do teto, trazendo uma luz amarelada e quentinha. Uma parede muito branca estava coberta de quadros com molduras, em que a pintura neles se alterava a cada dez minutos, e um sofá que parecia ser feito de pele de animais estava prostrado no centro da outra parede.

_ Isso é pele de que? Não parece de urso, nem de tigre, nem de nada que eu já tenha ouvido falar.

_ Hein? – disse Fenol – São peles sintéticas de animais. Eles já foram extintos há muitas décadas atrás! Lá no NIPPON tem um laboratório especial só para experiências desse tipo. Venha, vou te mostrar o resto da casa.

Mas não havia mais nada para mostrar. A casa se resumia à sala.

_ Que rest...?

Antes que Henri pudesse concluir a pergunta, Fenol apertou um grande botão vermelho junto à parede e magicamente estavam parados no mesmo lugar, só que agora em um pequeno quarto com a parede forrada de pôsteres

interativos de bandas futuristas, uma cama com uma grande cabeceira de aço escovado e luzes neon saindo de grandes listras no teto.

Estavam no quarto de Fenol.

_ Mas como? Há um segundo estávamos na sala – Henri olhava para os lados um pouco incrédulo.

_ Tecnologia R.S.S.M.T: Realidades Simultâneas Sob o Mesmo Teto. Bem legal, né?

_ Bem legal, sim... Mas então seus pais estão por aqui, só que em outro cômodo?

_ Sim. Por essa hora cada um deve estar em seus respectivos quartos. Por isso eu não vejo muito eles, só se por acaso apertarmos o botão para estar no mesmo cômodo. Nós não usamos muito a sala, ela é só um meio de entrada.

_ Peraí, seus pais não dormem no mesmo quarto?

_ Ué, claro que não! Os seus dormem? Que esquisito...

“Eu que sou o esquisito, né?”, Henri disse baixinho.

Fenol estava mostrando o quarto para o garoto, falando dessa ou daquela banda, e contando como os shows eram incríveis e como as projeções holográficas dos artistas eram perfeitas. Enquanto Fenol estava empolgado contando da vez em que quase foi expulso de um show da banda *Intergalactica-100* por um robô de segurança, pois tropeçara sem querer no fio da holografia do baterista, quase arruinando o show, quando Henri se lembrou de que precisava ir ao banheiro.

_ Por que não disse antes? É só fazer suas necessidades na roupa, depois apertar esse botão atrás do seu pescoço. Ela é autolimpante.

_ Fazer na roupa? Tipo um astronauta? E para tomar banho?

_ Asbromauta? Tem outro botão atrás do seu pescoço, é esse segundo a direita.

Henri apertou o botão, um de cada vez. Tomou coragem e fez xixi na roupa. Sentiu-o escorrer pelo que devia ser uma espécie de tubo, sem o menor odor. Olhou para seus pés tentando ver para onde ele ia, mas nada parecia diferente. Apertou o segundo botão e sentiu um jato molhado vindo de dentro da roupa, algo parecido com um sabão se misturou ao jato e foi subindo até seus cabelos. Uma espécie de secador deixou seu corpo seco e seus cabelos em pé novamente em poucos segundos.

_ Já? – perguntou o garoto

_ Já.

_ Não existe nenhuma banheira por aqui pra de vez em quando eu encher de espuma e ficar mergulhando?

_ Não... Que coisa mais primitiva! Você tem cada ideia!

Uma voz tomou conta do ambiente. Era a mãe de Fenol o chamando para o jantar.

_ Que milagre jantarmos juntos! Agora estou meio nervoso, vou ter que inventar uma história cabeluda pra dizer quem é você e avisar que vai dormir aqui... Até que eu descubra como te levar pra casa de volta.

_ Mas eu não quero ir pra casa! Bom, pelo menos não ainda...

Chegaram à sala de jantar pelo sistema de botões. A mãe já estava sentada à mesa, falando sozinha e mexendo em um aparelho similar a um computador pequeno. Ela também apertava alguns botões na mesa freneticamente, e fazia tudo tão rápido que era difícil de acompanhar. Henri parou de acompanhar seus braços se mexendo, olhou para cima e viu que ela era muito bonita, tinha olhos de tela azuis cintilantes e um rosto jovem, apesar de que ela não parecia muito natural e sim uma boneca Barbie. Ela vestia uma roupa igual à dele e à de todos no complexo, mas com grandes detalhes rosa metalizado e um par de óculos escuros com aro de oncinha pendurado em um dos bolsos do macacão.

Ela só percebeu que os dois haviam chegado quando Fenol pigarreou pela terceira vez.

_ Oi, meu filho. Me desculpe, muitas coisas para resolver, chegaram outros carregamentos de aparelhos e parece que alguns robôs enguiçaram... Mas isso não pode sair daqui hein! Nem seu pai pode saber, senão irá ficar chateado, ele odeia quando há qualquer defeitinho na casa.

_ Tudo bem. Mãe, esse é o Henri. Ele vai passar uns dias com a gente.

A mãe nem havia reparado no garoto, e levou um susto e pareceu desconcertada quando o viu parado junto à cadeira.

_ Ah meu filho, por que não avisou que receberíamos visitas? Essa casa está uma bagunça, há tantos anos sem receber ninguém... Oi Henri, me desculpe.

_ Tudo bem, dona...

_ Lara. Muito prazer. Sentem-se, daqui a pouco seu pai deve estar aqui.

Fenol passou os próximos dez minutos tentando explicar que Henri era primo de um colega do laboratório cuja casa tinha explodido devido a uma falha nos circuitos elétricos e que o colega havia pedido para Henri passar alguns dias com ele até que a situação se resolvesse. Fenol se embolou um pouco ao falar, mas a mãe nem percebeu, pois ao mesmo tempo o aparelhinho em sua mão começou a vibrar novamente e ela voltou a conversar sozinha. Os dois

respiraram aliviados, pois ela não parecia estar ligando para os motivos de o garoto estar ali.

Minutos depois, o pai de Fenol apareceu na sala de jantar. Ele também tinha olhos de tela, só que castanhos, e também estava falando sozinho. Ao contrário da mãe, que era uma figura que devia chamar atenção por onde passava, ele era um tipo muito comum, tinha uma cara séria, carrancuda, era um pouco curvado. Sentou-se à mesa resmungando e não cumprimentou nenhum dos três, até que parou de falar e dirigiu um breve “Oi” a todos. Demorou um pouco seu olhar em Henri, olhando-o como se ele fosse um grande bolor crescendo embaixo de sua cama, e então dirigiu a palavra à Fenol.

_ Seu amigo, Fenol?

_ Sim, pai.

O pai abriu um semi-sorriso. Parecia que ele não sabia o que era isso há algum tempo.

O que poderia ter se tornado um silêncio constrangedor se transformou na hora de comer, pois alguns pratos se materializaram a frente deles. A mãe começou a se comunicar olhando para o teto e perguntando a ele o que teria para o jantar. Descobriu que o teto se chamava Gertrudes, mas não era exatamente o teto e sim o sistema de serviços domésticos da casa, que parecia ainda mais moderno que a ideia de se ter simplesmente um robô-empregado. Um braço mecânico pendeu dele e depositou pílulas na frente dos pratos, e uma voz feminina desejou um bom jantar a todos.

_ Macarrão à bolonhesa com ervas rejuvenescedoras, meu favorito – disse Lara.

Engoliram a pílula em dois minutos, esperaram pela sobremesa (pílulas de torta de morango e chantilly) e Fenol disse que era hora deles voltarem a seu quarto.

_ Vamos logo, meus pais estão tendo uma discussão daquelas.

Henri olhou pelos ombros e eles estavam sentados, movendo os lábios silenciosamente e muito rápido, olhando para o infinito com os rostos muito vermelhos.

_ Sintonizador de volume para visão LCD. Ainda bem que inventaram esse troço – disse Fenol, apertando o botão para o seu quarto.

CAPÍTULO 9

Como dormir num lugar daqueles? Numa Terra mil anos à frente da sua? Em um grande prédio que parecia ser do tamanho de todos os shoppings centers ao redor do mundo justapostos? Em que as pessoas tinham olhos de tela e podiam se comunicar mesmo que não saísse uma única sílaba audível de sua boca? Em que, por fim, ele parecia ser dotado de alguns poderes psíquicos que as outras pessoas de lá não possuíam?

Henri estava deitado na cama de armar que Fenol havia arrumado para ele, e havia rolado nela por não sei quantas horas. Estava refletindo sobre tudo o que passara naquele dia, as pessoas que vira, além dos lugares e produtos impressionantes. Se fosse mesmo um sonho absurdo, não queria acordar dele tão cedo.

Olhou para o lado e Fenol dormia um sono profundo, enrolado nas cobertas auto aquecidas como se fosse um grande rissole. Roncava um pouco também, e esse era um dos motivos pelos quais Henri não conseguia dormir.

Resolveu, então, brincar um pouco com o software que havia adquirido mais cedo: O Guia definitivo do Complexo Yotta. Foi olhando cada loja como se estivesse vendo uma maquete, cada rua, e até mesmo miniaturas de pessoas. Ele também informava como estava o trânsito, quais eram as promoções que talvez lhe interessassem mais, as notícias do dia – Vendas do Robô-Amigo XT345 aumentam 146% em dois dias – além de outras funções. Também mostrava uma visão panorâmica da parte residencial do Complexo, e Henri descobriu se tratar de uma área gigantesca. O *Village 13*, no qual estava, era apenas uma parte ínfima de centenas de outras ruas e condomínios que estavam por ali. Todos, no entanto, pareciam morar muito perto uns dos outros. Henri, agora, estava prestes a jogar um joguinho na seção “Passatempos para o trânsito” quando dois enormes olhos verdes – e normais – apareceram bem em frente à sua visão.

Henri só não gritou porque lhe faltou voz. Desligou todas as funções ao mesmo tempo, atrapalhado, tamanho o susto, ao mesmo tempo em que se sentava na cama. Viu que os grandes olhos verdes pertenciam a uma garota, e que ela agora estava sentada em sua cama, olhando para ele em silêncio. Ela era da mesma idade dele, tinha longos cabelos castanhos e ondulados, bonitos apesar de um pouco descuidados e usava roupas puídas, que pareciam fora de moda para aquele lugar.

Mesmo assim, Henri sentiu os pelinhos da nuca se arrepiarem. Não da mesma maneira que havia sentido até então, ao enfrentar robôs. Tinha alguma

coisa naqueles olhos que o estava deixando paralisado, de uma maneira diferente do que quando viu seus olhos de vidro pela primeira vez. Ou quando olhou para o átrio do USA. Seu corpo pareceu ficar quente, estava suando dentro daquela roupa metalizada, enquanto suas mãos e pés ficaram muito frios. Não conseguiu perguntar quem era ela e o que estava fazendo ali.

Por fim, ela tomou a iniciativa:

_ Você deve estar se perguntando quem eu sou e o que estou fazendo aqui.

Henri fez um grande esforço e concordou:

_ Hum... Err... É.

Ela deu uma risada gostosa, revelando um sorriso que ia de ponta a ponta e duas covinhas que se formavam em suas bochechas.

Aí, então, Henri ficou mudo de vez.

_ Calma, eu juro que não sou uma maluca ou coisa assim, apesar do meu pai achar que ser maluco não é necessariamente ruim, é preciso ser um pouco maluco pra poder viver nesse mundo – quer dizer, no meu mundo. Meu nome é Ness e eu não moro no USA, como você pode perceber. Se eu morasse aqui provavelmente seria linchada, com meus olhos normais e essas minhas roupas praticamente do século passado – ela riu e continuou – Me desculpe aparecer assim tão de repente, e numa hora tão ruim, mas na verdade essa foi a única hora que encontrei pra falar com você a sós.

Meu Deus, como falava.

Ela olhou para o lado para checar se Fenol ainda estava dormindo. E estava.

Enquanto isso, Henri ia reunindo coragem para conversar com ela.

_ Meu nome é Henri. Mas como você me encontrou? E da onde exatamente você vem?

_ Eu sei que seu nome é Henri. Eu te segui até aqui. O tal de Fenol não para de repetir seu nome o tempo todo, foi fácil de guardar.

_ Me seguiu? Mas por quê?

_ É uma longa história. É melhor você se sentar numa posição mais confortável.

* * *

O andar em que Ness morava era bem diferente do USA. Era chamado de Escócia, pois Ricardo Zord, quando construiu o Complexo Yotta, resolveu

homenagear o andar dando-lhe o nome de seu país de origem, que já não existia há alguns séculos.

O andar Escócia, ao contrário do que as gerações mais novas pensavam, é que fora pensado para ser o coração do Complexo. Lá seria o único centro de produção de todo o planeta, onde a matéria era transformada em bens de consumo. Se o NIPPON fora fundado para ser o centro tecnológico de Yotta, o pai de todos os experimentos, o cérebro, a Escócia era a mãe, o coração, onde se sente tudo criar vida, que carrega o futuro no ventre. Dessa união entre pai e mãe, cérebro e coração, nascia a Corporação Megalo. E, como boa filha, a Corporação Megalo deveria zelar pela sua família, protegendo-a, cuidando do seu bem estar, de suas necessidades, e cuidando para que seu nome se perpetuasse pelas próximas gerações. Era esse o discurso que Zord e sua equipe fundadora usavam sempre que se referiam aos primeiros integrantes da Corporação: “Cuidem de si e dos outros”.

No início da Escócia, seus fundadores criaram o mais complexo sistema de projeções holográficas, para trazer ao lugar a calma e a beleza de seu país de origem, seus belos campos e lagos, seu clima ameno e agradável no verão.

Tudo isso para tornar o ato de produzir prazeroso, para que as pessoas que lá trabalhassem pudessem ter a chance de parar para descansar por longos minutos, admirando a paisagem, sentindo a brisa artificial no rosto, conversando e dividindo o almoço com os colegas, pensando na vida e nos filhos, que iriam ver mais tarde quando voltassem para casa, no andar USA.

Esse sistema havia funcionado muito bem ao longo dos anos. A Corporação Megalo era responsável por manter a união entre o NIPPON e a Escócia, e era formada por um número igualado de membros de um andar e de outro. Tudo funcionava às mil maravilhas: o NIPPON demandava à Escócia a produção de tais inovações, e a Escócia mandava ao NIPPON uma amostra do produto já pronto, para depois ser enviado ao USA. Na Escócia se produzia de tudo: desde pequenos objetos para o lar até os robôs mais complexos da época, as casas, os veículos. Mas, ao mesmo tempo, quem tem cérebro também tem coração, e vice-versa. Desse modo, quando o NIPPON demandava algo que podia ter alguma consequência ruim para a saúde dos funcionários da Escócia, ou para os usuários do USA, por exemplo, os membros representantes da Escócia chegavam a um acordo com os membros representantes do NIPPON e os erros eram reparados. E se a Escócia produzia algo com algum defeito, o NIPPON burlava alguma maneira desse produto ser reaproveitado para outros fins. Tudo era produzido com maestria e perfeição, não se deixava desperdiçar nenhum tipo de material e o tempo de produção dos bens era razoável, nem lento nem

acelerado, o suficiente para os funcionários, tanto de um quanto outro andar, voltarem para casa ainda dispostos e satisfeitos com o dia.

As décadas, porém, foram se passando. Os membros da Corporação foram sendo substituídos por outros. Eram novos tempos, novas cabeças, e segundo eles, novas necessidades. “Tempo é dinheiro”, diziam. Os membros da Escócia e do NIPPON já não se entendiam mais tão bem quanto antes. Aos poucos, os membros da Escócia foram abandonando os cargos e os que sobraram viraram minoria, que não tinha mais tanta voz quanto antes.

Tudo piorou no dia que ficou conhecido mais tarde como “A Revolta LCD”. Era um dia comum na Escócia, até que os telões de aviso anunciaram uma reunião urgente com todos os funcionários do andar. Desconfiados, foram até a sala de reunião, se sentaram ao redor de uma gigantesca mesa e uma projeção holográfica começou a ser exibida em seu centro, para que todos pudessem vê-lo. Ali, um alto funcionário do NIPPON anunciava um grande invento, que segundo ele iria mudar a história da humanidade para sempre. Tratava-se da visão LCD, que iria permitir mudar a visão das pessoas, quase as tornando um computador ambulante, com a visão cheia de funções e submissa às regras da Corporação. Seria instalado um zepto-chip no DNA de cada indivíduo, para que, com o passar dos anos, esses chips pudessem ser passados de geração em geração.

A discussão acerca do novo produto se tornou bastante acalorada entre os funcionários da Escócia.

_ Esses caras só podem estar loucos! – alguns diziam.

_ Como a Megalo pode ter aprovado tal ideia? É um absurdo! É uma instituição vendida! – diziam outros.

Um membro da Corporação pertencente ao NIPPON foi contatado, e tudo o que dizia era que o produto não iria causar danos às pessoas, somente traria benefícios para elas e grandes lucros à Corporação.

Inconformados, alguns funcionários decidiram subir à sede da Corporação Megalo, que ficava apenas dois andares acima, e foram reivindicar a suspensão de tal experimento. Eles se recusavam a produzi-lo enquanto fosse destinado aos fins propostos. Ao invés dos acordos de antigamente, em que sempre se chegava a uma decisão justa para ambas as partes, tudo o que os funcionários conseguiram foi um grande “Não”, sem ao menos haver o menor diálogo. Revoltados, tentaram invadir a sede do NIPPON para desativar o zepto-chip, mas sem sucesso.

Tudo o que conseguiram foi um grande rebaixamento. As projeções holográficas da Escócia foram desativadas, e todos os funcionários foram enviados para trabalhar no subsolo do Complexo, um lugar frio, cinza e triste. Ali

passou a ser o novo andar da Escócia, isolado de tudo e todos. O pior mesmo é que, quando tentavam arrumar um emprego fora da Escócia, no andar USA, por exemplo, simplesmente não conseguiam. Estavam marcados como os rebeldes do LCD, as pessoas contra a evolução e o progresso. Tiveram, então, que se conformar em trabalhar para sobreviver e construir sua própria cidade naquele andar. Em poucos meses, haviam produzido o chip da visão LCD que o NIPPON havia demandado, e logo começou a ser implantado cirurgicamente em toda a população – de todos os andares exceto o deles, é claro.

Com o passar dos séculos, a população da Escócia se tornou conformada. A maioria já nem sabia dessa história, seus avós não mais contavam tais episódios a seus netos. Não havia mais tempo para isso, nem disposição: as demandas do NIPPON foram crescendo sempre mais e mais, e a realidade em que viviam era aquela e pronto. Crianças passaram a trabalhar mais cedo para ajudar os pais com a produção, e por consequência se aposentavam mais tarde. Não havia mais lagos ou campos ou flores para admirarem, e logo as gerações posteriores foram desconhecendo o que eram tais coisas.

Os andares acima também logo se esqueceram da Escócia. A Revolta LCD parecia mais uma daquelas lendas muito antigas que a gente não sabe se acredita ou não. No USA, principalmente, não importava muito da onde todos aqueles produtos nas prateleiras vinham, desde que estivessem ali novinhos em folha para se comprar. Muitas pessoas, inclusive, nem deveriam saber que aqueles produtos vinham de outro lugar que não da própria loja.

No NIPPON, tampouco se sabia o que era Escócia. Aliás, há muitos anos chamavam-na de Escória, não por mal, mas porque ouviram o amigo de um amigo chamando o andar de Escória, então se era o que o amigo de um amigo estava dizendo, deveria ser esse o nome mesmo.

Quando um novo protótipo de produto ficava pronto no NIPPON, logo se usava o termo “Mandar para a Escória”, que até mesmo se popularizou como uma forma de xingamento a alguém. Mas nem todos os funcionários do NIPPON sabiam o que significava isso, e quando queriam produzir um novo aparelho eletrônico, por exemplo, deveriam mandar suas especificações para o seu superior imediato, e o superior mandava ao seu superior, e assim por diante, de modo que os “inferiores” sabiam que, de alguma maneira, eles estavam sendo devidamente mandados até a Escória, pois ao passear pelo USA alguns dias depois sempre encontravam milhares de seus aparelhos eletrônicos nas prateleiras.

Henri ouvia tudo a isso atentamente, e se perguntava como Ness podia saber tanto para sua idade. Ela narrava tudo com eloquência, tinha um olhar

profundo, compenetrado e ao mesmo tempo sonhador, que fazia Henri querer ficar para sempre ali prestando atenção ao que ela falava. Mas a garota ainda não havia respondido como seguira o garoto. E então, como se adivinhando os pensamentos de Henri, Ness começou a chegar ao ponto principal da história.

_ Se lembra de quando você estava ontem no Estreito de Bering? Eu estava lá embaixo, numa parte do subsolo da Escócia, de maquinaria pesada. É um trabalho realmente perigoso. Pois bem, eu estava operando uma dessas máquinas, quando senti algo diferente. Olhei para cima, e vi que as paredes do Estreito estavam virando vidro. Ninguém mais do meu andar tinha visto isso, ninguém mais estava olhando pra cima. E então, peguei o binóculo que carrego sempre na mochila e vi você com o rosto colado no vidro. Na mesma hora, entendi que você não fazia parte dali. Ninguém mais no estreito havia parado para prestar atenção no que estava acontecendo. Muito menos olhado pra baixo, pra gente. Você era diferente daquelas pessoas. Eu senti isso.

Ness corou.

_ Na verdade... Acho que... Acho que fui eu que provoquei aquilo. – disse Henri, um pouco acanhado.

_ Isso confirma que minha intuição estava certa, então. Até onde sei, humanos não provocam fenômenos desse tipo usando a visão LCD. Nem por qualquer outro meio. Já pensou nisso? Você deve ter algum poder especial!

_ Mas eu só tenho onze anos!

_ Não tem a ver com a idade. Meu pai sempre diz que já conheceu pessoas incríveis que não tinham nem metade da idade dele. E que, por outro lado, conheceu pessoas mais velhas que ele que não tinham um pingote de anormalidade. Ele sempre diz isso. É preciso ser um pouco anormal, um pouco maluco. De outro modo, sempre faremos as coisas da maneira que as pessoas esperam que façamos.

_ Tem razão.

Ness sorriu, respirou fundo e continuou a falar.

_ Bem, foi ali que eu soube que eu deveria procurar saber quem você era. Comecei uma jornada arriscada, peguei escondida um chip de uma versão mais antiga do *Guia definitivo do Complexo Yotta* e fui vendo o mapa do USA em um velho aparelho que as pessoas do meu andar usam como porta-copos. Deixei a máquina que estava operando no modo automático e fui correndo atrás de vocês, seguindo-os lá de baixo. Logo descobri que o Guia estava bastante desatualizado, não mostrava meu próprio andar, se bem que acho que nenhum deles mostra nosso andar mesmo. Eu estava atrás de alguma passagem secreta para o USA, mas nada indicava uma saída do meu próprio andar, comecei a correr mais rápido e a ficar desesperada. Foi então que pensei em alguns lugares

em que eu gostava de brincar quando era menor, e lembrei que em um deles havia uma pequena porta que meu pai me mandou jamais tentar abrir. Voltei ao tal lugar e a porta estava lá, intacta. A maçaneta era tão velha que despençou na minha mão, e consegui entrar por ela! Fui andando por tubos escuros, que pareciam não ser usados há anos, sendo guiada só pela luz do velho aparelho. Andei por horas e comecei a ouvir barulho de pessoas falando, olhei no mapa e finalmente eu estava no USA! Nem acreditei! Eu já estava ficando com fome, sede e frio. Foi aí que ouvi dois garotos conversando. Achei estranho, pois pelas histórias que ouvia achei que ninguém conversasse diretamente nesse andar, só por meio da visão LCD. E ainda conversavam sobre economizar, sobre andar a pé. Eram tópicos de conversa que se ouviam no meu andar, achei aquilo ainda mais estranho. No desespero, tive que procurar uma saída daquele tubo o mais rápido possível, encontrei uma passagem um pouco apertada alguns metros à frente, e finalmente consegui sair! Vi vocês andando pelo meio do átrio, tomei coragem e fui andando atrás. No começo, as pessoas nem perceberam minha presença por lá, mas logo mais um Pet-robô me viu e começou a latir pra mim, seu dono me viu depois e logo em seguida todos que estavam na rua começaram a me olhar e a apontar. Fui andando rápido, quase correndo, ainda seguindo vocês. Um robô de segurança estava se aproximando de mim, quando vocês pararam em frente ao portão do *Village 13*. Decorei a senha que o tal Fenol disse em voz alta, e logo entrei na rua. Vi vocês entrando em uma das casas, e esperei até ficar bem escuro, entrei por uma passagem nos fundos, que não me pediu senha, e aqui estou.

Ness terminou de falar e desmaiou na cama de Henri.

Henri conseguiu acordar a garota e a levou até a cozinha. Pediu a Gertrudes que preparasse um lanche para ela. Alguns instantes depois, Ness havia engolido pílulas de misto quente e suco de laranja, e parecia estar recuperando a cor das bochechas.

_ Que droga, preciso voltar pra casa. Se meu pai descobrir que não estou em casa nem no trabalho, ele ficará bastante preocupado.

Foi aí que Henri teve a ideia de tentar entrar no quarto de dona Lara e surrupiar alguma de suas roupas, sem que ela percebesse. Afinal, se Ness deveria voltar pra casa, pelo menos deveria ser uma volta agradável e disfarçada, pela superfície, e não por meio de tubos velhos. Apertaram o botão que indicava o quarto da mãe de Fenol, Henri se aproximou do que parecia ser uma espécie de guarda-roupas e o abriu. Viu que havia centenas de roupas metalizadas lá, todas exatamente iguais a não ser por um detalhe ou outro nos bolsos. Pegou

uma delas, entregou a Ness e esta pediu que ele se virasse de costas. Curioso, ele tentava virar o pescoço levemente para ver se conseguia enxergar alguma coisa, mas Ness foi mais rápida e em instantes havia vestido a roupa, que era ajustável a cada corpo. Pegaram os óculos escuros que estavam em cima de uma mesinha próxima à parede e Ness o colocou no rosto, para disfarçar seus olhos “anormais”. Dona Lara deu uma roncada alta e resolveram que era hora de saírem dali.

Chegaram ao lado de fora de casa. Corujas holográficas piavam, o céu holográfico estava cheio de estrelas. Era uma noite agradável e uma brisa leve balançava os cabelos dos dois. Ness olhou para Henri com aqueles olhos verdes e profundos, e disse:

_ Henri, você vem comigo.

_ J-jura? Eu não posso, Ness. O Fenol...

_ Você precisa conhecer a Escócia. Minha intuição diz que você precisa! Vamos, eu te trago aqui de volta de manhãzinha, antes que Fenol acorde.

_ Promete?

_ Prometo.

_ Está bem.

CAPÍTULO 10

O USA não parava nem mesmo de madrugada. As luzes das autonaves quase os cegaram. Os barulhos eram os mesmos, as buzinas, o trânsito aéreo. Eram uns dos únicos pedestres no átrio, por isso demoraram um pouco para atravessá-lo. Henri ia olhando sua versão atualizada do Guia com a visão LCD, enquanto Ness ia puxando-o pela mão, já que era difícil andar e prestar atenção ao mapa ao mesmo tempo. Viu que o andar de Ness estava quilômetros abaixo deles, e tudo o que se via no mapa era a porta de entrada escrita “Escória – Proibido entrada”. Mesmo assim, o garoto ia indicando o caminho e eles iam andando, andando e andando. Por sorte, antes de sair da cozinha de Fenol, Henri havia pedido para Gertrudes que preparasse algumas pílulas de sanduíches, bolos e sucos para que Ness pudesse levar na viagem de volta. Gertrudes havia preparado tantas e tantas pílulas que dividi-las com um viajante a mais não fazia muita diferença, de modo que pararam algumas vezes para comer e estavam bastante satisfeitos. Guardaram o resto para a viagem de volta.

Quando chegaram à entrada da Escócia, Ness percebeu que a viagem havia sido incrivelmente mais rápida do que pelos tubos, mesmo que tivessem andado quilômetros e mais quilômetros, e ficou aliviada por saber que ainda estava relativamente cedo. Eles precisavam de uma senha para abrir a porta, e incrivelmente ela chutou alguns números durante alguns minutos e a porta se abriu, revelando um lugar gigantesco, que lembrava um depósito frio e escuro. Não dava para enxergar muita coisa, mas Henri viu a sombra do que pareciam ser toneladas e mais toneladas de entulhos de todos tipos. Foram andando e chegaram num corredor gigante cheio de armários enferrujados e numerados, como os de colégio. Ness pediu novamente a Henri que se virasse de costas, e então ela tirou a roupa metalizada, guardou-a em seu armário e vestiu-se com suas próprias roupas. Conseguiu abrir o armário de outra pessoa, por sorte era de um garoto, e pegou algumas roupas emprestadas para Henri vestir. Disse para usar os óculos escuros da mãe de Fenol e assim disfarçar seus olhos de tela.

Ness queria mostrar sua casa a Henri, e se certificar de que seu pai estava dormindo. Andaram por uma espécie de rua mal iluminada, cuja paisagem era realmente cheia de entulhos de todo tipo de metal: ferro, aço, alumínio, de todos os pesos e tamanhos. Henri quis tocar em uma das pilhas, mas Ness o proibiu terminantemente, e disse que várias crianças haviam se ferido daquela maneira. Chegaram ao que parecia uma cidade com prédios baixos e tortos.

Tudo ali era de metal, mas diferentemente do USA e do NIPPON, estavam sujos, enferrujados, caindo aos pedaços. Henri não imaginava que pudessem existir pessoas vivendo num lugar como aquele. Não era humano.

Foram andando por ruelas muito escuras, até que Ness parou numa pequena casa, também de metal e bastante torta, e pediu que o garoto esperasse do lado de fora. Alguns minutos depois, ela disse que ele podia entrar, pois o pai dela estava dormindo. Entraram, e Henri ficou impressionado com a quantidade de tralhas em sua casa. Ao contrário das casas do USA, que possuíam tecnologias avançadas em sua construção, essa era bastante rudimentar. Os cômodos estavam todos em seu devido lugar, como uma casa dos nossos tempos, e os aparelhos eletrodomésticos eram bastante parecidos com os que Henri via em sua época, apesar de não ter certeza de suas respectivas funções. Chegaram ao quarto de Ness. Mas, se o quarto de Fenol era pequeno, parecia um palácio perto daquele. Mal cabia uma cama ali, e os dois se espremeram para se sentar nela. Henri olhou para o teto e viu que Ness havia pregado algumas estrelas de adesivos nele. As estrelas se mexiam e brilhavam como se fossem de verdade. Estavam admirando-as quando um alarme apitou em cima da cômoda de Ness. Uma voz masculina saiu dele, falando um jargão que Henri não entendia, e Ness explicou que deveria voltar imediatamente a seu posto de trabalho – alguém havia percebido que ela deixara a máquina trabalhando sozinha durante horas.

_ Ai Meu Deus, preciso voltar ou posso sofrer as consequências! – ela disse.

_ Tudo bem. Eu vou com você.

_ Tem certeza? Acho que você não vai gostar do que for ver lá. É um trabalho maçante, tudo que minha máquina faz é transformar umas peças em chapa.

_ Não me importo.

E foram andando rápido pelas ruelas, até que chegaram a um grande portão. Ness não precisou dizer uma senha dessa vez, pois o portão se abriu sozinho. Adentraram no que parecia ser o maior parque industrial de todos os tempos, e Henri reconheceu algumas das estruturas que havia visto mais cedo naquele dia, do alto do Estreito de Bering. Nunca tinha visto tanto metal junto, e retorcido de maneiras tão diferentes, como se fossem matérias primas prontas para serem usadas. Era um lugar tão gigantesco que o garoto tinha certeza que demorariam horas para atravessar tudo a pé, e no instante em que começava a andar, Ness puxou seu braço.

_ Tá doido? Nós vamos de autonave.

Em instantes, uma autonave cor de laranja desceu de não sei onde e pousou ao lado dos dois. Entraram nela e foram voando muito rápido, a autonave fazia um barulho engraçado e enquanto isso Henri tentava gravar na memória as enormes máquinas que estava vendo pelo caminho. Não fazia a menor ideia do que elas produziam.

_ Ness? – perguntou Henri, enquanto a garota estava distraída olhando para fora.

_ Hum? – respondeu ela, virando-se para ele.

_ Esse seu trabalho não é perigoso, é?

_ Depende do que você considera perigoso. Se perigoso para você for pular de um prédio, então não. Mas se for considerar outros fatores... Eu acho que é, sim. Toda semana alguém acaba se machucando sem querer, além do ar cheirar mal às vezes... Você verá com seus próprios olhos.

Finalmente, estacionaram perto da que parecia uma das maiores do lugar. Ness desceu num pulo, puxou Henri pelo braço e quase o fez cair de cara no chão. Havia mesmo um cheiro horrível no ar, mistura de enxofre com seilá-o-quê, uma fumaça pairava alguns metros acima deles. Ela correu, o garoto tentou acompanhar, mas ela era mais rápida que ele. Havia muitas pessoas trabalhando por ali, mas um assento estava vazio. Henri imaginou ser o de Ness. Quando chegaram próximos ao assento, uma grande placa com as letras piscando em vermelho dizia “Número 103.949: 1º Aviso de Suspensão”. Ness respirou aliviada, pois tudo o que recebera por deixar seu posto foi uma advertência. Mais duas dessas e ela nem fazia ideia do que poderia lhe acontecer.

_ Me desculpa, Henri – Ness disse - Eu preciso ficar por aqui e terminar meu turno. Já está ficando tarde mesmo, ou melhor, cedo, e Fenol vai ficar louco se você não estiver em casa. Promete que vem me ver de novo assim que puder?

Henri não queria ir embora ainda. Queria ficar e explorar o lugar. Prometeu à Ness que tentaria voltar no dia seguinte, se despediu e foi andando em direção à autonave, entrou nela e rapidamente estava voando. Mas, no meio do trajeto, Henri ordenou que a nave parasse, e incrivelmente foi o que ela fez. Ele não sabia como ordenar para que ela não saísse do lugar enquanto ele estivesse no solo, mas foi só falar “Fique aqui” que seus motores se desligaram. “Incrível isso”, ele pensou.

A autonave havia parado próxima a uma máquina que era menor que a de Ness, mas mesmo assim era enorme. Primeiramente, ele olhou para cima para ver até onde ela ia, mas não conseguiu enxergar, apesar da fumaça estar bem mais leve por ali. Depois, ele olhou para as pessoas que estavam operando as máquinas. Pela primeira vez desde que chegara ali, tinha a chance

de reparar nelas direito. Elas possuíam olhos como os de Fenol, todas elas, e usavam roupas tão antigas e puídas quanto as de Ness. Estavam concentradas em seu trabalho, algumas tossiam com paninhos encostados à boca, e de longe Henri pôde perceber que possuíam um olhar triste, grave, distante. Mas não era o mesmo olhar de desinteresse pelo mundo que as pessoas como o pai de Fenol possuíam: parecia ser um olhar de quem já havia visto de tudo nessa vida, de quem já havia experimentado sensações boas e ruins, mas que há muito tempo estava experimentando muito mais sensações ruins do que boas.

Henri parou para observar um garoto em particular, que devia ser só uns dois anos mais velho que ele. Ele estava desentortando algumas peças de metal que um dos braços da máquina estava jogando em cima da esteira rolante e jogando-as de volta na esteira, num processo que deveria ser muito maçante. Ao invés de estar cabisbaixo como os outros, porém, o garoto estava cantarolando uma música muito parecida com uma música de rock que Henri gostava, e acompanhando o ritmo com os pés. De repente, Henri percebeu que aquela era realmente a música que ele estava pensando, e não se conteve: começou a cantarolar junto.

O garoto olhou para Henri, sem nem ao menos parar de cantar. Ele sorriu e aumentou o volume da voz.

Os pés dos dois acompanhavam o ritmo.

Batucavam em suas próprias coxas como se fossem instrumentos de percussão.

No refrão, já estavam cantando alto, as vozes se sobressaindo diante do barulho das máquinas.

Eles sorriam cada vez mais, e não sabiam ao certo por quê.

A música chegou ao fim. Os dois garotos se olharam. Tudo o que Henri conseguiu falar foi:

_ Até a próxima.

O garoto desconhecido sorriu. De alguma maneira, ele viu que nem todas as pessoas daquele andar eram tristes. Ou, pelo menos, as pessoas não eram tristes o tempo todo.

Quando Henri voltou à casa de Fenol, já havia amanhecido. Ele conseguiu entrar pela porta da frente, e imaginou que sistema da casa o reconheceria e por isso o havia deixado entrar. Pela primeira vez ali no futuro, sentiu o maior sono e, assim, que chegou ao quarto de Fenol, se atirou à cama.

Por sorte, ele havia se lembrado de pegar sua roupa no armário de Ness e vestiu-a novamente antes de sair da Escócia, deixando o macacão da mãe de Fenol por lá para o caso da garota querer visitá-lo num outro dia.

O garoto estava tão sujo e tão cansado que tomou seu banho deitado mesmo. Percebeu que não foi uma boa ideia, pois o barulho do secador acordou Fenol, que abriu os olhos devagar e disse:

_ Já está acordado? Que horas são? Vixe, olha a hora, tenho que me apressar!

Henri não queria contar ao amigo sobre as aventuras que havia vivido na noite anterior, pelo menos até ter certeza que Fenol não ficaria bravo com ele e que tentaria impedi-lo de voltar lá.

_ Olha, Henri, tenho que ir para o laboratório. Ah, e você por favor não saia de casa! Ou pelo menos fique pela Unidade Diversão, é, é, acho que vai ser melhor pra você. Ainda bem que aqueles robôs de segurança do NIPPON não irão se lembrar da minha cara. – Fenol tropeçou em um de seus sapatos. - Mas olha – se levantou num só pulo - vou passar o dia todo tentando arrumar uma solução para você voltar para os anos 2000, eu juro que não vou descansar enquanto não arrumar uma! – Fenol procurava o outro par do sapato embaixo da cama.

_ Tudo bem, Fenol. Já disse que não tenho pressa de sair daqui. – E suspirou.

Fenol interrompeu sua saga em busca do par de sapato perdido e olhou para ele.

_ Ihhhh, e essa cara de apaixonado? Não me diga que você conheceu alguém! Mas você só falou com a minha mãe!

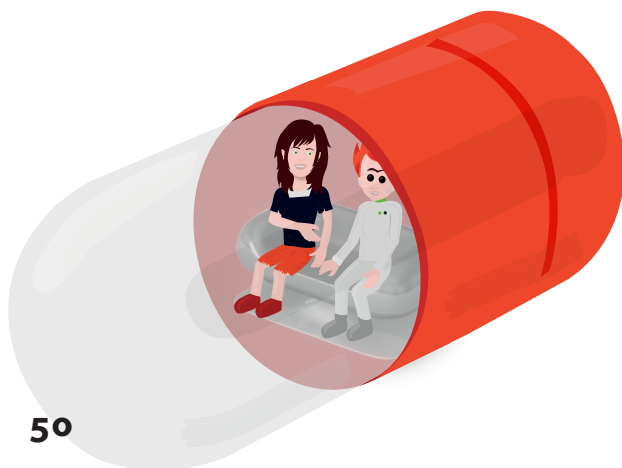
_ Não é nada disso, Fenol.

_ Você está apaixonado pela minha mãe?

_ Larga de ser besta!

_ Você falou com a Gertrudes então? Você está apaixonado pela Gertrudes?

Henri gargalhou. Se fosse pela Gertrudes, talvez as coisas fossem até mais fáceis.



CAPÍTULO 11

Não se pode confiar totalmente num garoto de onze anos. Muito menos se ele está gostando de alguém. E se mandam esse garoto ficar em casa, então, piorou.

É claro que Henri fez tudo ao contrário do que Fenol lhe disse. Dormiu um pouco, e nem bem tomou o café da manhã e já saiu correndo para a Escócia, um pé bem à frente do outro, assustando alguns pedestres. Incrivelmente, sem o auxílio do seu guia do Complexo e usando só sua visão comum, ele conseguiu chegar muito mais rápido até o andar. Ness havia lhe dado a senha para a porta principal, moleza, moleza, e Henri entrou como se já fosse de casa, colocou seus óculos no rosto e despiu a roupa metalizada, trocando-a pelas roupas emprestadas por Ness. Demorou um pouco até encontrar o parque industrial, e um pouco mais até chegar à máquina de Ness, mas ele foi-se deixando levar por seus pés e em instantes estava prostrado em frente à garota.

_ Henri! – ela levou um susto e abriu um sorriso em seguida– Como você conseguiu chegar aqui tão rápido?

_ Não sei. Não sabia exatamente onde eu estava indo, mas de repente eu cheguei. Estranho, né?

_ Mais estranho ainda porque você chegou bem no meu intervalo de trabalho! Venha, vamos almoçar lá em casa, quero que você conheça meu pai.

Fizeram todo aquele caminho que já estava virando familiar a Henri, e o clima durante o dia naquela cidade era bem diferente. Milhares de pessoas andavam para lá e para cá, numa confusão de passos, conversas, sons e buzinas de autonaves, e Henri podia jurar que tinha ouvido música ao longe. Era cheio como a Unidade Diversão, mas muito mais desorganizado, pois as pessoas andavam em sentidos contrários e muitas vezes paravam para falar umas com as outras.

Henri reparou que lá também havia lojas, embora suas fachadas fossem tão diferentes das fachadas do USA. Parecia, na verdade, uma grande feira de pulgas em que se encontram todos os tipos de cacarecos possíveis, mas também coisas antigas que podem ser úteis, como roupas e móveis.

Entraram em casa, sentaram-se à mesa, cujo tampo era de vidro, e sentiram cheiro de comida. Em instantes, o pai de Ness entrou na cozinha, trazendo uma espécie de caixa de papelão em formato de pizza, cumprimentou o garoto com um sorriso e disse:

_ Ness não parou de falar em você um segundo, disse que ontem vocês viveram grandes aventuras por aí. Espero que “por aí” signifique “pelos lugares seguros do nosso andar” – e olhou sério para Ness.

Ele reparou que o pai de Ness era absolutamente normal para os padrões do andar, a não ser pelo fato de que ele também possuía visão LCD. O menino se espantou e sentiu uma vontade incontrolável de perguntar por que seus olhos eram de vidro se ele morava ali no subsolo, mas algo lhe disse que era melhor ficar quieto.

Para a decepção de Henri, o que o pai trouxera não foi pizza, e sim centenas de outras pílulas de cores diferentes. Aquelas eram as compras de pílulas do mês. Sentaram-se ao redor da mesa e engoliram algumas delas rapidamente, mas passaram o resto do tempo conversando. Assim, tiveram um almoço bastante divertido. O pai de Ness também carregava aquela expressão triste que era característica das pessoas da Escócia, mas era extremamente engraçado e contou algumas piadas sobre robôs durante a refeição.

Quando todos estavam satisfeitos, o pai disse que precisava voltar para o trabalho, deu um beijo na testa da filha, bagunçou os cabelos de Henri com as mãos e disse para que se comportassem, pois mais tarde estaria em casa novamente.

Ness disse que estava de folga naquela tarde, coisa rara que acontecia, e, portanto, poderiam passear pelo andar. Foram andando, dessa vez somente a pé, para aproveitar melhor o passeio. Passaram por várias ruas lotadas de gente, entraram em pequenas lojinhas de produtos de segunda mão, e Henri acabou trocando os óculos escuros da mãe de Fenol em uma delas, que tinham detalhes bastante femininos, por um par de óculos esportivo, um pouco surrado, mas que pelo menos parecia mais adequado a seu rosto. O vendedor pareceu bastante satisfeito com a troca e não parava de agradecer os dois, oferecendo algumas balinhas cor de lama para eles. Henri achou melhor não aceitar.

Passaram algumas horas conversando e explorando cada pedaço da cidade. O garoto estava muito curioso e não parava de fazer perguntas a Ness, estava tocado pelo caos do lugar, algo dali o atraía muito mais do que a Unidade Diversão. Queria se sentar nas calçadas com as pessoas, perguntar sobre a vida delas, o que faziam, por que faziam, para quem faziam. Queria entender também para que servia cada bugiganga, tão diferentes do seu tempo, e por que eram tão diferentes e ultrapassadas com relação às dos USA. Ness tentava responder pacientemente, mas certa hora se cansou de falar e disse que queria mostrar outro lugar para ele.

A noite estava chegando, e Henri já estava perguntando como é que sabiam que a noite estava chegando se estavam num andar totalmente fechado.

Ness respondeu apenas “Sistema ilusório” e continuaram andando, agora em silêncio. Ela parecia impaciente com alguma coisa. Foram se afastando da cidade, se embrenhando na escuridão, guiando-se pela luz de emergência da visão LCD de Henri. Era um pouco sombrio aquele lugar, bem mais sombrio e mais escuro que a entrada da Escócia. Ele via pilhas e mais pilhas de metais retorcidos, que só iam aumentando de volume conforme andavam. De repente, Ness disse para ele desligar a luz, pois estavam chegando.

Na verdade, ela nem precisaria ter falado nada, pois dava para ver de longe: uma chuva de faíscas de solda, quase formando uma cachoeira, saía de gigantescas barras de metal quem pendiam lá do alto. Aquela luz laranja e quente iluminava o ambiente, e trazia um calorzinho bom que contrastava com aquelas paredes frias. Era um espetáculo bonito de se ver. Os dois se sentaram em um entulho de colchões de espuma, o único naquele lugar, e estavam quietinhos observando as faíscas. Ness quebrou o silêncio entre os dois.

_ Esse é o meu lugar preferido da Escócia.

_ Como se chama?

_ Não tem nome. Eu chamo de Cachoeira de Faíscas.

_ E da onde vêm essas faíscas? Quem está produzindo?

_ Você é tão curioso... Mas nem eu mesma sei. Acho que é algum erro, as faíscas da indústria não deveriam estar vazando pra cá. Nem me importo muito com isso, na verdade. Esse é meu lugar secreto, me sinto segura aqui.

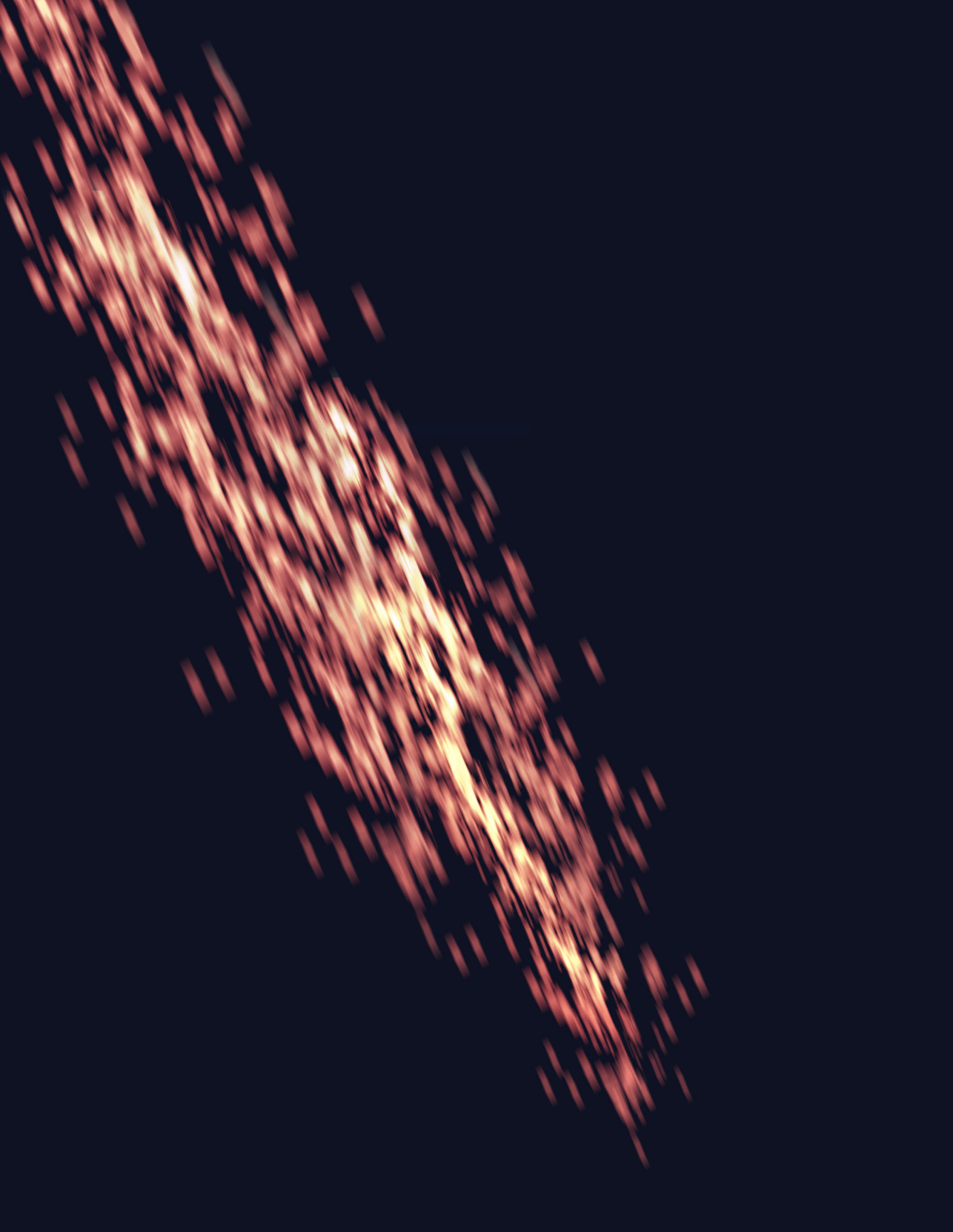
_ Ninguém mais conhece esse lugar?

_ Acho que não – Ness suspirou, ainda olhando a cachoeira.

Henri viu que ela estava pensativa e segurou sua mão, e ficaram por ali mais alguns minutos sem falar nada.

Quando disse que ninguém mais conhecia o lugar, Ness estava mentindo. Não por mal, mas é que às vezes uma mentira doi menos do que ter que explicar a verdade. E, mesmo anos depois, ainda doía para ela. Na verdade, Ness ia ali desde pequena. Não sozinha, mas com seus pais, e gostava de passar horas assistindo o espetáculo, enquanto seu pai contava histórias e sua mãe lhe fazia tranças no cabelo. Era de sua mãe que Ness gostava de se lembrar quando ia para lá, do perfume de seus cabelos e de sua risada doce e gostosa. Aqueles eram bons tempos, e agora, sempre que se sentia triste, era pra lá que a garota ia, se sentava na pilha de colchões e ficava ali, com os pensamentos perdidos, vagando por aí.

É claro que Henri havia percebido que Ness não tinha mais mãe, mas achou indelicado perguntar. Queria que ela se sentisse à vontade com ele, que



tocasse no assunto quando se sentisse segura para falar sobre isso, que confiasse nele. E foi então que, após alguns minutos de silêncio, uma lágrima silenciosa rolou por uma das maçãs do rosto de Ness. O garoto perguntou se ela estava bem, e ela começou a falar.

_ Sabe, você é o primeiro amigo que trago aqui. Acho que nunca dividi isso com ninguém, mas sinto muita falta da minha mãe. Muita mesmo.

_ Me desculpe, Ness... Mas o que aconteceu com ela?

E, conforme Ness ia contando a história, Henri ia segurando sua mão cada vez mais forte.

A história dos pais de Ness era muito bonita e muito curiosa. Não daquelas que a gente vê em novelas das oito, mocinho, mocinha e vilão, que a gente esquece logo depois que acaba, e sim daquelas que podiam ser muito bem narradas por grandes cineastas. Era aquele tipo de história de fazer arrepiar os pelos do corpo, os cabelos, lavar a alma, que fazem a gente sentir que nasceu de novo, que nossos problemas são muito mesquinhos se comparados àquela história, que nos fazem sentir mais conectados com a gente mesmo e com os outros.

Era isso que Henri sentia enquanto ouvia o que Ness estava dizendo. Ficava pensando como que as palavras escolhidas por ela, quando colocadas juntas, tinham aquele impacto dentro dele. Não era à toa que ela estava triste, mesmo anos depois do acontecido. Ele se sentiria da mesma forma se estivesse em seu lugar.

Pois bem.

Tudo começou há alguns anos atrás. O pai de Ness era um grande cientista e se chamava Dr. Heilung. Sim, ele pertencia ao NIPPON, nascera e crescera nos andares superiores. Por toda a sua vida, vivera como outra pessoa qualquer, mas era simplesmente brilhante. Já no curso preparatório para cientistas, se destacava como o mais inteligente da turma, sempre com ideias inovadoras. Assim, quando entrou para o NIPPON, não era surpresa que ele estivesse se dando tão bem lá dentro. Sua ascensão foi rápida, e já com pouca idade ocupava um dos mais altos cargos do NIPPON. Na vida particular, porém, Heilung era sempre muito discreto. Não gostava que ficassem paparicando-o tanto, e sempre que possível fugia dali e ia se sentar junto com seus antigos colegas, que ainda eram pouco mais que aprendizes. Heilung tinha aversão à sua visão LCD, e sempre que algum amigo tentava se comunicar com ele por esse meio, ele fazia questão de aparecer na frente desse mesmo amigo, dando-lhe um susto e o obrigando-o a conversarem "olho no olho", como ele gostava de falar.

Naqueles tempos, o homem, que ainda era um garoto, não conhecia o que era inveja, e não sabia do que as pessoas eram capazes de fazer quando queriam prejudicar alguém.

Após alguns meses de tranquilidade no trabalho, sempre se destacando por trazer projetos geniais e que prometiam grandes lucros, algo pesou na consciência dele. Sentiu que todo o processo ali era fácil demais, os projetos mais complexos saíam dos protótipos em poucas semanas e logo estavam nas prateleiras das lojas. Ele passou vários dias se perguntando o que acontecia com esses protótipos. O que exatamente significava mandar à Escória? Quem os produzia? Eram máquinas, robôs, pessoas, tudo isso junto?

Teve longas discussões sobre esse assunto com seus colegas. Na verdade, eram grandes monólogos, pois nenhum deles parecia dar ouvidos a Heilung. Diziam que, contanto que no fim das contas os produtos estivessem onde deveriam estar, não importava muito de que forma tinham chegado até lá. O garoto, porém, tinha uma intuição forte e não queria ignorá-la. Iria descobrir a verdade a qualquer custo, mesmo que isso lhe custasse seu emprego.

Foi assim que se encheu de coragem e, certa madrugada, invadiu o andar fechado do NIPPON. Inteligente como era, logo conseguiu desativar os alarmes do andar por meio de várias combinações entre números. Explorou o lugar durante horas a fio, procurando uma sala secreta, uma pista, qualquer coisa... Estava quase desistindo, exausto, e encostou-se a uma parede, e, como numa brincadeira do destino, luzes imediatamente se acenderam e uma porta se abriu bem atrás dele. Era ali, só podia ser ali.

Entrou em uma sala escura e deserta, que logo se encheu de luzes. Duas portas se revelaram: a da esquerda tinha uma placa que dizia "Escória – Modo Rápido Indireto", e era tão pequena que não devia ter sido construída para pessoas passarem por ali. A da direita, muito maior e bastante empoeirada, dizia: "Escória – Modo Lento Direto" e foi ela que fez com que Heilung se sentisse impelido a abrir. Estava emperrada e o garoto teve que fazer força, fazendo-a abrir tão de repente que, quando foi perceber, estava viajando por meio de um tubo pneumático, numa velocidade alta, descendo cada vez mais, e mais e mais.

Caiu do teto e foi parar exatamente na pilha de colchões em que Ness e Henri estavam sentados agora. Recompôs-se, pensando que era uma sorte não ter quebrado nenhum osso, quando viu a chuva de faíscas e ficou fascinado por aquilo. Quando olhou para o lado, viu que uma garota o olhava, retraída.

Ela não estava acostumada a ver homens caindo do céu.

Aproximaram-se aos poucos, como se pensando se eram da mesma espécie, se falavam a mesma língua, se um iria machucar o outro, se deviam gritar por socorro.

Decidiram por continuar se aproximando e conversar. E não pararam de conversar durante toda a madrugada.

A garota foi contando sobre sua vida, e ele sobre a dele. Falaram do passado e principalmente do presente, e foi como Heilung descobriu que era ali que todas as coisas eram produzidas. Quis conhecer o lugar, e quanto mais ia conhecendo, mais isso ia lhe corroendo por dentro. “Somos iguais, a não ser por esse estúpido olho de vidro”, ele dizia a ela.

Gaia, a garota da Escócia, por outro lado, lhe dizia que tudo estava bem. Por dentro, porém, as falas de Heilung despertaram algo nela que estava há muito tempo adormecido. A vontade de mudança se apoderou dela, percebeu que vivia no meio de tralhas, produzindo o que nem poderia consumir, produzindo para pessoas que ela nem sabia quem eram, ou mesmo se existiam.

Heilung voltou para seu andar de manhãzinha, mas havia prometido voltar, e foi isso que fez durante meses, escondido. Ele sempre voltava trazendo mais e mais arquivos confidenciais acerca da história do USA, da Escócia, do NIPPON, da Revolta LCD. Eram vídeos e documentos que, quanto mais os dois iam descobrindo, mais revoltados ficavam.

O amor entre os dois e o ódio contra a Megalo ia crescendo na mesma proporção. Por um motivo e pelo outro, já não fazia sentido viverem separados. Heilung abdicou do emprego, status e conforto para viver com Gaia, e conquistava cada vez mais a simpatia do povo da Escócia. Construíram um lar, tiveram uma filha, enquanto iam se tornando grandes mentores do andar.

Durante esses anos, o casal conseguiu inquietar as pessoas. Revelaram a elas alguns segredos dos andares de cima e de seu passado, e alguns falavam em revolução. Os trabalhadores começaram a atrasar a produção, a mandar produtos com defeito de propósito, e é claro que depois de um tempo não passaram despercebidos.

A primeira resposta do NIPPON foi um aviso. A segunda também. Na terceira, pessoas começaram a sumir da noite para o dia.

Certa noite, apavorados, Heilung, Gaia e Ness dormiam juntos na mesma cama, quando foram acordados por um barulho alto e seco vindo do lado de fora. O pai disse que ia checar o que era, mas Gaia foi muito firme e disse que era ela quem iria. Ele reclamou enquanto Ness estava agarrada à sua cintura, mas Gaia deu um beijo em seu marido e acariciou os cabelos da filha.

E foi.

Segundos depois, ouviram o grito de Gaia, saíram desesperados pela porta e ela já não estava mais lá.

Ness e seu pai não conseguiram se falar por algum tempo. As pessoas da Escócia foram silenciadas, desistiram de lutar, e a história nasceu e morreu ali

mesmo. Não restava mais nada a fazer a não ser viver e deixar viver, esquecer, deixar o passado para trás.

Henri não sabia como reconfortá-la. Nunca havia passado por uma situação daquele tipo, e sentiu que, apesar de tudo, a vida das pessoas que ele conhecia, lá pelos anos 2000, era muito mais fácil.

Foi então que, para quebrar o gelo, começou a falar de sua vida no passado. Ela estava começando a recuperar o sorriso enquanto o garoto contava sobre as pessoas de lá, sobre as senhoras que via no metrô e sobre uma de suas professoras da escola, que gostava de dar chocolates a quem acertava as perguntas.

Ness estava interessada no assunto, não sabia o que eram metrôs ou professoras ou escolas ou chocolates, e Henri ia explicando tudo calmamente. Até que o garoto começou a falar da Escócia de seu tempo, das aulas de Geografia, das belas fotos que havia visto em um guia turístico da Europa.

Foi quando Henri cometeu o erro de falar sobre o lago Ness, um lago profundo encontrado na Escócia, e da lenda que o trazia fama. Começou a falar do monstro pré-histórico que alguns acreditavam lá viver, com seu rabo e pescoço compridos. Para o espanto do garoto, a história estava provocando o efeito contrário em Ness, que não estava gostando nada da comparação com seu nome, e o interrompeu.

_ Quer dizer então que você está me comparando a um monstro estúpido? É isso que você acha que eu sou? Um monstro?

_ Não, Ness. Esse é o nome do lago. O monstro é que vive nele.

_ Então você quer dizer que um monstro vive em mim? Aposto que inventou essa história agora só pra me deixar chateada!

_ Claro que não! Eu não inventei essa história! Essa lenda existe sim!

_ Só porque eu não tenho esse olho estúpido que vocês têm, e essas roupas estúpidas, não significa que eu tenha um monstro dentro de mim! Você que é o monstro aqui!

E foi andando rumo à escuridão, sem ao menos olhar para trás.

Bem que Henri tentou alcançá-la, mas achou melhor voltar à casa de Fenol antes que ficasse tarde. Mulheres eram muito estranhas, pensou. Como é que ele e Ness estavam se dando tão bem em um minuto, e no outro ela estava furiosa com ele? Trocou de roupa e foi voltando ao USA pensando em Ness, com a cabeça longe, e por isso se perdeu algumas vezes. Não havia trazido o Guia dessa vez, e estava ficando desesperado, andando em círculos para lá e para cá,

oltando ao mesmo lugar em que estava há cinco minutos. Desse modo, chegou bastante tarde à casa de Fenol, e este o estava esperando na porta da casa, quase arrancando os cabelos. Henri chegou ofegante até ele.

_ Você tá maluco? Quer me matar do coração? Te procurei por todas as lojas da Unidade Diversão, cheguei até a imaginar que você havia sido raptado por um robô de segurança!

_ Me desculpe, Fenol. Eu preciso te contar uma coisa, é sobre o lugar onde eu realmente estava...

_ Não há tempo. Vamos! Depois você me conta. Preciso te mostrar uma coisa muito chocante... Muito mesmo. – Fenol parecia nervoso.

Saíram correndo do *Village 13* e Henri ficou se perguntando quando teria um minuto de descanso.

CAPÍTULO 12

Estavam fazendo um caminho diferente dessa vez. Fenol explicou a Henri que, antes de mostrar a tal coisa chocante, deveriam checar algo na Unidade Diversão, mas usando uma entrada diferente. Nessa, usando o Guia de Henri, não tiveram de passar pelo Estreito de Bering e nem enfrentar filas de pessoas. Dessa forma, pegaram alguns elevadores em pontos estratégicos e chegaram muito mais rápido. Uma placa na porta de entrada dizia “Entrada de serviço”, e era muito menos glamorosa que a entrada principal, intimidante como uma entrada de calabouço da Idade Média, só que de metal, pesada, dura, fria.

Henri se perguntou se teriam autorização para entrar por ali. Ao mesmo tempo em que refletia sobre isso, pararam em frente à porta. Fenol se dirigiu ao garoto e disse que era muito importante que ele tentasse abri-la com a força do pensamento.

_ Olha, Henri. Eu sei que tudo é muito novo pra você. Pra mim também é. Eu não quis te assustar antes, mas nunca tinha visto alguém com tal poder, e sei que isso não é resultado da visão LCD. Ninguém mais pode fazer isso.

_ Eu não entendo! – disse Henri, com raiva – Você não é o primeiro a me dizer isso. Por que eu? Eu nunca fiz nada demais no passado, por que aqui é diferente? Por que fui eu quem encontrou o aparelho e não algum cientista brilhante? Eu e minha curiosidade, grandes coisas... Só me trouxe problemas até agora.

É claro que, no fundo, Henri pensava em Ness ao falar isso.

_ Por favor, Henri. Nós não temos muito tempo.

_ Está bem, está bem – disse o garoto, impaciente. Mas olha, eu realmente não sei como fiz aquilo com a arma Esquecerol. E ela era bem menor, sabe.

_ Eu confio em você. Vai dar tudo certo.

Henri respirou fundo e fechou os olhos. Algo que lhe disse que só fechá-los não era suficiente. Então, muito lentamente, se dirigiu à porta e encostou uma de suas mãos dela. Fechou os olhos novamente, respirou devagar e sentiu um formigamento subindo lentamente por seus dedos e chegando a todos os seus fios de cabelo. Foi então que, de repente, o garoto se viu como se dotado de uma visão raio-x, e podia ver todos os circuitos através da porta.

Aquilo era novo e emocionante. Viu formar-se em sua cabeça a imagem de todos os fios e chips eletrônicos que faziam a porta funcionar, e coincidentemente eram bastante parecidos com os dos aparelhos de seu pai que ele gostava de desmontar. Olhou atentamente para eles durante cinco minutos inteiros,

enquanto Fenol prendia a respiração imaginando o que Henri estava fazendo. O garoto se concentrou mais e mais e, como num filme de ficção científica, os fios foram lentamente se movendo ali dentro, se rearranjando, o azul se conectou à uma placa, o vermelho se conectou à outra. Uma gota de suor surgiu na testa do garoto, ele espremia os olhos com mais força, tentando se lembrar dos circuitos que vira nos aparelhos de casa. E então, como se tivesse criado vida, a porta simplesmente se abriu.

_ Eu sabia! Eu sabia! – vibrava Fenol.

_ Eu ainda acho muito estranho poder fazer isso.

_ Bem, a gente pode passar horas aqui tentando trazer explicações racionais pra coisa, mas eu acho que simplesmente existem aquelas que a gente não pode explicar.

_ É verdade, Fenol. Onde estamos indo, afinal?

_ Preciso saber se uma coisa está certa... Vamos, você vai saber já, já.

E entraram pela porta, que se fechou tão logo eles a cruzaram, quase fazendo Fenol ficar espremido entre ela e o batente como uma grande massa de panqueca.

* * *

Fenol sempre foi uma pessoa atrapalhada, e não se lembrava de algum dia ter sido diferente.

Desde os tempos de escola, seus apelidos variaram entre “Azarento”, “Sexta-feira 13”, “Gato Preto”, sem contar os se referindo à sua visão, como por exemplo “Olho de Peixe” e “Castanhão”. “Fenol”, portanto, parecia ser o mais simpático entre eles.

Por causa de sua visão e de sua tendência de colocar fogo acidentalmente na sala de aula mesmo quando a tarefa não envolvia qualquer objeto inflamável, Fenol se sentava na frente, num cubículo especial que continha uma espécie de computador especialmente desenvolvido para ele por seu pai. Nos outros cubículos, as crianças gostavam de mandar alguns recadinhos a ele por meio da visão LCD até seu computador, alguns contendo histórias em quadrinhos em que ele ora era um robô de pernas de vareta, ora um aparelho eletrônico com pernas velho e desgastado.

Não que todos gozassem da cara dele. No cubículo ao lado, um garoto mais ou menos tão desengonçado quanto ele lhe fazia companhia nos intervalos das aulas. Eram amigos, e o fato mais curioso sobre ele é que possuía apenas um olho de tela – o outro era espantosamente igual ao de Fenol. Seu nome era

Gabriel, mas gostava que o chamassem de Gabba, pois era um apelido imponente que parecia pertencer a um poderoso chefe de alguma tribo ancestral.

Gabba era meio maluco assim mesmo.

Várias vezes, durante a aula, eram surpreendidos pela professora-robô enquanto riam de alguma piada que Gabba estava contando via visão LCD. Como só a possuía em um olho, sua visão era limitada e por isso muitas vezes não conseguia pegar a matéria toda que a professora estava enviando via ondas eletromagnéticas até a visão de todos os seus alunos. E então, ele simplesmente desistia da coisa toda e passava a desconcentrar Fenol enviando-lhe piadas e convites para jogar joguinhos pelo computador de mesa.

Como a professora não era programada para lidar com garotos com meia visão LCD e meio malucos, ela ficava meio desorientada, pois não sabia se devia se concentrar no resto dos alunos ou se devia fazer com que Gabba prestasse atenção. E então, ela optava por dar um *tilt* em seu sistema pelo menos uma vez por semana, fundindo seus circuitos, e fazendo com que robôs-técnicos viessem retirá-la da sala para reparos enquanto saía fumaça de seus circuitos.

O que ninguém reparava é que a professora-robô não era consertada a cada semana, e sim substituída por um modelo exatamente igual ao anterior. Certa vez, ela estava ensinando História do NIPPON aos alunos. Enquanto a professora dizia frases programadas e milhares de datas e informações holográficas pipocavam à frente da visão deles e do aparelho eletrônico de Fenol, Gabba reparou que ela possuía umas inscrições numéricas ao lado de sua grande cabeça. O menino gravou-os em sua memória LCD, e enviou-os para o aparelho de Fenol.

Ao final da aula, os garotos discutiam que deveriam checar se os números mudavam, pois a intuição de Gabba estava lhe dizendo que aí tinha coisa. No dia seguinte, bolaram um plano para a professora dar mais um de seus *tilts*. Gabba simplesmente começou a cantar no meio da exibição de um longo vídeo sobre *As Cinco Profissões em Alta*, enquanto Fenol batucava em sua mesa. Isso a deixou não somente meio, mas totalmente desgovernada, e logo os robôs-técnicos novamente a levaram para a sala de concertos.

Não deu outra: na manhã seguinte, lá estava a professora novinha em folha, e com um número de inscrição diferente. Passaram a repetir o feito durante algumas semanas, e foram percebendo que o número mudava a cada vez em que a viam novamente.

Foi quando Gabba, certa manhã, teve a ideia de seguirem os robôs-técnicos para ver até onde ela estava sendo levada. Fenol inicialmente foi contra, mas logo foi tomado por um espírito aventureiro e lá estavam os dois saindo sorrateiramente da sala enquanto mais uma vez dois grandes robôs a arrastavam

para fora da sala. Ninguém os denunciou, pois as crianças tinham ordens explícitas de nunca deixar suas cadeiras enquanto estivessem assistindo a uma aula (e, se tivessem vontade de usar o banheiro, as roupas especiais podiam ajudá-las nisso), então ficaram quietas assistindo à profissão número quatro - Implementador de tendências da moda.

Enquanto passavam pelas outras salas de aula, algumas crianças, cada uma seu cubículo, se levantavam na ponta dos pés para ver o que estava acontecendo, outras simplesmente continuavam prestando atenção à aula, alheias ao resto, e os outros professores-robôs simplesmente não percebiam a pequena balbúrdia que duas crianças andando pelos corredores estavam causando.

Os robôs saíram da escola, andaram um bocado pelo USA – Unidade de Formação e entraram em um beco escuro e em seguida em um elevador, e os meninos podiam ver um mostrador digital apontando o USA – Unidade Diversão – Entrada de Serviço. Acharam aquilo estranho e entraram o elevador ao lado, indo parar no mesmo andar. Os robôs estavam entrando por uma porta dura, fria e pesada, não pensaram duas vezes e entraram atrás deles.

Foram parar em um corredor imenso, escuro e frio, que mais parecia um hall de hotel mal assombrado: nele, várias portas menores com letras descascadas, com siglas das quais os meninos nunca tinham ouvido falar. Os robôs não haviam notado sua presença ali, e se dirigiram à porta com a sigla *U.E.E. – Subdivisão Robôs*. Ela simplesmente se abriu, Gabba e Fenol correram para entrar junto com eles. Estava escuro do outro lado da porta, os robôs depositaram a professora ali rapidamente e saíram pela porta antes mesmo que os garotos tivessem tempo de entender aonde estavam.

Ficaram presos ali, na escuridão.

Gabba usou sua meia visão LCD para iluminar o ambiente com a luz noturna, e de repente viram que estavam em um horripilante cemitério de robôs.

Era uma espécie de hangar, alto e com o teto curvado, e dentro dele, aos montes, havia robôs desativados de todos os tipos: grandes, pequenos, pernas de robôs, cabeças, braços, robôs-técnicos, robôs-garçonete, robôs de segurança, e etc. Fenol foi andando seguindo a luz da visão de Gabba, tateando os robôs para checar algum sinal de atividade.

_ Tudo sucata – concluiu.

_ Então quer dizer que nossa professora na verdade eram mil professoras diferentes, apesar de serem todas iguais? E que elas eram descartadas sem nem serem consertadas? – perguntou Gabba.

_ Muito estranho. Pelo jeito robôs-técnicos não são robôs-técnicos, e sim robôs que trazem robôs para cá. E esse não é o andar da diversão coisa nenhuma: eles devem ter colocado esse nome só para disfarçar alguma coisa. E nós

estamos presos aqui! Aonde fomos parar? Vamos nos meter numa baita confusão se alguém nos descobrir aqui.

_ É verdade, mas se acalme, Fenol. Você é muito preocupado com os outros! É por isso que eles adoram curtir com a sua cara. Venha, vamos vasculhar o lugar e de quebra procurar uma saída.

Gabba tinha essa mania de fazer tudo virar uma aventura e acabava levando Fenol no mesmo caminho. Não que aquele fosse uma má pessoa, só tinha uma inquietação dentro de si, uma vontade de explorar as coisas que não era muito comum às crianças daquele futuro. Desse modo, Fenol, acabava aprendendo a ser um pouco como ele também.

Estavam tentando passar por aquela pilha de robôs, tateando aqui e ali, encontrando algumas peças estranhas no caminho. Tudo estava no mais absoluto silêncio a não ser pelo barulho dos garotos jogando peças de robôs para os lados e tentando chegar à parede.

De repente, ouviram o barulho de algo descendo do teto. Era uma grande garra robótica se movendo em direção a um dos cantos da sala. Os dois ficaram imóveis olhando para ela. Dois segundos depois, a garra começou a se mover e a esmagar tudo que encontrava pelo caminho. Os dois começaram a gritar e a correr para lá e para cá, tentando achar uma saída daquele lugar, enquanto ela se aproximava cada vez mais do canto em que estavam. No minuto seguinte, estavam encurralados entre os robôs e a parede.

Fenol, desesperado, começou a tatear a parede em que estavam encostados, procurando uma saída, qualquer coisa, quando sentiu um caroço entre seus dedos. Percebeu que era um botão, apertou-o e, para alívio deles a garra simplesmente se desligou e ficou imóvel à sua frente. Não tinham certeza de quanto tempo ela permaneceria assim, então foram atirando pedaços de robôs para todo o lado, até que Gabba encontrou um grande buraco na parede, com as inscrições de "E.E.". Não sabiam o que significava, mas simplesmente se jogaram nele, tentando fugir dali, e foram sugados por uma estranha força, sendo levados por um tubo a uma alta velocidade. Antes que pudessem se dar conta, caíram por cima de milhares de outras peças de robô, em uma esteira rolante típica de fábrica.

_ Meu Deus, Fenol, olha aqui ali na frente... É uma, é uma nave espacial! – disse Gabba, ofegante.

E era mesmo. Mas não era a única naquele lugar, que parecia uma base de lançamento de naves espaciais. Várias outras naves, brancas e imponentes, estavam na ponta de esteiras idênticas àquela, com as escotilhas abertas, só esperando o carregamento de novas sucatas. E não eram somente pedaços de

robôs, mas também blocos de objetos compactados que eles não conseguiram identificar.

Foi aí que os garotos perceberam que aqueles pedaços de robôs iam ser mandados a algum lugar. Talvez enterrados lá, destruídos... Não se sabia. Só sabiam que deveriam sair dali o mais rápido possível, e rolaram para o lado.

Caíram no chão com um baque.

Ouviram passos apressados se dirigindo a eles.

Fenol ouviu Gabba exclamando:

_ Pai? Nãããooooo!

E apagou.

Fenol acordou em sua cama.

Abriu os olhos lentamente, com medo do que veria. Olhou para os lados e viu que estava sozinho em seu quarto, mas não por muito tempo: sua mãe entrou nele logo em seguida, o que era raro, pois ela quase nunca entrava lá. Mais estranho ainda foi seu pai ter entrado nele alguns segundos depois, ele que nunca entrava lá mesmo, e os dois se sentaram ao pé de sua cama.

_ Meu filho – começou a mãe, calmamente – O que é que vocês estavam fazendo naquele lugar?

_ O que era aquele lugar, mãe?

_ Ei, garoto, nós fazemos as perguntas aqui – disse seu pai rispidamente.

Receoso, Fenol passou a explicar desde o início, contando que ele e Gabba acharam estranho o fato do número de série da professora-robô sempre mudar e coisa e tal. Os pais ouviam a tudo atentamente, parecendo estar se esforçando muito para entender, afinal não usavam a comunicação “não-LCD” com muita frequência, a não ser para falar com Fenol.

O pai respirou fundo. Parecia cansado, tinha olheiras enormes, como se tivesse passado a noite inteira acordado. E então, disse:

_ Olha, garoto. Aquele lugar não é nada. Não é para o bico de um garoto da sua idade. Já passei um constrangimento enorme por sua causa hoje, tiveram de me chamar em minha sala. Você tem ideia do quanto tiver que brigar para que não disparassem a arma Esquecerol em você? Não, não tem ideia né? Você quase me comprometeu no trabalho, eles que ousassem me despedir... Mas tive que convencê-los de que você jamais contaria sobre o que viu a alguém. Esqueça o que aconteceu. Ou eu te faço esquecer rapidinho, moleque...

_ Augusto! – disse a mãe, alarmada.

O silêncio tomou conta do quarto. O pai bufava.

De repente, Fenol tomou coragem e perguntou:

_ E Gabba? O que aconteceu com ele?

_ O pai dele foi muito menos condescendente do que eu. Ele ordenou na mesma hora que os robôs de segurança aplicassem a arma Esquecerol no garoto. Mas acho que, infelizmente, o tiro saiu pela culatra...

_ Como assim? Ele está bem?

_ Está sim, mas os robôs exageraram na dose. Eu insistia para que o pai de Gabba os fizesse parar, mas ele não me ouvia. Não ouvia ninguém, na verdade. Estava tomado pela raiva. Fui informado há pouco que ele perdeu a memória de anos inteiros. É uma sorte que ainda saiba seu próprio nome. Agora, ele continuará seus estudos em casa, com uma professora-robô particular.

Fenol estava indignado.

_ Como o pai dele pôde fazer isso? Ele é um monstro! Vou até a casa dele.

_ Você não vai a lugar nenhum, garoto. Esqueça essa história, esqueça esse garoto, eu já falei. Senão as coisas vão piorar para o seu lado.

Fenol estremeceu. E, como querendo se desculpar pela grosseria, Augusto disse:

_ Agora volte a dormir, você teve um dia cheio.

Anos depois, Fenol estava no mesmo lugar de sua infância. Guardara consigo esse segredo durante anos, esqueceu-o, esqueceu-se de Gabba e nunca mais ouvira falar no garoto.

Agora, era como se todos os medos do passado tivessem voltado para assombrá-lo. Andavam pelo mesmo corredor escuro, a passos rápidos, enquanto Fenol desconversava quando Henri perguntava como ele havia descoberto aquele lugar.

Fenol estava falando sozinho, resmungando.

_ Não, não está certo... Deveria ser por aqui... Eu me lembro...

As placas haviam sido mudadas de lugar. Siglas e mais siglas estavam confundindo a cabeça de Fenol, que não fazia ideia do que significavam. Para o espanto dos dois, logo viram que as placas estavam mudando de lugar de tempos em tempos. Aquilo dificultava enormemente as coisas.

_ Henri, temos de ser rápidos. Precisamos do seu poder agora.

_ S-será que vou conseguir fazer de novo? Dei sorte naquele, pois já conhecia o sistema, os aparelhos eletrônicos do meu pai possuíam os mesmos circuitos...

_ Vamos tentar.

Henri tocou uma das portas, que dizia simplesmente "Obsoletos", fechou os olhos novamente e de novo viu todos os seus circuitos. Esta era diferente, tinha ligações que o garoto nunca vira, mas, como se tomado por uma inspiração divina, passou a trocá-los de posição.

A porta se abriu.

Não era um galpão.

Tampouco um cemitério de robôs.

Montes, milhares, talvez milhões de aparelhos eletrônicos estavam empilhados uns sobre os outros, e eles nem ao menos foram capazes de enxergar seu topo. Era como uma pequena cidade, a céu aberto, com as pilhas se assemelhando a prédios, e sem uma alma viva ao redor.

Foram andando por ali, e então Fenol percebeu que, se tivessem sorte, não precisariam procurar pela mesma porta de anos atrás, pois todas desembocariam no mesmo lugar. Henri ia tocando nos aparelhos, todos desativados, a maioria parecendo bastante nova ainda. Estava muito curioso e perguntou a Fenol o que eles estavam fazendo ali, naquelas gigantescas pilhas.

_ Você não reparou em pequenas latas de metal espalhadas por todo o Complexo, lá em cima? – perguntou Fenol.

_ Não... O que elas fazem?

_ Pois bem. Ative sua visão LCD e você as verá no mapa, acredito.

Henri fez o que Fenol lhe pediu e viu o mapa completo do complexo. Deu um zoom em uma parte dele, e foi então que viu milhares de miniaturas de latinhas com indicações de “Disposedor - Descarte de produtos usados”. Simples assim. Não especificava qual tipo de produtos eram aqueles, e então Henri imaginou que serviam para todo tipo de produto.

A ficha de Henri caiu.

_ Então aqui é um grande lixão? As pessoas jogam o lixo nos disposedores e ele vem parar aqui?

_ Exatamente!

_ Mas esses aparelhos estão tão novos! Por que as pessoas os descartaram? Eles pararam de funcionar?

_ Henri, não sei bem como era no seu tempo, mas aqui as coisas têm um ciclo de vida determinado. Elas são produzidas, consumidas, descartadas, depois as pessoas compram outras novas, versões mais novas e mais modernas da coisa anterior, e são consumidas e descartadas novamente, e por aí vai. Não necessariamente param de funcionar. Descobri isso há alguns anos atrás, quando eu tinha mais ou menos a sua idade...

E então, Fenol começou a contar ao garoto a história da professora-robô, enquanto andavam rapidamente pelo lixão, parando de vez em quando para analisar um aparelho eletrônico ou outro. Henri ouvia a tudo atentamente.

_ Por isso, Henri, confio que você nunca irá contar isso pra ninguém, é muita coisa em jogo. Mas eu precisava da sua ajuda para checar algo e te trouxe até aqui. Agora precisamos achar uma passagem semelhante àquela que eu

mesmo encontrei anos atrás, e temos de andar rápido, porque ainda não te mostrei metade do que queria.

Achar a passagem novamente foi fácil.

Difícil foi lidar com o alarme ensurdecedor que começou a apitar assim que Fenol encostou o dedo nela.

“Alerta de presença humana na passagem B8 – todas as unidades favor se dirigirem à seção de Obsoletos”, disse uma voz robótica.

Fenol não contava com esse novo sistema de segurança, e estranhou que ele não tenha apitado antes, quando Henri encostou-se às outras portas. Não havia tempo para pensar nisso, Fenol puxou o menino pelo braço, se jogaram na passagem e foram caindo, caindo e caindo. Novamente, caíram em cima de uma esteira rolante, dessa vez transportando aparelhos eletrônicos usados, e a já familiar nave espacial os esperava ao final dela. Henri, que estava vendo tudo aquilo pela primeira vez, não sabia exatamente o que pensar e o pânico se apoderava dele.

Na história que Fenol havia lhe contado, a nave parecia muito menor.

Novamente, como num *déjà vu*, rolaram para fora da esteira. Não havia ninguém ali, nenhum funcionário, nenhum robô. O lugar estava absolutamente deserto, as máquinas funcionavam sozinhas e não se ouvia nenhum outro barulho que não o das esteiras.

“Muito estranho”, Fenol pensou.

Assim, como se tivesse pregando uma peça nos pensamentos de Fenol, o mesmo alarme começou a soar naquele andar. Num segundo, apareceram centenas de robôs armados, os garotos se esconderam atrás da nave, aflitos, se perguntando até quando poderiam ficar escondidos ali. E então, enquanto os robôs vasculhavam o lugar, Fenol leu algumas inscrições no painel de comando da nave, que diziam “Destino: Lua”.

“Eu sabia, eu sabia!”, ele comemorava, sussurrando. Apertou algumas teclas aqui e ali, pediu a ajuda de Henri para decifrar alguns códigos binários e desativaram a nave. O que se passou a seguir foi uma tremenda confusão, pois, com a nave não podendo decolar, esta logo passou a receber mais e mais aparelhos eletrônicos em seu interior, até que não cabia mais nada ali dentro. A esteira não parava de trazer materiais a cada segundo, de modo que uma pane tomou conta do sistema todo. Os robôs, portanto, foram obrigados a se desviar de suas buscas para tentar conter aquelas milhares de peças voando para todos os lados.

“Todas as unidades favor se dirigirem à esteira D – Código de erro 79B”, dizia a mesma voz robótica. Aproveitando que a confusão se tornava cada vez

maior, os dois se esgueiraram pela saída do espaçoporto e deram de cara com o hall de um elevador. Entraram nele, aliviados.

Fenol abriu a mão e, para a surpresa de Henri, lá tinha uma chave eletrônica parecida com a chave de ignição do carro de sua mãe, mas meio esquisita, maciça e com espécies de asinhas laterais e algumas pedras preciosas incrustadas nela.

_ É a chave de ignição da nave. – disse Fenol, enquanto brincava com ela entre os dedos – Peguei-a enquanto estávamos desprogramando-a. Algo me dizia que, quando viéssemos aqui, não seria em vão. E não foi. Essa chave pode nos ajudar no nosso próximo destino.

_ Mas como? Para onde vamos agora?

_ Você vai ver. – disse Fenol.



CAPÍTULO 13

A mãe de Henri havia cumprido a promessa.

Seu filho não havia voltado para casa, e mãe é mãe e se preocupa sempre.

Como se não bastasse chamar a polícia, toda a imprensa ficou sabendo do ocorrido. Por ser filho de gente importante, logo Henri virou notícia em todos os jornais, telejornais, revistas, sites da Internet. Já haviam apelado para todo tipo de teoria conspiratória, alguns culpavam o governo brasileiro, outros o terrorismo, outros até a Interpol. Repórteres estavam se revezando há dias embaixo de seu prédio, tentando falar com a mãe, com o pai, com a irmã de Henri.

Na falta de entrevistas com os membros da família, os repórteres estavam entrevistando qualquer pessoa que entrasse no prédio. Até mesmo o porteiro foi entrevistado, e novamente ele repetia a história da estranha luz que havia visto naquela manhã. É claro que nenhum jornalista deu muita importância a esse fato, que nem chegou a virar notícia e logo ficou esquecido.

A família evitava ao máximo sair de casa, dizia que aquilo tudo era palhaçada e que a imprensa não respeitava seu sofrimento.

Certa tarde, porém, a irmã de Henri teve de fazer uma prova importante na faculdade, que não poderia ser remarçada. Colocou uma velha peruca loira que comprou certa vez para ir a uma festa à fantasia, além de óculos escuros que tapavam basicamente todo seu rosto, e saiu pelos fundos do prédio. Estava bem disfarçada e se sentiu uma celebridade sendo perseguida pelos *paparazzi*, pena que sua fama advinha de um motivo tão triste. Contornou o prédio para ir pegar o metrô, pois os repórteres sabiam até mesmo a placa de seu carro. Passou pelo terreno baldio, lembrando-se da história absurda do porteiro.

“O porteiro não deve ser tão maluco assim”, pensou. Entrou no terreno e começou a alisar o mato, demorou-se ali por longos minutos e até se esqueceu de que deveria ir correndo para a faculdade. Olhou à sua volta e, para seu espanto, avistou um ponto preto no meio do matagal, quase imperceptível. Foi andando até ele cautelosamente, com medo de ser algum animal, quando viu que aquilo parecia ser uma roupa enrolada... Espera, não, parecia ser uma mochila.

Era a mochila de Henri.

* * *

Fenol e Henri também estavam sendo procurados por todo o complexo. Não como desaparecidos, mas como foragidos.

O rosto deles estava estampado em cada tela, telinha, telão e em cada visão LCD, em avisos em letras garrafais que diziam “Extremamente perigosos – Caso veja favor denunciar à Corporação Megalo”.

O pânico tomara conta daquele lugar. As pessoas do Complexo Yotta nunca haviam presenciado algo desse tipo, pois sempre viveram sem se preocupar, exatamente conforme o slogan da Megalo de “Não se preocupe”. Elas não sabiam muito bem como lidar, e ficavam andando para lá e para cá, desorientadas, como uma fila de formigas que andava certinha até alguém resolver colocar um dedo entre uma e outra, só para vê-las andando por todas as direções.

A Corporação Megalo também criou uma lista com procedimentos de segurança para a situação, que ficava se repetindo a toda hora nas mesmas telas, telinhas e telões, e incluía dez itens:

- 1.** Não fale com estranhos pela visão LCD.
- 2.** Muito menos ao vivo.
- 3.** Mantenha-se calmo.
- 4.** Para tal, adquira já um de nossos mini robôs-calmante por apenas 160 *yottins* na *Pinapple Store*. Suas funções incluem: cantigas de ninar, abraço de vó, preparo de água com açúcar e muitas outras. Baterias não inclusas.
- 5.** Procure ficar em casa.
- 6.** Utilize nosso novíssimo sistema de compras sem sair de casa. São milhares de produtos exclusivos para você e toda sua família. Entregamos em domicílio. Tudo para seu maior conforto e satisfação.
- 7.** Caso necessite sair de casa, jamais saia desacompanhado. Dê preferência aos seus robôs domésticos: Atualizamos seu sistema, que soará um alarme caso se deparem com os foragidos.
- 8.** Mantenha-se alerta. Utilize o modo “visão comum” de sua visão LCD.
- 9.** Desconfie de tudo e todos. Seu vizinho é um inimigo até que se prove o contrário.
- 10.** Em caso de encontro frontal com os foragidos e ausência de um robô doméstico:
 - 10.1** Nunca procure repetir os movimentos de luta dos nossos atores de programas de TV: eles foram altamente treinados para fazer parecer real. Nada daquilo funcionaria num combate corpo a corpo.
 - 10.2** Tenha certeza de que se tratam dos verdadeiros foragidos. Evite passar trotes, e assim, evite constrangimentos.

10.3 Em caso afirmativo, mantenha a calma e utilize nosso serviço de SAC instalado em sua visão LCD.

Adendo:

Caso os infratores não sejam capturados logo, iremos instaurar medidas de segurança mais severas, tais como toque de recolher, em um horário ainda a ser estipulado. DESSE MODO, NÃO SAIA DE CASA NEM ACOMPANHADO POR SEU ROBÔ DOMÉSTICO.

Nos intervalos dos avisos, era exibido um vídeo contendo uma pequena biografia dos foragidos que mostrava sua origem alienígena, dizendo ainda que eles estavam na Terra em uma missão aniquiladora. Suas imagens foram toscamente manipuladas, e agora se viam antenas na cabeça dos dois, embora o vídeo dissesse que eles provavelmente estariam em sua forma humana e, portanto, sem antenas. Ele também contava que esses alienígenas estavam capturando algumas cobaias para um experimento absurdo que envolvia a remoção da visão LCD, trocando-a por em que só se reprisavam antigos programas de TV, um após o outro, como forma de tortura.

Após a exibição do vídeo, começava a tocar uma música calma com uma letra que envolvia paz, serenidade, pássaros voando e golfinhos.

Fenol e Henri assistiam a tudo isso de dentro de uma *cyberbarbearia*.

_ Olha como eles estão nos pintando! Que absurdo, que absurdo! – dizia Fenol, usando uma espécie de touca térmica na cabeça.

_ Será que nossos disfarces irão funcionar? – perguntou Henri que, além da touca térmica, também estava com creme de barbear espalhado por metade de seu rosto.

O sistema de barbeamento daquele lugar era um pouco desatualizado. Encontraram aquela *cyberbarbearia* numa rua muito escura e deserta da Unidade Diversão, em que a maioria das outras lojas estava com uma placa de “Em breve mais uma loja para sua diversão” na porta. Estavam fugindo dos robôs de segurança, tentando encontrar um esconderijo, quando Henri deu a ideia de entrarem ali e tentarem, sei lá, sofrer uma transformação que nem as que sua mãe gostava de assistir nos programas de TV de sua época.

Entraram ali e o sistema robótico de barbeamento não parava de saudá-los, repetindo “Boa noite” no mínimo umas quinze vezes, até que Fenol o mandou calar a boca, pelo amor de Deus. Não tinha mais nenhum cliente na barbearia, pois conforme Fenol explicava a Henri, a procura por salões de beleza era tanta que a Corporação Megalo teve de criar uma Unidade de Beleza em outro lugar, e era para lá que as pessoas se dirigiam quando queriam fazer as

unhas, ou comprar roupas metalizadas, ou adquirir um novo corte de cabelo, ou fazer a pele rejuvenescer dez anos com uma única aplicação de laser.

As barbearias que já existiam na Unidade Diversão foram obrigadas a permanecer por lá, porque a Unidade de Beleza já estava toda completa, e não tinha mais espaço pra eles, etc e tal. Elas, portanto, acabavam sendo fechadas por falta de clientes, e semanas depois uma lanchonete era aberta no mesmo lugar, ou uma loja de aparelhos eletrônicos, ou algo assim. Acabava que os produtos vendidos em tais lojas eram praticamente a mesma coisa que na loja ao lado, mas tinha sempre tantas lojas por ali que davam ao frequentador do lugar a impressão de que ele tinha várias opções de compras.

Aquela barbearia em que os garotos estavam devia ser uma das únicas sobreviventes da Unidade Diversão.

Minutos depois de mexer em seus cabelos para lá e para cá com suas ferramentas robóticas, o sistema de barbeamento disse que estavam prontos. Fenol olhou-se no espelhinho de mão e não conseguiu mostrar outra reação a não ser uma careta, enquanto Henri parecia estar se divertindo com aquilo tudo.

Henri estava realmente engraçado: seu cabelo havia sido pintado de um laranja vivo, quase cor de fogo. Seu cabelo espetado agora estava mais espetado ainda, moldado por um gel de alta fixação. O creme de barbear, na verdade, não era para tirar a barba e sim para fazer crescer uma barba falsa removível, de modo que agora Henri exibia uma barba rente e simétrica. Ele parecia um adulto agora, só que de baixa estatura.

Fenol, por sua vez, estava tendo enormes crises internas, pois agora seus cabelos cacheados estavam extremamente lisos e loiros, além de exibir algumas mechas azuis. Ele estava brigando com o robô, pois havia pedido um cabelo mais escuro e não metade loiro e metade azul, mas parece que a tintura estava velha e por isso havia ficado daquele jeito. “Deixa pra lá”, disse Fenol certa hora. “Pelo menos esse robô deu um jeito nas espinhas”.

Pagaram pelas transformações e Fenol aproveitou para comprar óculos escuros numa lojinha ao lado, para disfarçar seus olhos comuns. Depois, saíram pela porta, ansiosos para saber se o disfarce funcionaria. Mal pisaram do lado de fora e deram de cara com um robô de segurança.

O que se passou a seguir foi o seguinte:

Os garotos ficaram imóveis e aflitos enquanto os circuitos do robô escaneavam o corpo de Henri. O robô ia repetindo em voz alta: “Estatura: Confere. Distância entre as extremidades dos dedos: Confere. Distância entre os olhos: Confere. Proporção entre o nariz e o rosto: Confere. Número de dentes: Confere.



Barba: Não Confere. Cor de cabelo: Confere. Não confere. Corte de cabelo: Confere. Não confere. Resultado da amostragem: Confere. Não confere. Confere. Não confere. Confere. Não confere.

E os circuitos do robô entraram em pane e sua cabeça explodiu em mil pedacinhos. Os garotos soltaram gritos e se protegeram com as mãos.

_ Que insano! Esse robô não estava preparado para essas transformações superficiais. – disse Fenol, ainda assustado, enquanto corriam dali.

_ Será que eles foram tão burros de achar que não pensaríamos em algo do tipo?

_ Provavelmente. Mas não sei da onde você tira essas ideias, foi genial!

_ Jura? No meu tempo, seria a primeira coisa em que as pessoas pensariam.

_ Eu deveria ter nascido no passado, então. Lá as pessoas pareciam muito mais espertas.

* * *

Apesar de não estar preparada para mudanças superficiais, a Corporação Megalo estava preparada para muitas outras.

Uma delas dizia respeito à tentativa de se acessar arquivos secretos da corporação por dois garotos que, obviamente, não faziam parte dela.

Tudo começou ainda no elevador do espaçoporto, quando Fenol abriu o jogo e disse a Henri que, desde o começo, sabia exatamente por que tinham ido até ali. Admitiu que, com sua mania de observação desde sempre, tinha conseguido observar algumas coisas naquele espaçoporto, anos atrás. Uma delas foi aquela chave eletrônica, tão reluzente. Foi a última coisa que viu antes de desmaiar, e era tão brilhante que ficou gravada em sua memória. Com o passar dos anos, foi se esquecendo da chave, de Gabba e de todo o resto, mas suas lembranças foram reativadas na mesma tarde em que Henri e Ness tiveram o desentendimento.

Alguns dias atrás, no laboratório do NIPPON, em seu horário de trabalho, Fenol tentava cumprir a promessa que havia feito a Henri. Tentava, a todo custo, bolar uma solução para levá-lo de volta ao passado sem que ninguém mais percebesse.

Mas, afinal, o que havia acontecido com o Periodolador após a chegada de Henri aos anos 3000?

Se fosse tão fácil assim levar Henri de volta ao passado, eles certamente não teriam vivido aquelas aventuras todas até ali. Certamente, Fenol encontraria o garoto e o faria voltar ao passado imediatamente, sem maiores danos

aos envolvidos, e sem o risco de algum cientista descobrir a falha. Não teriam de passar por todo o sufoco para sair do NIPPON como na primeira vez, e agora não estariam sendo perseguidos pela Megalo.

Talvez pela confusão na volta aos anos 3000 ou talvez por ter sido usado sem estar totalmente pronto, o fato é que o aparelho simplesmente não estava mais funcionando. Ou, pelo menos, Fenol não estava conseguindo ativá-lo por meio dos palavrões. Já havia tentado até mesmo estragar os circuitos de seus sapatos para que a coceira em seu dedão voltasse com toda a força daquele dia, mas sem sucesso. Tentou abrir o aparelho a todo custo, mas simplesmente não entendeu nada dos circuitos que estavam ali dentro, desistiu da coisa toda e o escondeu de volta em seu armário.

Tudo o que conseguira fazer até o momento era, mal e mal, criar uma réplica para que ninguém notasse a falta do verdadeiro Periodolador na sala em que ele o havia surrupiado. Usou uma amostra de metal do estoque, soldou uma peça aqui e ali, usando uma solda elétrica surrupiada do Departamento de Testes, suando bastante no meio do processo e enfrentando o olhar dos colegas curiosos que se perguntavam o que ele estava fazendo (por um lado a intimidade do cubículo era boa por isso: ninguém ficava se intrometendo no seu trabalho). Depois de pronto, foi até a sala com a senha que já possuía, colocou o aparelho falso lá e estava seguro.

Por enquanto.

Era inegável que Fenol e Henri deveriam ser rápidos. Não apenas por conta do falso aparelho, que um olhar mais atento logo descobriria a farsa, mas principalmente por conta do que veriam a seguir.

Já haviam deixado o espaçoporto, depois da confusão com os aparelhos eletrônicos, e estavam se dirigindo ao NIPPON. Ainda não eram foragidos da lei e ainda não haviam adquirido penteados novos, e Henri estava impaciente por conta da recusa de Fenol em dizer o que era, afinal, a tal coisa *ultrasuper-mega* importante que ele havia prometido mostrar para ele naquela noite, que aparentemente não tinha nada a ver com todo o resto.

_ Claro que tem a ver com todo o resto – dizia Fenol impaciente. Foi para isso que peguei a chave, ou pelo menos para parte disso.

_ Abre logo o jogo, Fenol!

_ Não posso. Calma, estamos chegando.

Ainda possuíam o problema do disfarce em mãos. Pelo menos dessa vez, Henri ainda tinha os extensores de sapatos, e novamente só precisou selecionar o nível dois e pronto, estava mais alto. Mas ainda tinha aquela cara de criança, então Fenol precisou entrar no NIPPON primeiro e sair de lá carregando uma

espécie de máscara de gás de um dos laboratórios, além de vários jalecos para ele parecer mais largo.

Por ora deveria servir, se eles andassem rápido.

Estavam andando pelo mar de cientistas, todos andando muito rápido também, e falando sozinhos ao mesmo tempo, de modo que nem acharam estranho aquele homem usando uma máscara em pleno saguão.

_ Estamos quase chegando. Precisamos entrar em uma sala vazia agora. – disse Fenol, agora recobrando o nervosismo.

_ Vazia? Mas por quê?

Fenol não respondeu, mas Henri notou uma pequena saliência no bolso de seu jaleco.

_ Fenol, o que é isso no seu bolso?

_ Hein? Isso... Ah, é exatamente isso que eu quero te mostrar.

Entraram numa sala escura. Luzes se acenderam. Não havia nada ali, a não ser algumas mesas sem nada em cima.

_ Acho melhor eu trancar a porta – disse Henri, pegando Fenol de surpresa.

_ Isso, isso.

Henri tocou a porta. Estava ficando cada vez mais fácil fazer isso. Brincou com os circuitos por alguns segundos e conseguiu fechá-la.

Estavam a sós. Fenol finalmente tirou a coisa do bolso, que mais parecia um console de videogame portátil, e começou a falar.

_ Isso é um projetor de bolso. Aqui dentro tem informações valiosíssimas, da Alta Cúpula da Corporação Megalo.

_ Como você conseguiu isso?

_ O Tera. Eu estava hoje no meu armário, indo deixar meu jaleco, quando vi que o armário dele estava aberto, e algo apitava lá dentro. Ele não foi trabalhar hoje, ninguém sabe por que, e achei estranho. Não consegui me conter, vi que o barulho vinha desse aparelho... E o peguei. Nem imaginava o quanto seu conteúdo era perigoso.

_ Será que o Tera roubou de alguém?

_ O aparelho parece ser dele mesmo. É um tipo comum de aparelho portátil. Mas seu conteúdo... Bem, ele deve ter arrumado um jeito de descriptografá-lo, de outro modo, não conseguiria acessar as informações. Mas você precisa assistir logo... O tempo está correndo.

* * *

Aquele era o vídeo mais misterioso ao qual Henri já assistira.

Começava com uma tela preta, e palavras em branco reuniam dados sobre a Lua.

Distância Terra-Lua. Peso: 7,349x10²² kg. Densidade média: 3,34gramas/cm³ Velocidade: 3.700 km/h.

Em seguida, a tela preta se abriu e agora uma animação muito realista mostrava o sistema do espaçoporto, com suas centenas de naves decolando e levando materiais em direção à Lua. Aparecia, a seguir, uma imagem em movimento de uma porta incrustada de pedras preciosas, com a placa "Corporação Megalo – Apenas membros".

De repente, as coisas começaram a ficar borradas e confusas, como numa TV velha em que a antena não estivesse funcionando direito. Não conseguia mais entender as letras que se formavam nas telas, as informações estavam embaralhadas, como se alguém tivesse interferido nelas de propósito.

Até que Henri conseguiu ler, mal e mal, uma informação que foi como um soco na boca do estômago.

"A Lua está prestes a explodir", dizia simplesmente, e a tela se apagou.

* * *

Henri estava atônito. Não sabia se acreditava no vídeo, mas parecia oficial demais para ser mentira. O garoto não pôde deixar de notar que a suposta porta de entrada da Corporação se assemelhava, e muito, à chave que Fenol havia pegado no espaçoporto. Então, finalmente entendeu por que haviam passado por tudo aquilo: Os funcionários do espaçoporto estavam ligados de algum modo à Corporação Megalo, de outra maneira as chaves de ignição das naves não seriam parecidas com a própria porta de acesso à corporação. Além disso, precisavam entrar na Megalo para buscar as informações que foram ocultadas no vídeo, e era essa última parte que estava aterrorizando o garoto.

_ Fenol – Henri tremia – Isso é muito arriscado. Nem imagino o que podem fazer conosco se nos descobrirem lá. Já me contaram algumas histórias...

_ Quem te contou? – Fenol parecia curioso – Eu sei, mas precisamos fazer alguma coisa, não acha?

_ Tem razão. E como vamos até lá?

Fenol apontou para os olhos de Henri, que entendeu o recado e passou a procurar pela indicação da sede da Corporação Megalo em seu guia.

_ Nada – concluiu. Só mostra um breve resumo sobre a corporação, e nada mais. Espera aí, aqui diz Área Reservada. Preciso de uma senha.

E então, Fenol pegou a chave, que também estava em seu bolso, e foi girando-a, em busca de alguma pista. Numa das faces, havia uma inscrição minúscula com alguns números.

_ XYTTPXIE34959, tenta esse – disse.

Senha aceita, dizia um aviso na visão de Henri.

_ Andar Cinco, Torre B, é para lá que vamos. E acho que vamos precisar de uma autonave.

O estacionamento C das autonaves era gigantesco. Milhares de veículos de todas as cores estavam estacionados lado a lado, distribuídos em vários andares. Mais autonaves chegavam a cada instante, seguindo uma fila indiana, enquanto outras saíam. Como numa fila de táxis no aeroporto, milhares de pessoas aguardavam sua vez para pegar sua própria nave, inclusive Henri e Fenol.

_ Meu carro deveria estar por aqui - dizia Fenol – Foi aqui que eu o deixei, dias atrás, antes de perder a chave. Pensando bem – refletiu por alguns segundos – acho que ele já deve ser removido para algum depósito. Ou pior... Pode ter sido mandado para a Lua como sucata!

Henri usou sua visão para tentar localizar o carro.

_ Peraí, tem um ali muito longe, um pouco apertado no canto – deu zoom – E tem seu nome no painel dele! Vamos, achei!

_ Mas como vamos entrar? Eu perdi minha chave, lembra?

E foi então que Henri olhou para os lados, tentando encontrar uma solução, e viu um objeto reluzente a seus pés. Era uma chave, e foi até ela imaginando que seria muita sorte encontrá-la ali. Mostrou-a para Fenol e, conforme havia previsto, aquela não era a chave de sua autonave. Então, Henri teve uma ideia... Mas não, seria fácil demais se desse certo... O garoto pegou a chave no chão e foram até a nave, Fenol repetindo que aquilo não daria certo, mas não custava nada tentar.

A chave não encaixou na fechadura da porta, e Henri segurou-a com as duas mãos, como se estivesse segurando um filhote de passarinho. Respirou fundo, concentrou-se, e ela começou a esquentar ali dentro, mas não era capaz de queimá-lo.

Ela havia mudado de forma.

Fenol assistia ao episódio de queixo caído.

CLIC – e a chave se encaixou na fechadura.

_ Incrível! – disse a Henri.

Enquanto voavam em direção à sede do complexo, Fenol ria com os vidros da autonave abertos.

Se o plano dos garotos tivesse dado certo, certamente não estariam agora sendo perseguidos pelas autoridades.

Isto é, quase deu certo.

De autonave, passaram por várias partes desconhecidas do complexo. Estava claro que eles estavam subindo cada vez mais e se embrenhando em lugares aonde a maioria das pessoas não ia. Conforme iam subindo, o barulho lá embaixo ia ficando cada vez mais distante, o ambiente climatizado do USA era substituído por um clima gelado e fantasmagórico. A sede realmente não era acessível a qualquer um, mas enquanto estivessem apenas seguindo a autovia, não poderiam ser tratados como invasores.

Henri ia indicando o caminho, e quando estavam próximos à entrada, estacionaram a nave próxima a ela. Se tivesse de fugir, seria mais fácil assim. Olharam para todos os lados antes de descerem, e enfim tocaram os pés no chão.

– Estranho não ter nenhum robô de segurança, mas vamos prosseguir – disse Fenol.

A chave de ignição da nave estava bem acomodada no bolso de Fenol, que o tirou dali com certa hesitação. Encostou-a à fechadura, que era semelhante a uma máquina de cartão de crédito, e a mágica do abrir portas aconteceu.

Entraram numa sala circular, que mais parecia o hall de entrada de um castelo. Uma luminária de cristal pendia do teto, estátuas semelhantes às gregas estavam encostadas nas paredes (apesar de estarem retratando robôs imponentes ao invés de figuras nuas), e uma cúpula de vidro mostrava o céu holográfico cheio de nuvens. Por sorte, não havia ninguém ali, o que era estranho. Ficaram hipnotizados pela beleza do lugar, mas tinham de seguir em frente e ficar alertas a qualquer sinal de movimento.

Quando estavam no centro da sala, algumas portas surgiram à sua frente. Eram todas iguais, não havia nenhuma indicação do que guardavam e, portanto, eles deveriam entrar por qualquer uma e torcer para que não topassem com ninguém lá dentro.

Por sorte, escolheram a porta que dava para os arquivos do complexo. Havia apenas um robô lá dentro, em pé, mas que estranhamente parecia desativado.

– Precisamos vasculhar o lugar! – Fenol sussurrou. Vamos, qualquer pista é válida. E passaram a abrir todas as gavetas, vasculhando arquivos que, estranhamente, eram de papel. O robô nem se mexeu.

– Caso 32: Vazamento de óleo na Nave 25 DELTA. Não. Caso 33: Manutenção da esteira D9. Não. – dizia Fenol, impaciente.

– Acho que nada disso irá servir, Fenol. Esses arquivos são muito antigos.

_ Não é possível. Tem que ter ao menos alguma pista aqui.

Fenol estava certo. Nem bem disse isso, e uma estranha luz começou a emanar de uma pequena gaveta, que mais parecia uma caixinha de joias. Foram até lá, e ela estava trancada. Como sempre. E, como sempre, estava ficando cada vez mais fácil para Henri abri-la. Para seu espanto, percebeu que isso acontecia porque os circuitos estavam um pouco danificados, como se alguém tivesse tentado abri-la à força.

Abriu a portinhola da caixinha com cuidado, enquanto aquela luz interna o cegava um pouco. Lá dentro, havia uma pequena chave de ouro maciço, com uma inscrição de "Chave Reserva" em sua lateral. Chave reserva para quê?

Pegaram a chave e voltaram à sala circular. Não podiam contar com a mesma sorte dessa vez e esperar que nenhum membro da corporação estivesse atrás de alguma daquelas portas. Como deveriam proceder? Elas eram totalmente iguais, e nenhuma tinha fechadura. A não ser que...

Henri se aproximou de uma delas, segurando a chave. Encostou as mãos no metal extremamente gelado. Não, não era aquela. A chave e a porta não tinham a mesma vibração. Estranhou que tivesse pensado na vibração das portas, mas sua intuição dizia que aquilo fazia sentido. Ouviu vozes vindas de dentro, e definitivamente não deveriam entrar lá.

Lá pela quinta porta, o garoto conseguiu enxergar um brilho em seus circuitos. Eram pequenos pedaços de ouro em formato esférico. Ele não sabia exatamente para que serviam, mas devia ser aquela porta. Encostou a chave nela, e então as bolinhas de ouro vibraram lá dentro e seus circuitos se rearranjaram.

E, com um clique a porta se abriu.

Luzes se acenderam assim que os garotos pisaram dentro daquela sala, revelando se tratar, na verdade, de um grande auditório com cadeiras flutuantes de ouro. À frente, um grande palco contendo um palanque e um projetor do tamanho de uma tela de cinema. Estava tudo em silêncio, ali novamente não havia nem mesmo robôs de segurança.

De repente, as luzes se apagaram e o projetor ligou-se sozinho. Os garotos se sentaram em duas das cadeiras, que usavam o mesmo sistema de ilusão sensitiva de poltrona de veludo, e um vídeo passou a ser exibido.

Era o mesmo vídeo que eles haviam visto no estranho aparelho furtado do armário de Tera. Dessa vez, porém, ele estava completo. Os garotos o assistiam atônitos enquanto as imagens passavam diante de seus olhos.

_ Então é isso, Fenol? A Lua irá explodir por conta da quantidade de aparelhos eletrônicos enterrados lá? E a corporação não tem mesmo a menor ideia de quanto tempo falta para isso? – Henri comentava antes mesmo que o filme chegasse ao fim.

_ Essa radiação que está vazando é uma coisa seríssima... Por isso eles estão escondendo de todos. Devem estar loucos atrás de uma solução para tal fato, mas se não conseguem nem prever em quanto tempo isso pode acontecer... É, não sei. Mas acredito que seja verdade, sim. Ninguém inventaria um problema desses à toa. Não quero nem pensar no que poderá acontecer com a gente aqui na Terra...

_ Peraí, Fenol! – e Henri se levantou da cadeira subitamente - Acho que acabei de entender! Foi para isso que o projeto Outrora-1 estava sendo desenvolvido! Eles queriam trazer alguém que soubesse resolver o problema, pois eles mesmos não conseguem resolvê-lo!

_ Faz sentido, por um lado! A escolha mais óbvia seria se trouxessem o próprio Zord, mas isso causaria uma grande confusão mesmo que em segredo. Acho que o próprio Zord não aceitaria ser mantido em segredo, e nem conseguiria ser mantido assim, afinal foi ele quem criou o complexo e deveria saber todos os seus segredos, suas portas, entradas, seus códigos. Mas por outro lado, trazer qualquer outra pessoa do passado também pode trazer consequências. Mexer com o tempo pode ser desastroso. Não sei, isso me cheira a armadilha. Tem alguma coisa errada nesse projeto!

O vídeo ainda estava sendo projetado na tela. Agora, mostrava uma lista com a ficha de várias pessoas procuradas, como ameaças ao complexo. No topo delas, ao lado de um carimbo de “BANIDO”, estava a foto de alguém que Henri conhecia.

Era o pai de Ness.

Ao mesmo tempo em que uma confusão tomava conta do cérebro de Henri, ouviram barulhos de passos pesados entrando na sala em que estavam. Eram centenas de robôs de segurança, marchando em direção às suas cadeiras, apontando armas Esquecerol para eles...

Fenol ficou tão nervoso que simplesmente desmaiou e caiu no chão como um saco de batatas, e Henri teve que arrastá-lo até a porta, desviando-se do laser disparado pelas armas. Alcançou-a com dificuldade, e, quase sem forças, trancou os robôs lá dentro.

_ Ufa! Acorda, Fenol, temos que sair correndo daqui! - E uma sirene começou a tocar.

Fenol acordou com o barulho, meio sem entender onde estava, mas foi só ver o rosto aterrorizado de Henri que se colocou de pé rapidinho. Foram correndo até a autonave, outros robôs de segurança já estavam em seu encalço, os garotos estavam perdendo o fôlego, correndo sem parar para alcançar a saída da corporação.

Conseguiram alcançar o veículo e desceram os andares em direção à Unidade Diversão, voando sem ao menos olhar para trás.

_ Estamos seguros agora? – perguntou Henri.

_ Duvido muito. Agora eles já sabem como somos, já possuem nossos registros, já era, já era – disse Fenol, ansioso.

Fenol tinha razão. Minutos após terem decolado, seus rostos estavam estampados em todas as telas do complexo.

CAPÍTULO 14

_ Ainda não me conformo em termos sido quase apanhados pelos robôs de segurança da corporação! Como é que eles nos acharam lá? – perguntava Fenol.

Haviam saído da barbearia e estavam se dirigindo à autonave, sem muita certeza da onde iam em seguida. Fenol estava a todo o momento checando seu cabelo num espelhinho de bolso, tentando se acostumar àquele tom de água de salsicha. Henri respondeu:

_ Realmente foi muito estranho. Estávamos indo tão bem... Quem sabe eles já tinham nos visto há tempos e só estavam esperando a hora certa para nos encurralar!

_ Brrr, é mesmo. Só de pensar já me dá um arrepio na espinha. O pior de tudo é que nunca mais conseguiremos acessar aquelas informações novamente! Nossa chance de entrar lá deve ser algo do tipo uma pra um milhão.

_ Não precisamos. Eu gravei tudo aqui na minha visão LCD. Posso acessar as informações a hora que eu quiser.

_ Muito bem, muito bem! - Fenol deu um abraço no garoto e alguns tapinhas nas costas, meio sem jeito.

Entraram na autonave, que estava estacionada não muito longe dali. Um olhou para a cara do outro, até que Fenol tomou a iniciativa e perguntou:

_ E agora, para onde vamos?

_ Err... Na verdade eu sei aonde podemos ir. Lembra-se de quando cheguei tarde à sua casa? Era lá onde eu estava e queria te contar. Promete não ficar bravo comigo?

Enquanto faziam o caminho até a Escócia, Fenol ouvia em silêncio a versão resumida da história de Fenol. Estava fazendo caretas cada vez mais estranhas, adicionando um pouco de drama às suas reações, ora colocando a mão em frente à boca, ora mordendo os dedos com força e arregalando os olhos.

_ E foi assim que tudo aconteceu. – Henri viu que Fenol havia perdido a cor nas bochechas – Você está bem?

_ Estou, estou sim. Nunca iria imaginar que algo assim pudesse acontecer, mas acho que temos sim que ir ver essa tal de Ness. O pai dela deve ter algo para nos contar.

_ Ótimo. Veja, estamos chegando!

Estavam estacionando no famoso portão da Escócia, felizes por finalmente poderem descer, afinal era um caminho um pouco longo até aquele

subsolo. Henri decidiu que aquela autonave novinha chamaria muita atenção, portanto decidiu que era melhor entrarem ali a pé mesmo. Ele proferiu a sequência que os permitia entrar, e adentraram na escuridão do lugar.

Fenol estava tendo a reação mais estranha possível à sua primeira vez ali. Falava sozinho, com os braços cruzados, tentando olhar tudo a seu redor. Henri tentava apressá-lo para que pudessem pegar emprestados alguns uniformes do lugar sem que ninguém os visse.

Henri escaneou os já conhecidos armários, que possuíam portas muito fáceis de abrir, e pegou roupas para ele e para Fenol. A do outro parecia uma espécie de ceroula que se usava na idade média, e Fenol ainda reclamava que estavam pinicando.

“Ainda bem que não tem espelho aqui”, Henri pensou. “Com certeza ele cairia duro pra trás se visse sua imagem no espelho agora”.

Quanto mais andavam, mais Henri ia ficando nervoso. Não sabia qual reação esperar de Ness, e se ela o reconheceria com aquele visual novo. “Claro que ela irá me reconhecer”, ele pensava. “Passamos tempo juntos o suficiente para nos lembrar. Bom, pelo menos para mim foi”.

Procuraram-na pelas máquinas. Ela não estava lá. Foram até sua casa, olharam pelas janelas e ela não estava lá também. Henri pensou onde ela deveria estar, e encontrou-a sentada na pilha de colchões, observando a Cachoeira de Faíscas.

_ Henri? – a garota parecia surpresa e secou algumas lágrimas rapidamente.

_ Ness... - O garoto foi se aproximando dos colchões.

Ela se levantou num pulo, desceu deles e foi dando tapas no ombro do garoto.

_ Como... é... que você... some... desse... jeito? – ela estava batendo nele com força – Achei que alguém tinha te descoberto! – ela parou de repente – O que aconteceu com seu cabelo? E por que você tem barba agora?

Henri massageava os lugares em que ela o havia estapeado, enquanto lhe apresentava Fenol. Disse que deveriam conversar sobre um assunto importantíssimo que não deveria ser deixado para depois. Ness finalmente se acalmou e Henri lhe contava tudo o que tinha vivido com Fenol desde que deixara a Escócia. Ela estava assustada, principalmente quando Henri tocou no nome de seu pai.

_ M-meu pai? Era ele mesmo? Tem certeza?

_ Era sim, Ness. Precisamos descobrir por que seu pai foi banido para cá. Acho que ele esconde alguma informação, até mesmo de você!

Ness estava começando a ficar furiosa. Henri percebeu e logo remendou:

_ Mas é claro que não é culpa sua, ele deve ter sido ameaçado para não contar.

_ Ah, sim. – respondeu Ness, não querendo admitir em voz alta que ele talvez estivesse certo.

O Dr. Heilung trabalhava em uma parte remota do parque industrial, em uma das máquinas mais distantes da entrada. Ele possuía um escritório construído por ele mesmo, pequeno, mas muito ajeitadinho, no qual passava seu tempo livre no trabalho. As pessoas não iam muito ali, pois sabiam que o Dr. Heilung (ainda era chamado de doutor) gostava de sossego quando estava em sua sala. Nem mesmo Ness ia ali, apesar de ter tentado entrar muitas vezes, quando era menor.

Apesar disso, era para lá que Fenol, Henri e Ness estavam se dirigindo. Bateram à porta, uma, duas, três vezes.

_ Quem é? – perguntou o pai.

_ É a Ness, pai. Preciso falar algo urgente com você!

O pai hesitou, até que finalmente abriu a porta.

_ Ok, ok. Entre, minha filha. Ah, olá Henri. E quem é esse?

_ Pai, esse é o Fenol.

_ Olá, Fenol. Nunca tinha te visto, é novo por aqui?

_ De certa forma... – respondeu Fenol, desconcertado.

_ Não reparem a bagunça. Isso, sentem-se aqui nesse sofá. – o Dr. Heilung estava sorridente, mas algo não estava certo. Ele tremia um pouco e parecia nervoso.

Henri olhou para os lados e viram que aquele lugar não se parecia nada com a casa de Ness, não tinha quase nenhum móvel a não ser uma mesa velha, uma cadeira e algumas gavetas de escritório. Em cima da mesa, estava um projetor de bolso que reproduzia um vídeo da mãe de Ness brincando com uma levada filha que corria pela casa toda. A atenção de Henri, porém, foi desviada por um pequeno objeto em formato de protetor de orelha que estava piscando próximo ao projetor.

_ Sr. Heilung – Henri apontou para o objeto – O que é...

_ Cada coisa em seu tempo, Henri. – ele sorriu - Mas então, o que tinham para e perguntar?

_ Pai, nós sabemos que você foi banido pra cá, mas gostaríamos de saber o que seu nome estava fazendo em um vídeo altamente secreto da Corporação Megalo.

_ VOCÊS... O QUÊ? - uma veia saltou de repente de sua testa – VOCÊS ESTIVERAM NA SEDE DA CORPORAÇÃO?

_ Calma, senhor! Sua filha não esteve, só eu e Henri.

_ Mas como vocês conseguiram entrar lá? E pior, o que foram fazer lá? Têm noção do perigo que correram?

Henri contou, mais uma vez, as aventuras que haviam vivido até ali.

Heilung ouviu a tudo, respirou fundo e se afundou na cadeira. Por fim, disse:

_ Não era para crianças como vocês saberem. Aliás, não era para absolutamente ninguém saber. É uma coisa perigosíssima em que vocês estão se metendo.

_ Mas infelizmente ficamos sabendo, Sr. Heilung! Por favor, pode nos contar agora o que sua ficha fazia lá na corporação? – disse Henri um pouco impaciente.

Ele respirou fundo mais uma vez, como se medindo até onde poderia contar.

_ Ness, minha filha, acho que finalmente chegou a hora de você saber a verdade sobre mim. Estou ficando mais velho e cansado, e não poderia viver o resto de minha vida escondendo isso de minha própria filha. Mas temos de ser rápidos, não sei quanto tempo ainda temos.

_ Para q... – começou Fenol, mas foi interrompido pelo pai de Ness.

_ Tente entender seu velho pai, Ness. Antes de conhecer sua mãe, eu era cercado por pessoas importantes. Até aí você sabe, mas não sabe que eu acabei sendo apresentado para alguns membros da corporação. Eu era tratado como um deus, e é claro que isso me incomodava um pouco. Eles até me convidaram para assistir a algumas reuniões na sede da corporação. Vejam bem, isso nunca havia acontecido antes até onde eu sei, a corporação é um órgão muito fechado. Mas as reuniões às quais eu ia eram sempre realizadas em uma sala escura, com apenas alguns membros, e sobre assuntos superficiais do NIPPON, nada muito importante. Eles só queriam saber minha opinião sobre uma ou outra coisa. Eu não sabia nem como entravam novos membros na corporação. Eles eram eleitos por alguém? Os pais passavam os cargos para os filhos?

Ele parou de falar por um momento e ficou observando o vídeo da esposa e da filha. Continuou:

_ Não que as outras pessoas do complexo se importassem com isso. Mas eu me importava, sabe? Quando se é jovem a gente acaba sendo muito curioso. Mal sabiam eles que eu mantinha um quatinho secreto no final do meu laboratório no NIPPON, e estava fazendo uma experiência lá. Eu tentava construir uma câmara microscópica para que eu pudesse implantar em minha roupa e

usá-lo na próxima reunião da corporação, a fim de investigar o que as pessoas ao meu redor falavam e faziam, o que estava escrito em seus aparelhos de mão e o que é que possivelmente eles escondiam de mim, por trás daqueles sorrisos e assuntos sem muita importância.

_ E o senhor conseguiu colocar em prática o seu plano? – perguntou Fennol.

_ Não conforme eu queria. Nesse meio tempo, conheci Gaia, a mãe de Ness. Ela insistiu para que eu continuasse o projeto, e foi isso que fiz. Acontece que fiz cálculos errados, e quando eu tentava testar o protótipo, só apareciam milhões de partículas. Foi então que tive a ideia de apontar para algo maior e ver se eu havia calculado errado a abertura da lente. Fui até o observatório do NIPPON, apontei a câmera para a Lua e a vi muito próxima.

_ Nossa! Foi o senhor que descobriu então que a Lua estava prestes a explodir? – disse Henri, adivinhando o que ele diria a seguir.

_ Sim. Fui eu. Bom, na época era mais um risco e não uma certeza. Consegui ver seu interior e até hoje não entendo como. Ele estava lotado de aparelhos, e entendi que era para onde o lixo do complexo era levado. Foi aí que comecei meu maior erro... Eu tentei criar um projeto para investigar o que estava acontecendo. Descobri que, se nada fosse feito, dentro de alguns anos ela iria realmente explodir por conta da radiação. E isso foi há alguns anos atrás, pensando bem, hoje certamente estamos caminhando para a destruição da Lua...

_ Pai... Então o senhor se calou? Viu tudo acontecer e se calou?

_ Filha, você deve entender que fiz tudo ao meu alcance para reverter a situação. Investiguei o espaçoporto. Consegui roubar alguns arquivos da corporação. Reuni dados sobre o fato, fiz experimentos. Eu tentava reunir dados sobre os outros andares também, em busca da verdade. Parecia que ninguém mais tinha conhecimento sobre isso além de mim e de sua mãe. Foi então que tentei reunir também as pessoas do NIPPON, pedir ajuda, alertá-los. Sem sucesso. Resolvi ir morar com sua mãe, enquanto tentávamos mobilizar as pessoas da Escócia a não trabalharem mais e assim impedirem a produção de mais e mais lixo.

_ E as pessoas da corporação não sabiam desse seu projeto da Lua? – perguntou Henri.

_ É claro que sabiam. Eu queria alertar a população de todo o complexo sobre o fato, e eles diziam que não era para ninguém jamais saber, que isso afetaria a economia do complexo. Eles ficaram furiosos, retiraram todos os meus privilégios, além de roubarem meu projeto contendo todos os dados sobre a explosão da Lua. Impediram-me de sequer subir à superfície novamente. Quando ficaram sabendo que eu também estava tentando mobilizar a população da

Escócia a não trabalhar, foi aí que ficaram furiosos de verdade... E deu no que deu.

Ele escondeu seu rosto com as duas mãos, enquanto dizia:

_ Era para ter sido eu, e não ela...

_ Pai...

Mas a garota parou de falar. O objeto em cima da mesa de Heilung apitava loucamente, fazendo o homem se levantar num pulo e gritar:

_ Rápido! Temos que sair daqui! Isso é um detector de perigos que eu criei há anos atrás, ele estava apitando há algumas horas... Vocês foram descobertos! Vamos, não há tempo!

O que se passou a seguir foi digno de um filme de ação hollywoodiano. As crianças e o pai de Ness corriam para fora, enquanto aeronaves de guerra atiravam em todas as direções, criando imensos focos de fogo. Um deles atingiu o escritório de Heilung, explodindo-o. Com o impacto, todos caíram no chão, e Heilung ordenou que continuassem correndo, pois sua autonave estava estacionada há poucos metros.

As crianças estavam sujas, com fuligem no rosto e os joelhos ralados, mas conseguiram desviar-se dos tiros e entrar na autonave. Olharam para trás e o Dr. Heilung estava de joelhos no chão, ofegante.

_ Pai! Corra, você consegue nos alcançar!

_ Não se preocupem comigo! Vão! – Heilung gritava em meio aos tiros – Museu dos Eletrônicos! Irão encontrar algo lá!

A nave começou a voar sozinha.

_ Não! Espere, nave! Meu pai!

Mas a nave não obedeceu e foi voando em direção à porta da Escócia, desviando-se dos tiros. Minutos depois, Henri recebeu uma mensagem de voz de Heilung em sua visão LCD, que dizia “Estou bem. Não me procurem e nem usem a visão LCD para se comunicar comigo. Vocês devem estar sendo mapeados”. Nem bem recebeu o recado e um barulho de interferência tomou conta dos ouvidos de Henri, e então ele apagou a mensagem.

Estavam finalmente chegando ao tal museu.

CAPÍTULO 15

Era difícil ter noção do tempo naquele andar escuro que era a Escócia. Por isso, quando finalmente saíram pela porta da autonave e se depararam com o dia escurecendo no USA, Henri e Fenol estranharam.

_ Nossa, acho que passamos muito tempo fora – disse Henri – Olhem, acho que estou vendo o museu!

Haviam entrado em uma unidade diferente do USA. Esta se chamava Unidade Cultura e era infinitamente menor que a Unidade Diversão. Basicamente, consistia em uma praça circular com alguns poucos prédios bastante modernos e feitos de metal. Não havia ninguém nas ruas. Imaginaram que tudo estivesse fechado àquela hora, e mal sabiam eles que era porque a Megalo havia instaurado há poucas horas um toque de recolher perante a invasão “alienígena”. O maior e mais visível dos prédios era o Museu dos Eletrônicos, com uma grande fachada em neon. A nave pousou com cuidado na frente do museu, mas logo descobriram que as portas estavam fechadas. Deram a volta pelo prédio, e não havia outra entrada.

Henri não queria assustar Ness com seus poderes, mas Fenol insistiu tanto para que tentasse abrir a porta usando a visão que o garoto teve de chegar de mansinho em Ness e preparar o terreno para o que viria a seguir.

_ Ness, vou fazer uma coisa muito estranha agora, mas não precisa ter medo.

_ O que?

_ Vou abrir essa porta usando minha visão.

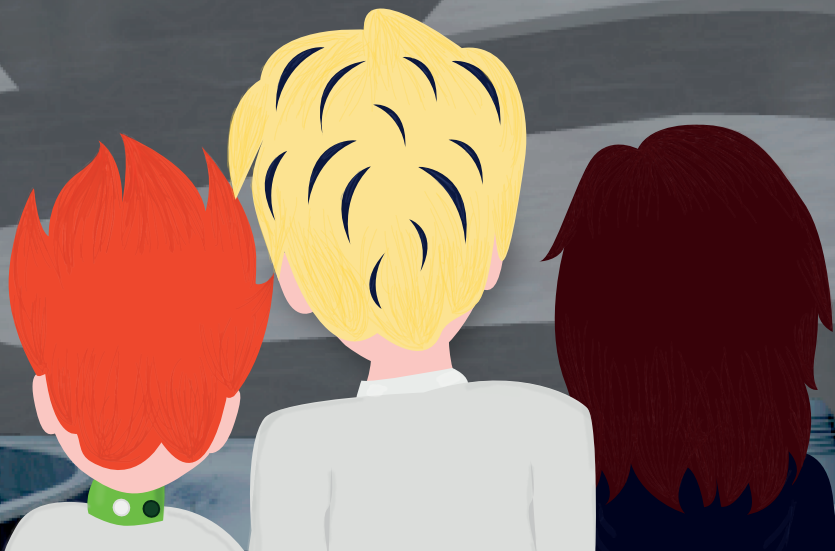
_ Há-há-há, vai dizer que você também consegue fazer isso? – ela debochou.

E então, ele fechou os olhos e abriu a porta. Ness ficou boquiaberta, mas depois exclamou “Legal!”. Henri colocou um dos pés lá dentro, para se certificar de que nenhum alarme soaria.

O caminho estava limpo e o garoto fez sinal para que Fenol e Ness entrassem após ele. Fecharam a porta e, estranhamente, todas as luzes se acenderam.

O interior do lugar era bastante bonito, e, para a sorte deles, estava completamente vazio. Vários mostruários de aparelhos eletrônicos novos e lustrosos estavam espalhados pelos corredores, uma luz incidia sobre cada vidro, além de haver centenas deles pendurados nas paredes. Os garotos foram andando, enquanto Fenol, à frente, dizia que nunca havia estado naquele museu, só ouvira falar. Aquele andar não era muito visitado, somente em visitas de

MUSEU DOS ELETRÔNICOS



escola e olhe lá. Ninguém tinha muito interesse no passado. “A não ser agora, em que eles PRECISAM do passado para ter um futuro, né”, Fenol debochou.

Ele parou de repente e se virou para Henri.

_ Você bem que podia ativar o mapa daqui, né? Acho que vamos nos localizar melhor assim.

_ Ok. – E Henri passou a ver onde estavam e as indicações do lugar. – Meu Deus – espantou-se – a ala em que estamos se chama “Modelos de Aparelhos da Última Semana”! As coisas só duram uma semana por aqui?

_ Algumas duram mais... Mas em geral, duram uma semana, sim. – respondeu Fenol.

_ Estou vendo mais coisas... Há outra ala perto daqui. Essa se chama “Modelos de Aparelhos das Duas Últimas Semanas”. Vamos entrar aqui!

Aquele lugar lembrava muito o Museu do Louvre, em Paris, que Henri havia visto algumas fotos durante uma aula. Foram tocando nos aparelhos das paredes, que não saíram do lugar. Era tudo tão novo, Henri pensou. Fez as contas mentalmente e imaginou a quantidade de eletrônicos que as pessoas compravam por ano. Devia ser muita coisa! E se a maior parte estava sendo levada para a Lua, aquele museu devia ser uma parte ínfima dos produtos.

“Não é a toa que a Lua irá explodir eventualmente”, pensou ainda, “Imagina o tanto de radiação que tem ali dentro”.

De repente, Henri se lembrou de que não comiam há muito tempo. A fome, então, veio com força total, e o estômago do garoto doía.

_ Fenol, estou com muita fome.

_ Eu também. Sorte que peguei várias pílulas ontem, antes de sair de casa. Acho melhor dormimos também. A que horas o museu abre amanhã, Henri?

O garoto consultou as informações ao lado do mapa.

_ Só às 13 horas.

_ Ótimo. Assim podemos acordar cedo amanhã e saber o que o pai de Ness queria que procurássemos por aqui.

Foram até uma ala que se chamava “Ala de Repouso”, que estava cheia de divãs de metal. Cada um se sentou em um deles, que era macio apesar de ser feito de um material duro, enquanto Fenol distribuía pílulas de sanduíches entre todos. Engoliram as pílulas e se deitaram, exaustos.

Henri estava quase pegando no sono, quando ouviu um “Psss”. Abriu os olhos e viu que era Ness quem o chamava. Ele foi até sua cama-divã e ela apontou para a entrada da ala, dizendo que deveriam conversar. Henri pensou “Mas poxa, logo agora?”, e, conformado, andou com ela até a entrada.

O garoto esperava qualquer coisa dela, menos que ela o abraçasse com força pela cintura.

_ Ness, me desculpa por ontem, eu realmente não quis te ofender...

_ Tudo bem, Henri. Já passou. Eu entendi o que você quis dizer, só estava sensível demais após contar aquela história toda.

_ Eu entendo.

Na verdade, ela não queria conversar nada em especial, só queria passar o tempo com ele. Foram andando pelo museu, olhando os aparelhos e lendo as plaquetas com informações abaixo deles.

_ Olha! Esse aparelho aqui vinha com um aplicativo que avisava quando você estava com o nariz sujo. – dizia Ness.

_ E esse aqui do lado era uma versão atualizada desse, que avisava quais os melhores pontos para se comprar lenços auto-limpantes para o nariz.

Os dois riram.

_ O que será que seu pai queria que encontrássemos aqui?

_ Não sei, juro que não faço a menor ideia.

_ Bom, ele deve ter falado alguma coisa por esses dias. Ou dado algum sinal...

_ Juro que não sei. É melhor dormirmos para procurarmos amanhã de manhã com calma.

_ Tá bem.

E, finalmente, se deitaram novamente nos divãs e adormeceram na velocidade da luz.

Henri e Ness foram acordados na manhã seguinte por Fenol. Tomaram o café da manhã (pílulas de leite e pão de forma com requeijão) e, descansados e alimentados, foram explorar o museu novamente.

Ficaram rodando por meia hora e viram infinidades de outros aparelhos que eram muito parecidos uns com os outros, de forma que a ala da semana anterior era praticamente igual à ala de duas semanas antes, ou três, ou quatro (os aparelhos mais antigos de lá só tinham um mês).

Eles estavam ficando irritados e cansados, e pareciam estar andando em círculos. Ness deu a ideia, então, de irem até a sala dos funcionários para ver se lá havia roupas metalizadas limpas, já que todos ainda estavam sujos de fuligem e vestidos como habitantes da Escócia (Fenol já estava começando a gostar de sua ceroula e soltou um muxoxo quando Ness deu a ideia).

Foram sendo guiados pelo mapa de Henri e logo chegaram, pois a sala não era muito longe dali. Ela ficava num lugar escuro e pequeno, perto da máquina que vendia pílulas de salgadinhos. Não estava trancada, o que afinal

era compreensível, pois ali não parecia haver muitas coisas para se esconder de intrusos. Por sorte, havia alguns uniformes pendurados no armário, azuis marinhos e com crachás de inspeção. Henri pensou que não deviam trabalhar muitas pessoas ali, do contrário a sala seria muito maior e haveria muito mais uniformes. E, afinal, a maioria das pessoas aparentemente não fazia esses serviços no USA, e sim os robôs.

Trocaram de roupa (essa também tinha um sistema de banho acoplado), jogaram as roupas antigas num lixo próximo à porta. Em instantes, Ness, Henri e Fenol viraram, respectivamente, os funcionários Resalra, Vijek e Fenílio, por conta dos crachás que estavam grudados às suas roupas.

Fenol olhou para seu próprio crachá, deu um suspiro alto e sussurrou “Qual a probabilidade?”, enquanto Henri tentava pronunciar “Vijek” em voz alta durante várias vezes seguidas. Só Ness parecia menos impressionada com a estranheza do nome. “O nome é o que menos importa, gente! Ninguém irá nos chamar assim mesmo”.

Fenol já estava retrucando a garota, dizendo que a questão para ele não era essa e sim seu nome ser semelhante ao do crachá, mas Henri pediu silêncio de repente.

_ Shhh! Estão ouvindo, gente? Um barulho bem baixinho... Como um alarme.

_ Estou sim – os dois disseram, em coro.

O barulho estava vindo de um cofre – sim, um cofre! - no fundo da pequena sala. Aproximaram-se devagar e Henri poderia apostar todos os yottins da Corporação Megalo que iam se deparar com algo extremamente perigoso, já que isso estava se tornando comum desde que chegara ao futuro.

Se alguém tivesse levado a aposta a sério, certamente a corporação estaria bem pobre por agora.

Henri abriu-o com todo o cuidado e concentração do mundo. Encontraram um aparelho que era como um dos milhares que haviam visto por todo o museu. Fenol estava um pouco receoso, mas como sempre a curiosidade de Henri venceu a todos, juntamente com a de Ness. Pegaram o objeto com as mãos, só que esse não tinha botões ou aplicativos ou câmeras de vídeo embutidas. Ao invés disso, tinha apenas um contador de tempo, com grandes números vermelhos em contagem regressiva.

48 horas, 32 minutos e 48 segundos. 47 segundos. 46 segundos.

Para quê, meu Deus?

Como se seu subconsciente estivesse fazendo toda a força do mundo para vir à tona, Ness parou por um momento e ficou olhando vidrada para o aparelho, com o pensamento longe dali. Pegou-o e virou-o de todos os jeitos.

48:32:12



Ela estava se lembrando dele... Seus pais, há alguns anos atrás... Ela estava escondida embaixo da mesa da cozinha... “Esse seu invento é muito perigoso, querido, pode acabar caindo nas mãos erradas”, a mãe dizia ao pai... E então Ness olhava para o aparelho... Números vermelhos... Mas ela ainda não sabia ler, pois era muito pequena, e ficou apenas hipnotizada pela luz vermelha que ele emitia, e pelo ritmo compassado ao qual os números ali obedeciam.

Ness notou pequenas iniciais gravadas no verso do aparelho – as iniciais de seu pai.

_ Fenol... Henri... – ela segurou o braço deles com força, ainda com os olhos vidrados – A Lua será destruída em dois dias.

Era muito estressante viver sabendo que um dia a Lua seria destruída.

Assim era para Heilung, pelo menos no começo. Banido dos outros andares, com todo o seu projeto roubado, ele deveria arrumar uma forma sutil de fazer com que alguém lá de cima descobrisse sobre seu projeto, e assim pudesse dar continuidade a ele.

No começo, ele vivia andando de um lado para o outro em seu escritório, tentando bolar uma solução. Gaia o ajudava nos intervalos em que também reuniam as pessoas da Escócia para gerar uma revolução no andar.

Ele, então, criou o tal cronômetro. Um deles permaneceu com ele, e o outro foi enviado ao lugar preferido de sua juventude: O Museu dos Eletrônicos. Os detalhes do trajeto Escócia-Museu dos Eletrônicos pelo qual o cronômetro passou não vêm ao caso, foi preciso muita logística e Heilung gastou muitas noites pensando nisso. Gaia foi contra a solução pensada por ele, pois era arriscar-se demais e as pessoas da Escócia já estavam sumindo da noite para o dia. Ele não deu ouvidos à mulher e o objeto foi colocado lá, não exatamente no cofre em que os garotos o achariam anos depois, mas esse é mais uma das perguntas sem resposta que nos deparamos ao longo da vida.

O pai de Ness nunca mais teve notícias sobre o tal cronômetro, e estava ficando cada vez mais ansioso. As pessoas continuavam sumindo, e não havia nenhum sinal de que alguém estivesse preocupado com a Lua. Na verdade, as notícias quase nunca chegavam até a Escócia, pois seus aparelhos eletrônicos eram muito antigos e não captavam o sinal direito. Nem mesmo as gambiarras que alguns moradores haviam inventado ao longo dos anos para captar as notícias serviam para alguma coisa, pois logo a Megalo descobria a infração e cortava o sinal. Muito menos Heilung poderia sair da Escócia para checar, pois, uma vez banido, poderia sofrer consequências desastrosas. Era difícil, portanto, ter certeza de que alguém encontrara o tal cronômetro.

E, certa noite, foi a vez de Gaia sumir. Heilung, num acesso de raiva, estragou seu próprio cronômetro de modo que não pudesse mais ser reparado. O homem calou-se em seguida, e perdeu a vontade de fazer qualquer coisa. Não tinha mais noção de quanto tempo restava naquele cronômetro. A explosão da Lua parecia pertencer a um passado distante, aliás, ele nem tinha mais certeza se aquilo tudo era verdade mesmo. Será que andara sonhando? E, com o passar do tempo, esqueceu-se do objeto deixado no museu, até Henri aparecer em sua casa certo dia. Aquele garoto não pertencia ao USA, ele podia sentir isso. Mas então, a que lugar ele pertencia? Isso o deixara intrigado nos últimos dias, apesar de carregar sempre um sorriso no rosto quando estava na frente de Ness.

Heilung esperava o momento certo aparecer para compartilhar seus segredos e suas proposições com a filha. E, quando ele apareceu, em seu escritório com ela e os garotos, ele simplesmente não conseguiu falar (muito porque aeronaves de guerra começaram a bombardeá-los no mesmo instante, é claro). O jeito era fazer com que eles tentassem encontrar as soluções por meios próprios, dando apenas um empurrãozinho. Não sabia muito o porquê, mas confiava que os três pudessem salvar a Lua da destruição. Ninguém mais além deles, em todo o complexo, entenderia.

Quando Ness viu aquele cronômetro, e se lembrou das conversas que ouvia ao espiar seus pais, logo entendeu porque o pai os havia mandado ali. Ele estava confiando à garota todo o seu projeto. E agora, ela e os garotos eram sua única saída.

_ É o quê, Ness? Isso é um cronômetro que mostra o quanto falta para a Lua explodir? – perguntou Fenol.

_ Exato.

_ O que faremos agora? – perguntava Henri, aflito.

_ Espera um pouquinho. Deixe-me ver esse aparelho mais de perto.

Fenol tocou o aparelho, analisou-o. As iniciais de Heilung lhe saltaram aos olhos.

_ Ness, essas são as iniciais de seu pai, não é mesmo?

_ Sim! Esse aparelho foi inventado por ele.

_ Imaginei. Eu já vi esse símbolo em algum lugar... Preciso lembrar...

Sim! Estou me lembrando! Gabba!

_ O que diabos vem a ser Gabba? – perguntou Ness.

Henri estava com o mapa do museu ativado. Um pontinho piscava em frente à entrada. Então, ele se virou para Ness e disse:

_ Você poderá saber em instantes. Ele está entrando pela porta do museu nesse exato minuto...

O pânico tomou conta de Fenol e Henri. Ness ficou sem entender o motivo, afinal sabia o que era Gabba tanto quanto sabia o que era uma água-viva, e ficou apenas olhando para os dois garotos, enquanto eles andavam para lá e para cá, atropelando-se ao falar:

_ Será que ele irá se lembrar de mim? – perguntava Fenol.

_ Devo esconder o cronômetro?

_ Mas a arma Esquecerol...

_ Devemos correr?

Na verdade não deu tempo para pensarem em muita coisa. Decidiram que era melhor correrem mesmo, pois de uma maneira ou outra haviam invadido o museu e não sabiam ao certo que consequências poderiam sofrer. Henri ia orientando os dois, dizendo coisas do tipo “Ei, por aí não!” e “Parem de correr em todas as direções!”, mas nada daquilo adiantou muito, pois Gabba parecia estar se movendo mais rápido que eles, e sumia do mapa de minuto em minuto.

É claro que, por ironia do destino, acabaram dando de cara com ele, que estava dirigindo em uma espécie de carrinho de golfe flutuante. Ele freou de repente, e os garotos se jogaram para o lado para não serem atropelados. Nesse meio tempo, Henri enfiou o cronômetro por dentro de sua roupa.

Gabba desceu do veículo. Fenol quase não o reconheceu, pois o outro parecia ter dez anos a mais que ele, tinha uma barba espessa, uma barrigui-nha saliente, usava o uniforme dos funcionários do museu com o crachá escrito “Gabriel” e não Gabba.

_ Vocês estão bem? – perguntou Gabba, agachando-se ao lado deles.

_ Estamos sim – respondeu Fenol, esfregando o suor da testa com as mãos e esperando ansioso qualquer sinal de reconhecimento do garoto.

_ Segurem minha mão, eu os ajudo a se levantarem... Fenílio? – Gabba olhou para Fenol arregalando os olhos.

Fenol hesitou e disse:

_ Sim?

_ Ei, espera aí, você não é o Fenílio. Nem você é a Resalra – apontou para Ness - ou você o Vijek – apontou, por fim, para Henri.

_ É, não somos... – respondeu Henri, apertando o cronômetro contra o peito. Gabba percebeu o movimento.

_ Ei, garoto, o que você está escondendo aí? Coisa boa não deve ser... Anda, melhor mostrar logo, senão posso acionar o alarme de segurança em um segundo!

Henri tirou o cronômetro de lá com cuidado, como se estivesse pegando numa bomba prestes a explodir. Gabba olhou para o objeto como se estivesse olhando para um manual de instruções de uma impressora multifuncional pela primeira vez, e de repente, seu rosto se iluminou.

Ele tirou algo de dentro do uniforme, e logo os meninos descobriram se tratar de uma correntinha que ele carregava no pescoço, com um símbolo em prata que idêntico ao do objeto: as iniciais do pai de Ness.

Ness não se conteve e soltou um "Ohhh" enquanto Gabba dizia, nervoso:

_ Eu tenho essa correntinha há anos, nunca soube o que significava... Meu pai disse que me deu quando era menor, disse também que pertencera a ele e que havia me repassado, não queria mais aquilo. Eu sempre usei, mesmo sem saber exatamente o porquê.

_ Esse símbolo são as iniciais de meu pai. Ele era um cientista do NIPPON.

_ Verdade? Meu pai também é um cientista do NIPPON, mas não sei exatamente qual o trabalho dele por lá.

Gabba parou de falar por alguns segundos, como se estivesse se dado conta de que estava conversando com pessoas desconhecidas, e que inclusive haviam invadido seu local de trabalho. De repente, falou grosso como se estivesse dando ordens a um batalhão.

_ Quem são vocês? E o que estão fazendo aqui?

Fenol tomou coragem, deu um passo à frente e disse:

_ Eu estudei com você na escola, cara. Há muitos anos atrás.

_ Eu não me lembro. Não me lembro muito bem da minha infância, nem nada disso. Meus pais me disseram que levei uma grande pancada na cabeça quando era menor e apaguei muitas coisas da memória.

_ Não foi pancada, Gabba.

_ Como você sabe desse meu apelido? Não ouço ninguém me chamar assim há tempos!

_ Senta aí que eu já te conto.

Em dez minutos, Fenol contou grande da parte da infância que viveram juntos, até chegar ao episódio da professora-robô.

_ E eu me lembro muito bem, Gabba – continuava o garoto – que você sempre andava para cima e para baixo com essa corrente de prata no pescoço,

eu sempre te perguntava o que significava esse símbolo e você nunca quis me dizer.

_ Quer dizer então qu-que os robôs de segurança roubaram minha memória? Malditos!

_ E agora? Tenho a sensação de que é muito importante sabermos qual a relação entre seu pai e essa correntinha, Ness. Não temos como nos comunicar com ele porque estamos sendo vigiados. Ao mesmo tempo, se não soubermos mais detalhes do projeto de seu pai, não saberemos qual próximo passo devemos tomar para evitar a explosão da Lua... – e Fenol tapou a boca com as mãos.

_ O quê?? – Gabba surtou de vez, puxando seus próprios cabelos com força.

_ Ai, Fenol! – Henri bateu a palma da mão na testa.

_ Gente, calma – Ness parecia ser a única sensata àquela hora – tenho uma ideia.

Henri, Fenol, Ness e Gabba estavam a bordo da autonave, um pouco apertados lá dentro, e desta vez se dirigiam a uma parte do complexo à qual nunca haviam estado antes. Era tão lá no alto que ficava quase próxima à sede da corporação, e dessa vez era Gabba quem estava guiando-os, pois não podiam contar com a sorte de que a esta hora a corporação não estaria monitorando totalmente a visão de Henri.

O caminho era longo, mas por sorte as ruas estavam vazias (ainda o toque de recolher), as naves de guerra deviam estar vasculhando em outros andares, e as telas não mostravam mais nada além da foto de Henri e Fenol. Então eles puderam subir rapidamente, enquanto Fenol ainda tentava dar a Gabba um breve relatório do que haviam passado até ali e perguntava a ele, ao mesmo tempo, o que havia feito nesses anos após a escola.

Gabba estava meio confuso, tendo de guiá-los com um só olho de LCD e ainda por cima conversando com Fenol.

_ Eu sempre estudei em casa, até onde eu lembre. Briguei com meus pais quando eu tinha uns dezesseis anos. Eu havia recebido um convite de emprego, aliás, uma intimação, para trabalhar numa subdivisão próxima a meu pai. Eu não queria, eu sabia que ele queria estar me monitorando o tempo todo com sua visão. Eu nunca gostei de receber ordens, sabe. Arrumei um emprego no museu, não encontrei nada melhor graças ao meu olho castanho, comprei uma casa, estou lá até hoje. Tive que passar alguns perrengues enquanto não tinha muitos yottins.

_ Nossa, eu sempre me perguntei onde você estaria agora. Nunca mais te vi pelo complexo! – disse Fenol, admirado com a rebeldia de Gabba.

Finalmente, chegaram ao lugar, que não era nada menos que a Unidade de Segurança do complexo, uma espécie de Q.G. dos robôs de segurança, em que eles se reuniam para receber ordens da corporação.

_ Vamos saltar aqui! – ordenou Ness.

A autonave estava parada exatamente à porta da Unidade, dois robôs de segurança estavam parados em frente a ela, não parecendo ter notado a presença de quatro seres humanos em área totalmente proibida.

_ O quê? Você quer que a gente morra? – perguntou Gabba.

_ Vocês são muito medrosos, andem logo e repitam o que eu vou fazer.

Ness passou em frente aos robôs de cabeça abaixada, cruzou os dois braços atrás e disse em um tom imponente:

_ Prisioneira.

Os robôs não fizeram nada, simplesmente ficaram parados ali como gárgulas, e a porta se abriu. Ela fez um sinal para que eles a seguissem logo, pelo amor de Deus. Os garotos fizeram o mesmo que ela, só trocando “prisioneira” por “prisioneiro”, por razões óbvias.

Eles iam andando em zigue-zague, ainda mantendo as cabeças abaixadas e os braços nas costas, sem coragem de olhar para os lados e imaginando onde Ness estava indo. Ela tentava ler as placas, se desviando dos robôs que marchavam em fila indiana.

_ Que droga, elas estão em código. Deve ser um código entre robôs. – E então, ela parou bruscamente, quase fazendo os garotos atrás dela caírem em cima de vários robôs que passavam, e se dirigiu a Henri:

_ Henri, vá decodificando as placas com sua visão LCD!

_ Use a senha da chave de ignição, se precisar! – disse Fenol.

_ Ei, por que não a minha visão? Eu também tenho!

_ Tem sim, mas você não faz o que ele faz... Anda, Henri! E me avise quando passarmos por uma placa de “Armamentos” ou algo assim.

Henri assentiu com a cabeça. Gabba, por outro lado, começou a ficar muito pálido, e disse:

_ Peraí! Você não falou nada sobre armamentos, e sim sobre uma pista... Nós vamos roubar armas dos robôs? É isso?

_ Não só vamos roubar armas como vamos recuperar sua memória. Pode me agradecer depois.

Direita, esquerda, esquerda, esquerda de novo – Estamos em um labirinto? – Direita, outro corredor logo ali - Tem esteiras rolantes ali na frente – A placa indica que estamos quase chegando.

_ Ufa – disse Henri, agachando-se de cansaço.

Estavam parados em frente a uma espécie de porta de vidro, e lá dentro havia uma espécie de colmeia de metal, só que enorme e cheia de armas.

_ Ok, Henri. Agora depende de você podermos entrar na sala de armamentos. – disse Ness.

_ Como assim? Peraí, tenho uma coisa aqui no meu bolso. Se afastem do vidro, por favor. – disse Gabba, e simplesmente atirou uma espécie de bombinha no vidro, este se espatifou em mil pedaços e disparou um alarme ensurdecedor, que ficava repetindo *Prisioneiros fugitivos, prisioneiros fugitivos*.

_ Arghhhhhhh, seu doido! Agora vamos ser pegos! – Henri gritava por cima do barulho do alarme.

_ Não vamos, não! – e entrou na “colmeia de armas” correndo como um maluco, sorrindo de orelha a orelha e balançando os braços. Para espanto dos demais, Fenol, que passara a viagem todo cauteloso, entrou logo atrás dele, os dois parecendo duas crianças felizes em um parque de diversões.

Não deu para pensarem direito no que pegar, pois robôs de segurança já estavam se dirigindo ao local. Ness foi correndo até o estoque de armas Esquecerol, enquanto Henri, Fenol e Gabba corriam até as armas de efeito moral.

_ Rápido, se posicionem! – Henri dizia aos outros, enquanto aprendia a mexer na arma. – Quando eles entrarem, nós vamos atirar de uma vez, ok?

Mas não foi preciso o sinal de Henri. Quando os primeiros robôs apareceram à porta, Gabba passou a atirar em todas as direções. O laser da arma paralisou os robôs, que caíram com um baque surdo no chão, e logo os invasores puderam sair pela porta correndo em todas as direções, atirando nos robôs que encontravam pelo caminho. Ness ia logo atrás dos garotos, aplicando a arma do esquecimento nos que caíam no chão, e iam aparecendo cada vez mais e mais robôs, de forma que tinham que se desviar para não serem atingidos.

Alcançaram a autonave, que logo se ligou sozinha assim que eles saíram pela porta. Eles aplicaram os últimos disparos nos robôs da entrada, e saíram voando para baixo.

Entraram no USA com os faróis baixos, para não chamar atenção nas ruas, e aterrissaram em um estacionamento próximo à casa de Gabba. Ele lhes mostrou a casa, que mais parecia uma quitinete dos nossos tempos e que também usava a tecnologia de Realidades Simultâneas Sob o Mesmo Teto. Sentaram-se no sofá e Gabba lhes ofereceu pílulas de macarrão instantâneo. Fenol fez uma cara intrigada.

_ Desculpa, ainda não fiz o abastecimento de pílulas da semana. É isso ou pílula de pão adormecido.

Depois do almoço-jantar, Ness olhou para a arma que ainda carregava consigo, e lembrou de que havia se esquecido de completar a parte mais importante daquela missão na Unidade de Segurança.

Ela apertou um pequeno botão ao lado do gatilho, que dizia "Reverter". Pediu que Gabba que fosse até ela, e disparou a arma. Henri e Fenol, que estavam distraídos conversando, levaram o maior susto e pularam para trás do sofá.

Gabba caiu para trás, inconsciente, fazendo o maior barulho, enquanto os garotos saíam devagar de seu esconderijo e iam em direção a ele.

_ Ness, endoidou? – disse Fenol, dando tapinhas na cara de Gabba para acordá-lo.

_ Fenol? – perguntou o garoto, recobrando a consciência – Ei, eu me lembro agora! Professora! Robôs! Sucata! Naves! E esse símbolo aqui no meu colar... – disse ele, levantando-se de uma vez enquanto seu rosto se iluminava.

Ness olhou para todos com uma cara de sabida.

_ Essa – disse Ness, sorrindo - É a hora em que todos vocês deveriam me agradecer.

CAPÍTULO 16

Dormir é uma benção. Ainda mais se o seu dia foi repleto de aparelhos eletrônicos, museus, robôs, armas a laser e memórias revividas.

Agora, faltava ainda menos tempo para a Lua explodir. Menos de 48 horas e mais de 24, mas os garotos não sabiam disso simplesmente porque haviam apagado de cansaço no sofá de Gabba, enquanto planejavam o que iam fazer a seguir. Ness dormia com a cabeça no ombro de Henri, que por sua vez dormia com um dos pés no rosto de Fenol, que por sua vez roncava e babava no antebraço de Gabba. Este acordou de sobressalto no meio da madrugada, pois estava sonhando que um cachorro babava em seu braço, e deu um pulo do sofá quando viu as horas.

_ Santa Pílula de Banana! Olha que horas são! – e acordou o resto das pessoas.

Repassaram todo o plano que haviam bolado durante a noite, e, sonolentos, arrumaram mochilas, as quais preencheram com as armas e algumas pílulas. Em seguida, foram se encaminhando a pé ao lugar ao qual Henri mais temia ter de voltar: o NIPPON.

_ Gabba, você tem certeza de que vamos encontrar algo de útil aqui? – perguntou Ness.

_ Sim! Confiem em mim. O que eu procuro está aqui, e irá nos ajudar no próximo passo.

_ É um pouco arriscado entrarmos todos ao mesmo tempo. É melhor alguém ficar do lado de fora caso algo dê errado. – disse Fenol.

_ Certo. Então iremos eu, Fenol e Gabba. Eu irei porque posso abrir algumas portas, Fenol porque conhece o lugar e Gabba porque sabe o que encontrar lá. Você vai ficar ok aqui fora, Ness? – disse Henri, preocupado em deixar a garota sozinha do lado de fora do NIPPON.

_ Claro. Eu sou menina, o que não significa que não sei me cuidar. Cuidem-se vocês também!

Ness esperava ansiosa do lado de fora da entrada de serviço do NIPPON. Revirou várias vezes a mochila que Gabba lhe emprestara, enquanto agarrava a sua arma Esquecerol com toda a força, atenta ao menor sinal de movimento vindo do elevador. Para seu espanto, encontrou dezenas de outras bombinhas iguais às que haviam sido disparadas na Unidade de Segurança, e pensou que aquele garoto deveria ter o maior arsenal de bombinhas caseiras de todo

o complexo. Imagina se as autoridades descobrissem isso! Ele com certeza iria para a cadeia – ou pior, para a Escócia.

Uma hora depois, os garotos voltaram de lá de dentro, sujos, suados, porém são e salvos. Todos queriam falar ao mesmo tempo.

_ Nenhum robô de segurança, nenhunzinho! – dizia Henri, radiante.

_ Devem estar todos agora na Unidade de Segurança desfazendo a bagunça que fizemos mais cedo! – dizia Gabba, o mais radiante de todos.

_ Como eles podem ter sido tão burros de não reforçar a segurança se há “invasores” no complexo? – Fenol gritava indignado.

_ Isso é muito estranho, demos sorte tantas vezes... Mas não importa! O importante é que conseguimos! – vibrava Henri.

_ O que vocês conseguiram? Falem logo senão vou ter um troço! – Ness teve de interromper a festinha dos meninos. Em seguida, Henri abriu sua mochila, e tirou de lá um pequeno chip.

_ Só isso?

_ Como assim só isso? Dá uma olhada mais de perto aqui nesse símbolo. Ness espantou-se.

_ As iniciais do meu pai... Meu Deus, o projeto da Lua está nesse chip?

_ Acreditamos que sim. Só pode estar aqui, tem de estar.

_ Mas como? Onde vocês o encontraram?

_ Na mesma gaveta do laboratório do meu pai em que roubei o colar quando eu era pequeno – disse Gabba, com o peito inflado de satisfação por ter recuperado a memória de sua infância. – depois que ele descobriu, ao invés de me castigar, ele disse que eu poderia ficar com aquilo, que não precisava mais.

_ Você roubou do seu pai... Seu pai roubou do meu pai...

_ Sim! Um rouba-rouba danado. Agora precisamos encontrar um projetor para acessar as informações, os do NIPPON estavam estranhamente desativados, nem Henri conseguiu reativá-los...

_ Vamos até sua casa então! – propôs Fenol.

_ Não dá tempo, faltam menos de 24 horas para a Lua explodir. Temos de ir para algum lugar mais perto. – disse Gabba.

_ Já sei! – Henri se sobressaltou, fazendo os outros pararem de respirar por um segundo – Opa, me desculpem. Vamos até o único lugar nesse complexo que nunca dorme: A Unidade Diversão!

E lá se foi o quarteto em mais uma peregrinação pelas ruas evacuadas do complexo.

CAPÍTULO 17

É claro que a Corporação Megalo de boba não tinha nada. E é claro que possuíam tecnologia suficiente para localizar e capturar os dois foragidos quando bem entendessem. O fato é que – e isso eles escondiam muito bem do resto do complexo – eles estavam passando por dificuldades técnicas, durante as últimas semanas, jamais vistas antes.

Não possuíam mais tanto controle sobre a visão LCD das pessoas, mal conseguiam monitorá-las, e nenhum dos procedimentos-padrão que seguiam estava dando resultado. Por ora, isso não era um problema primordial, já que há anos o complexo estava na mais perfeita ordem, desde aquele cientista torto, metido a revolucionário. Qual era o nome dele mesmo? Dr. Neilun? Dr. Heirun? Nem se importavam mais, pois há tempos ele estava na Escória, banido até o último de seus dias.

Os chefões da corporação, quando perceberam o primeiro sinal de anormalidade em seu sistema, semanas atrás, convocaram uma reunião extraordinária a fim de descobrir as causas disso. Alguns tinham um palpite muito certo de que essa atividade anormal toda estava ligada à interferência da Lua. Mas, como as últimas gerações de membros não se davam bem nem mesmo com os cientistas do NIPPON, eles optaram por tentar arrumar uma solução por eles mesmos – sem sucesso, é claro, do contrário teriam pelo menos uma previsão de quando tal explosão iria acontecer. E, orgulhosos do jeito que eram, preferiam ficar bem confortáveis em suas salas climatizadas a ter que pedir ajuda para aquela gatinha – o resto do complexo que se lascasse, eles tinham tudo o que precisavam sem mesmo ter de sair da sede.

Durante o resto da reunião, a preocupação virou deboche. Afinal, o que iria explodir era a Lua e não a Terra. Pensando bem, que mal poderia fazer a eles? Não ia ocorrer no máximo um tremelique? E as paredes do complexo eram resistentes... Melhor deixar esse projeto pra lá um pouco, bem como cortar parte dos subsídios para o projeto Outrora-1, e cuidar de coisas mais importantes, como, por exemplo, a ligeira queda na compra de aparelhos eletrônicos na Unidade Diversão em relação à semana anterior. Assim, encerraram a sessão extraordinária decidindo que era melhor deixar para decidir depois.

Mal sabiam eles que havia sim alguém dando continuidade ao projeto de Heilung. Esse alguém era o pai de Gabba, que era um de seus amigos próximos na época do começo dos estudos sobre a Lua. Como as outras pessoas, o pai de Gabba, mais conhecido como Dr. Guido, não ficou ao seu lado durante

suas especulações sobre a explosão. Mesquinho, não moveu sequer uma palha quando ficou sabendo que Heilung estava prestes a ser banido e que nunca mais poderia voltar à superfície. A última conversa entre os dois, às escondidas no escritório de Dr. Guido, foi mais ou menos assim:

_ Por favor, Guido, estou confiando meu projeto a você. Tente dar continuidade a ele... Reúna as pessoas do NIPPON, estou reunindo as pessoas da Escócia, mas somos fracos sem o resto do complexo. Por favor, a humanidade precisa disso! – implorava Heilung, com fundas olheiras, o rosto pálido e os cabelos maltratados de quem havia passado algumas noites em claro.

Dr. Guido debochava:

_ Você está maluco, só pode, Olha aonde essa sua loucura te levou! Agora você tem uma vida miserável lá embaixo, não quero nem imaginar.

_ Miserável, porém pelo menos tenho Gaia ao meu lado. E você nem se importa com a sua família! E pode ter certeza que não vou desistir assim tão fácil.

_ Como ousa? Melhor sumir da minha frente, antes que eu chame os robôs de segurança para escoltá-lo até a saída. – disse Dr. Guido em um tom perigoso – Você não iria gostar nada de ter a memória perdida para sempre, não é mesmo?

Nesse momento, Heilung ouviu um barulho de robôs marchando, e voltou correndo para a Escócia. Foi a última vez em que pisou no NIPPON.

Dr. Guido ficou sabendo, mais tarde, que o projeto de Heilung havia sido roubado pela corporação, e pensou que, se a corporação tentava ocultar esse projeto até chegar ao ponto de roubá-lo, era porque aí tinha coisa.

O fato é que, se agora o tal projeto estava na gaveta de Dr. Guido, e ele o roubara da corporação. Mas como? E por que ele deu continuidade ao projeto depois? Foi por vaidade, por compaixão, por amizade, para salvar sua própria pele da explosão da Lua?

* * *

Há alguns dias atrás, os chefes da corporação se viram com outro pepino para resolver: Esses garotos que haviam invadido sua sede. Muito espertinhos, se achando astros de filme de ação, tentando invadir o sistema e acessar arquivos secretos.

O próprio sistema, porém, não estava cooperando com a Megalo. Eles possuíam descrições detalhadas dos foragidos, mas de alguma forma aqueles

robôs de segurança estúpidos não conseguiam capturá-los de jeito nenhum, não importava qual procedimento de segurança adotassem. Parecia que as falhas de semanas atrás, que pareciam pequenas, se tornaram uma grande falha desde que tomaram conhecimento sobre os garotos. Nem mesmo os comunicadores de sua própria visão LCD estavam funcionando direito. Eles não gostavam de admitir, mas haviam perdido o controle sobre seus equipamentos eletrônicos, e conseqüentemente perderam o controle da situação. Outra reunião extraordinária foi convocada, e dessa vez solicitaram a presença do próprio presidente da corporação, que raramente era visto fora de sua sala de banho.

O Excelentíssimo Senhor Presidente Gold apareceu na sala de reuniões dentro de sua banheira de saís, incrustada com algumas pedras preciosas. Os outros diretores o olharam com um olhar de reprovação, mas logo passaram a agir normalmente, pois já era esperado que presidentes fossem um pouco excêntricos assim mesmo. Ele usava uma espécie de touca térmica reluzente, com algumas safiras formando um grande G.

Gold pigarreou para chamar a atenção dos membros, apesar de todos já estarem em silêncio olhando para sua cara há alguns minutos (era impossível ignorar uma banheira de pedras preciosas no meio de uma sala que se locomovia sozinha, muito menos se dentro dela estava imersa um homem usando touca, provavelmente peladão por trás de toda aquela espuma).

_ Muito bem, senhores. – disse finalmente – Adoraria receber de vocês um breve relatório do que está acontecendo aqui neste complexo.

Silêncio na sala. Finalmente, uma diretora de rosto sisudo tomou coragem e disse:

_ Não sabemos ao certo, Vossa Excelência. Não há registros anteriores de tamanha falha técnica, e não há nada dos manuais do complexo que possa nos ajudar.

_ Impossível. Já tentaram o Protocolo PZUD I?

_ Já, senhor.

_ E o PZUD II?

_ Sim. Sem sucesso.

_ PZUD III? PRT-1? PRT-2?

_ Já.

_ Senhor, se me permite dizer... – disse outro diretor, acanhado – Acho que é hora de retomarmos o projeto Outrora-1. O projeto da Lua nos foi roubado há alguns anos, de modo que o projeto Outrora-1 é a opção mais rápida que nos resta. Devemos nos unir aos cientistas novamente, reestabelecer seus subsídios, e dessa vez... – ele reuniu ainda mais coragem, enquanto os outros membros encorajavam-no com acenos de cabeça – Devemos trazer o próprio Zord.

Não há tempo para trazer outros cientistas e deixá-los a par dos problemas do complexo. Situações extremas requerem medidas extremas.

O presidente Gold ficou furioso.

_ Seus imprestáveis! Isso não é falha no sistema, é incompetência de vocês! A Lua não irá explodir coisa nenhuma! Basta! E ainda levam uma lavada de dois moleques! Os senhores querem medidas extremas? Pois as terão! - ele começou a gritar, reclamando que era ridículo não terem feito essa reunião por LCD- conferência - Rápido! Tragam minhas roupas aqui que eu mesmo irei resolver essa situação!

* * *

_ Chegamos, gente. Ao paraíso dos aparelhos eletrônicos. - disse Fenol. O dia estava amanhecendo holograficamente, embora não pudessem ver isso de dentro da Unidade Diversão, já que ali as paredes eram iluminadas e decoradas de maneira a não se ter muita noção se é dia ou noite. Ao contrário do que esperavam, porém, as luzes estavam apagadas e as lojas estavam todas fechadas.

_ Que estranho, Fenol. Pensei que aqui era o único lugar em todo o complexo que não dormia. - observou Henri, erguendo suas sobranceiras tão alto que estava criando rugas em sua testa.

_ Pelo visto foi tudo evacuado *mesmo*, as pessoas devem estar presas em casa até que nos capturem - chutou Fenol.

_ Mas até agora não nos capturaram, não é mesmo? Pelo jeito a Unidade de Segurança ainda está mergulhada no caos conforme a deixamos - disse Gaba, tranquilamente.

_ Não sei... Para mim, não é só isso. Mas andem, vamos tentar arrumar um projetor por aqui. - disse Ness, lembrando a eles que agora só possuíam pouco mais de doze horas até a explosão da Lua.

Foram até a *Pinapple Store*, que estava tão deserta quanto as outras lojas. Dessa vez, porém, Henri conseguiu religar um dos projetores da sessão de jogos.

A expectativa era muita, e nenhum dos garotos respirava direito. Instalaram o chip no projetor, mas acessar o tal chip requeria uma senha.

_ Tenta "Gaia" - dizia Ness.

Senha inválida.

_ Tenta "Ness"- dizia Fenol

_ Gente, espera aí, é lógico que o pai de Gabba alterou a senha, né? – dizia Henri.

Tentaram “Guido”. Heilung. Nada ainda. Essas senhas eram muito fáceis.

Gabba olhou para sua correntinha mais atentamente, e viu que ali havia uma inscrição desgastada pelo tempo.

_ Tentem “Gabriel2984”.

E, finalmente, a senha estava certa, pois é lógico que Guido mudara a senha anterior de Heilung. O já conhecido vídeo contendo as informações sobre a Lua começou a ser projetado, como se fosse uma introdução. – “Legal, agora descobrimos que quem produziu o vídeo foi o pai de Ness!” – observou Fenol. Um painel de opções apareceu em seguida, acessaram as informações do resto do projeto, mas estava tudo em códigos que eles não conheciam... Henri usou sua visão para decifrá-los, e estava lendo para eles as partes mais interessantes... Causas da explosão...

_ Olhem, tem vários adendos aqui do Dr. Guido... Consequências... Possíveis soluções... Isso!

(Adicionado por Dr. Heilung em 13 de outubro de 2989): O grande problema é que os aparelhos que são enviados à Lua estão desativados, mas se reativam misteriosamente quando estão lá dentro, correndo risco de explodir. O núcleo da Lua possui um raro elemento químico, o telônio, derivado do urânio e muito mais radioativo que este. Acredita-se que a radiação do núcleo esteja interferindo nos aparelhos enterrados em solo lunar, produzindo um fenômeno raro de fusão nuclear da oitava ordem, um dos mais perigosos fenômenos físico-químicos. (...)

(Adendo por Dr. Guido, em 21 de setembro de 2995): O fenômeno poderá ter impacto similar ao da explosão de um planeta de pequeno porte. Uma das possíveis consequências será, além de seus destroços atingirem o nosso planeta, a imediata alteração da órbita da Terra, aproximando-a em demasia do Sol e tornando-a inabitável. Nem mesmo as paredes do complexo suportarão tamanha mudança de temperatura, que poderá variar entre 1000°C e 1200°C.

(...)

(Adicionado por Dr. Heilung em 08 de novembro de 2989):

Solução:

Criar um campo tão poderoso que possa neutralizar os aparelhos eletrônicos na Lua, por meio de ondas longitudinais.

(...)

(Adendo por Dr. Guido, em 05 de janeiro de 2997):

Espaçoporto.

(Adendo por Dr. Guido, em 04 de março de 3003):

As naves estão quase prontas.

_ Gente, essa última atualização é de dois dias atrás! – disse Gabba – E nossa! A penúltima é exatamente o dia em que eu perdi a memória, quando estávamos no espaçoporto!

_ Então a solução que seu pai encontrou está no espaçoporto? – perguntou Ness.

_ Sim! Só pode estar!

_ Então é para lá que vamos! – disse Henri, empolgado.

_ Ah, mas não vão mesmo.

Os quatro viraram as cabeças devagar. Ao lado deles, estava um homem loiro, bigodudo e corpulento, usando uma roupa dourada e anéis de ouro em todos os dedos.

Era o presidente da corporação.

_ Robôs, prendam-nos! – ordenou, enquanto centenas de robôs de segurança marchavam em direção aos garotos, visivelmente recuperados do episódio dos raios paralisantes.

Os garotos foram paralisados, e acordaram sem suas mochilas em uma cela imunda e pequena, protegida por barras flutuantes de aço. Pensaram estar na Unidade de Segurança novamente, até que o presidente Gold entrou no corredor, com um sorrisinho malvado no rosto.

_ Dormiram bem? Essa é a celinha especial do meu escritório, só para prisioneiros especiais como vocês – disse ele, sarcástico – Eu ia fazer com que os robôs aplicassem a arma Esquecerol em vocês ali mesmo, na Unidade Diversão, enquanto estavam paralisados pateticamente no chão. Mas pensei direito e vi que era melhor esperar. Esperar o quê? É a pergunta que vocês deveriam me fazer agora. Pois bem. Esperar que me contem por que estão se metendo em assuntos que não são seus.

Gabba já ia abrir a boca, indignado, mas Ness deu um puxão em seu braço.

_ Ah, muito bem! – disse o presidente, batendo palminhas – Parece que um de vocês já está ansioso para contar. Mas peço que segurem a língua um pouco, pois agora está na hora do meu banho de sais de cristais. Quando eu voltar, teremos uma divertida conversa.

E sumiu pelo corredor escuro.

_ Minha nossa, é o presidente da corporação. As pessoas do complexo NUNCA o veem. Ele é como se fosse uma lenda urbana: só ouvimos falar – disse Fenol, tremendo mais que máquina de lavar velha.

_ E agora? Precisamos recuperar nossas mochilas e sair daqui o mais rápido possível! – disse Ness.

_ Esse periquito australiano não vai nos arrancar uma palavra! Tenho um plano para quando ele voltar. – disse Henri.

E assim, uma hora depois, ouviram os passos do presidente no corredor. Desta vez, ele estava acompanhando por dois robôs de segurança que carregavam armas paralisantes. Os garotos estavam sentados no chão, com os braços para trás, e aguardaram o presidente se dirigir a eles.

_ Irei interrogar um de cada vez. Se as histórias não baterem, é porque estão mentindo, e eu logo saberei. – dizia ele, enquanto as barras eram dissolvidas e ele entrava na sala a fim de capturar um dos garotos.

_ Preparar... Agora! – ordenou Henri, e os quatro sacaram armas paralisantes, atingindo o presidente e os robôs em cheio.

_ Demais! – comemorava Ness.

Henri havia recuperado suas mochilas, que estavam trancadas no andar de cima. Ele usou a visão LCD para trazê-las até lá embaixo, e as passou pelas barras de aço. Agora, eles podiam sair da sede da corporação sem nada mais os impedir.

Saíram da cela e subiram para o escritório do presidente, que também era de ouro reluzente (talvez fosse apenas uma ilusão sensitiva, não era possível que houvesse tanto ouro em um lugar só), pegaram o elevador e desceram até a sala circular repleta de portas. Atiraram em mais alguns robôs pelo caminho, se perderam um pouco até acharem a saída, até que saíram triunfantes pela porta da sede.

_ Agora olhem – disse Henri, e concentrou-se com todas as forças em sua visão LCD. De repente, veio voando em direção a eles uma autonave toda em ouro: a autonave presidencial, vazia.

_ Há-há-há-há! Os robôs de segurança do estacionamento oficial devem estar malucos agora atrás dela! – Fenol morria de rir, enquanto todos entravam na nave, rindo também.

_ E agora, finalmente, ao espaçoporto! – vibrava Gabba.

Sorte a autonave presidencial ser altamente blindada, senão ela estaria bastante destruída por agora, bem como as pessoas que estavam ali dentro. Gabba era realmente um pouco maluco, e, depois de Ness levantar a questão de que possuíam, bem, apenas duas horas até a destruição da Lua, ele endoidou

de vez e disse que nunca chegariam até o espaçoporto a tempo. Foi então que acionou o controle manual do veículo e saiu atravessando todas as paredes até o espaçoporto, formando grandes buracos nelas, enquanto o resto dos garotos gritava, mantendo a cabeça abaixada para se proteger dos impactos.

Chegaram zonzos ao espaçoporto, após atravessarem todas as paredes possíveis e acionando alguns alarmes.

O lugar estava diferente. As esteiras estavam desligadas, bem como as luzes, e somente as naves espaciais estavam ligadas, exceto a que Fenol e Henri haviam roubado a chave de ignição. De repente, de trás de uma delas, surgiu um homem de barba e jaleco, totalmente enfurecido:

_ Quem está aí? Identifique-se!

_ Pai? – espantou-se Gabba.

_ Gabriel? O que está fazendo aqui?

_ Nós sabemos que o senhor roubou o projeto do meu pai. Sim, eu sou filha do Dr. Heilung.

Guido olhou espantado para Ness, coçou a testa, respirou fundo e disse:

_ Roubei da corporação, na verdade, e foi por uma boa causa. Já que já sabem, não custa nada adiantar o serviço e contar o resto. Afinal, não temos muito tempo.

_ Mais exatamente, falta uma hora e meia para a Lua explodir. – disse Ness.

Ele olhou espantado novamente para ela, como se não acreditasse que eles tivessem tantas informações.

_ Bem... – ele continuou - vou ser breve, então. Estão vendo essas naves?

_ Como não vê-las? – perguntou Fenol.

_ Pois bem. Há algum tempo venho pesquisando uma forma de neutralizar a radiação na Lua. E, de uns tempos para cá, vim desenvolvendo essa em segredo. Eu pedi para trabalhar meio período por aqui, para que pudesse ter livre acesso às naves e assim fazer experimentos. Mandeï diversos tipos de aparelhos neutralizadores para a Lua, em meio a milhares de aparelhos eletrônicos descartados, mas nada funcionou até agora. Essa é minha última esperança: Irei mandar todas as naves de uma vez, todas contendo milhares de aparelhos neutralizadores de radiação.

_ E por que elas não foram enviadas até agora? – perguntou Henri.

_ Porque só funcionará se todas as naves forem enviadas de uma vez...

Mas uma delas não funciona há alguns dias, está sem a chave de ignição, e para se fabricar outra demoraria no mínimo cinco semanas, pois ela possui um sistema todo especial. Estou desesperado há dias, tentando encontrar uma solução mais viável.

Henri olhou para Fenol que, relutante, tirou a chave de pedras preciosas do bolso, e disse:

_ Na verdade, fomos nós que a pegamos... Mas ela nos foi muito útil, descobrimos muitas coisas. Me desculpe.

Guido parecia que ia ter um acesso de raiva, mas ao invés disso pegou a chave e ligou a nave.

_ Eureka! – comemorou – Estão todos prontos? Vou programá-las para a decolagem agora mesmo.

Todos cruzaram os dedos enquanto Dr. Guido programava o restante das máquinas.

_ Vamos lá.

E uma contagem regressiva apareceu no painel de todas elas, ao mesmo tempo.

Preparando para a decolagem em 10... 9... 8... 7... 6... 5... 4... 3... 2... 1... 0.

E nenhuma nave decolou depois disso. Ao invés disso, elas se desligaram sozinhas.

_ Mas... O que aconteceu? Por que elas não decolaram? – perguntava Fenol.

_ Faltou energia para impulsioná-las! Precisamos de muito mais energia! – Guido se desesperou.

_ Ei... Gente, cadê a Ness? – perguntou Henri.

Ela não estava em nenhum lugar do espaçoporto.

* * *

Fumaça por toda a parte. Um cheiro insuportável de metal queimado. Ninguém nas ruas.

A Escócia estava na maior escuridão, se não fossem algumas luzes nas janelinhas das casas ao longe. As naves de segurança haviam feito um estrago e tanto no lugar, e as pessoas estavam escondidas em casa, com medo, indo apenas de casa para o trabalho e do trabalho para casa.

Ness havia fugido do espaçoporto e ignorou as ordens de seu pai de não procurá-lo. Não era justo ver seu projeto ser posto em prática e não fazer nada a respeito. Não era justo as pessoas dali estarem prestes a presenciar a explosão da Lua e nem ao menos sequer saberem disso. Ela precisava alertá-los.

Bateu à porta de sua casa. Teve de bater mais duas vezes para obter uma resposta.

_ Q-quem está aí? – ouviu seu pai perguntar, visivelmente assustado.

_ Pai, sou eu, Ness!

_ Já não disse para não me procurar, filha? É muito perigoso! – ele abriu a porta de supetão. – Onde estão os outros garotos?

_ No espaçoporto.

_ No espaçoporto? – ele arregalou os olhos – Mas fazendo o quê?

_ Guido... Arrumou uma solução. Irá mandar naves neutralizadoras de radiação ao espaço.

_ Guido? Vocês conheceram Guido?

_ Sim... Escute, pai. Devemos alertar as pessoas daqui. Temos apenas uma hora e dez minutos para fazer isso. Se a experiência não der certo, elas nunca saberão o que causou a catástrofe – ela engoliu em seco – Você precisa falar com todos, pai!

_ Só uma hora e dez minutos? Meu Deus, fui tão tolo, perdi a noção do tempo, e agora tudo pode estar perdido. Muito bem! Vamos até a praça central tentar convocar a população. Mas eles estão muito assustados ainda, devemos ser cautelosos ao contar.

Em instantes, Ness e Heilung não só haviam alertado a população da Escócia, como as tinha convencido a subirem até a superfície, coisa que era terminantemente proibida, principalmente a Heilung.

Henri estava desesperado atrás de Ness. Ela estava com o cronômetro e, de outra forma, não saberiam quanto tempo faltava para a Lua ser destruída. Acima de tudo, é claro, estava preocupado que ela pudesse ter sido capturada por algum robô de segurança.

Ele convenceu todos os garotos a procurarem-na com a autonave, enquanto Guido pensava em uma solução para a falta de energia.

Foram até o átrio do USA, voando, e se espantaram com a cena que viram: Milhares de pessoas da Escócia marchavam em todos os andares, gritando que a Lua ia explodir em uma hora, tentando alertar as pessoas que moravam no andar.

Aos poucos, centenas e depois milhares de pessoas saíram de suas casas, para entender o que estava acontecendo.

Alarmes de intrusão soavam, quase abafando as vozes das pessoas.

Os habitantes do USA estavam quase voltando às suas próprias casas, assustados, tentando se proteger daquilo, e daquelas pessoas maltrapilhas que elas jamais haviam visto na vida.

Foi quando Henri, vendo isso, percebeu que deveria alertar o USA também. Ele era, teoricamente, um deles, e por isso achou que seria mais fácil ser ouvido. “Mas como?”, ele pensava desesperado, enquanto olhava para todas as

direções. Saltou da autonave, apesar dos protestos de Fenol e Gabba, e subiu os elevadores, chegando até o topo, quase na entrada do NIPPON. Sentiu alguém cutucá-lo nas costas.

Era Tera.

_ Eu sei o que está acontecendo, garoto. Descobri há dias atrás. Acho que você precisa disso. – e acionou uma gigantesca tela de projetor, do tamanho de dez telas de cinema juntas, que desceu do andar mais alto ao andar mais baixo do USA.

_ Obrigado... – respondeu Henri, atônito.

_ Por nada. E, bem, me desculpe qualquer coisa. Agora você já sabe o que fazer. – e entrou em um corredor, desaparecendo de vista.

E Henri sabia. Não sabia como sabia, mas não havia tempo naquela hora para levantar hipóteses. Então, ele simplesmente fechou os olhos, visualizou o vídeo do projeto, que havia gravado em sua visão, lá na sede da Megalo, e o vídeo se projetou naquela tela, permitindo que os milhares de pessoas lá embaixo o vissem.

O barulho das pessoas falando, assustadas, foi substituído pelo mais completo silêncio. Depois, o silêncio foi se tornando novamente um coro composto por milhares de vozes que falavam ao mesmo, conforme o vídeo ia sendo projetado.

E, finalmente, as pessoas do USA entenderam o que estava acontecendo. Aquele vídeo foi como uma sacudida, depois de séculos de mordomia. A Corporação Megalo não poderia ajudá-los naquela hora, o slogan de “Não se preocupe” era uma farsa, nada estava bem, e eles corriam o risco de sofrer as consequências.

De repente, toda a energia do complexo se dissipou, como em um grande apagão. Luzes de emergência se acenderam nas laterais do andar. As visões LCD foram desativadas, menos a de Henri.

Ainda como parte do procedimento de segurança nível 100, automaticamente acionado, o teto do complexo se abriu com um grande barulho, mostrando a Lua lá fora, que agora estava de um vermelho intenso, como um grande tomate maduro. As pessoas do complexo nunca haviam visto a Lua de verdade. Ou mesmo o céu não-holográfico.

Henri, percebendo a comoção que se iniciava lá embaixo, fez uma coisa que não sabia que era possível fazer: ampliou sua voz. Começou a discursar para a grande plateia, como se estivesse num gigantesco estádio de futebol. Todos se calaram e prestaram atenção ao garoto, que estava descendo pelo átrio, usando uma das plataformas de pedestres. Ele disse que tinha um plano, mas que era preciso que todos se unissem. Ness o alcançou, juntamente com seu



pai, e os dois ficaram ao lado do garoto. As pessoas disseram um grande “Ohh”, como se não acreditassem que alguém da Escória pudesse conversar com um habitante do USA.

A garota mostrou o cronômetro para eles.

_ Temos cinquenta minutos para mandar as naves até a Lua. De outra forma, a humanidade estará perdida. – disse a menina, a voz também magicamente ampliada.

_ De que forma faremos isso, Henri? – Dr. Heilung falou ao pé do ouvido do garoto.

_ Precisamos de energia. Mas de energia limpa, acho que do contrário só aceleraria a explosão.

_ Então imagino que você tenha acessado meu projeto completo, e tenha lido sobre o uso de energia limpa de emergência no complexo...

Henri sorriu.

_ Sim. Acho que é hora de colocarmos em prática, Sr. Heilung.

E então, uma cena muito estranha se passou. As pessoas, com relutância, passaram a dar as mãos umas às outras. Escocianos e usarianos, crianças e adultos, avôs, avós, ninguém pôde ficar de fora. De repente, passaram a pular para cima e para baixo, como num pula-pula, enquanto o piso embaixo deles mudava de cor, emanando luz. Alguns inclusive simulavam uma dança, sapateando para lá e para cá, e Henri divertiu-se por um momento imaginando se aquelas pessoas já haviam dançado alguma vez na vida.

Henri torcia para dar certo, Tinha que dar. Aquela energia deveria ser transformada em energia elétrica, e deveria ir até um dos geradores de emergência, criados por Ricardo Zord há séculos atrás, que estava localizado nas paredes do espaçoporto. Ninguém mais tinha conhecimento de tal gerador, a não serem os garotos, além de Dr. Heilung e Guido. E, se a corporação sabia, realmente esse era mais um de seus segredos bem guardados do resto da população.

Mas algo ainda faltava... Do lado de fora, ainda não se viam as naves serem lançadas. Henri ordenou a todos que se movimentassem ainda mais. Meia hora faltando... E então, se dirigiu correndo ao espaçoporto, Guido estava lá, pálido e suado, enquanto as naves davam apenas leves sinais de atividade.

_ A ideia foi muito boa, Henri... Mas a energia ainda é pouca. – disse Guido, dando socos no painel de uma das naves.

Henri teve outra ideia. Fechou os olhos. Concentrou-se com todas as forças. Tocou o painel que Dr. Guido estava socando. Este painel estava conectado com o gerador de emergência, e com todas as outras naves. Um grande campo de luz surgiu da ponta de seus dedos, tão forte que Guido teve de se abaixar, cobrindo os olhos com a palma da mão.

Escutaram um grande barulho de turbinas sendo acionadas. No segundo seguinte, abriram os olhos. O teto do espaçoporto estava aberto. As naves não estavam mais lá, e viajavam a uma velocidade ultrassônica em direção ao espaço.

Vinte minutos.

Henri e Guido voltaram ao átrio. A energia voltara, e agora as pessoas estavam sentadas no chão, outras estavam deitadas, exaustas, a visão LCD de todas estava danificada para sempre, porém riam sem parar. Elas conversavam entre si. Enquanto andavam, Henri era aplaudido, enquanto ainda tentava entender o que se passava. Encontraram Fenol e Gabba, também deitados no chão, gargalhando, segurando a barriga com as mãos. Fenol viu Henri, e apontou para o céu.

A Lua voltara à sua cor normal.

Guido sentou-se ao lado do filho, e bagunçou seus cabelos.

Henri continuou andando entre as pessoas. Olhou para os lados e viu os pais de Fenol, que estavam desesperados perguntando a todos se haviam visto seu filho.

_ Você viu meu filho? Ele era um dos foragidos, mas na verdade ele ajudou a salvar a Lua... Ele tem dezoito anos, é bonitinho assim... – a mãe mostrava um porta-retratos holográfico, às pessoas, com uma foto de Fenol.

Henri se dirigiu a eles.

_ Dona Lara... Ele está logo ali. – e apontou em direção a Fenol.

_ Oh, muito obrigada, Henri! Vocês salvaram a vida de todo mundo! – eles se dirigiam à direção apontada. De repente, Lara virou-se novamente a ele, e disse:

_ Ah, e por favor, não me chame mais de dona. Sou tão jovem ainda! – sorriu e apertou-lhe as bochechas.

Henri agora tentava chegar até Ness, que estava em uma plataforma acima dele. Espantou-se quando viu uma figura dourada próxima a ela, sentada no chão. Ela havia amordaçado o presidente do complexo.

_ Ele bem que tentou atrapalhar todo mundo, mas agora vai passar o resto da vida em seu lugar preferido: seu escritório, mas agora naquela parte fria e sem graça que é sua prisão particular. – disse Ness.

Heilung estava tomando conta do ex-presidente Gold, enquanto dizia a Henri que havia olhado através de sua câmera ampliadora, e viu que as naves estavam lá, e o núcleo da Lua estava estável. Nem bem Heilung terminou de falar, Ness puxou Henri pelo braço para o lado, de modo que não pudessem ser ouvidos.

_ Henri, agora que capturamos Gold, o complexo precisa de um novo presidente. – disse ela.

_ Mas quem? – perguntou ele.

_ Você, é claro.

_ Não posso... Mas tenho uma ideia. – e cochichou no ouvido da garota. Ela retribuiu com um abraço.

_ Você é muito bom, sabia? – disse ela, com um sorriso de orelha a orelha.

Henri ampliou sua voz mais uma vez. Disse a todos que prestassem atenção, pois tinha um recado importante a dar: agora deveriam eleger um novo presidente, que pudesse ser um líder de verdade, e que pudesse vir com novas soluções para o lixo do complexo, que agora não mais poderia enviado à Lua, senão desestabilizaria todo o plano de neutralização.

Na mesma hora, Henri ouviu várias pessoas gritando “Você!”, mas ele disse que tinha uma proposta melhor a fazer. E então, apresentou Dr. Heilung a eles.

_ Este – disse o garoto – é Dr. Heilung, o responsável pelo projeto da Lua. Se não fosse por ele, jamais teríamos descoberto que ela estava em perigo.

Heilung estava bastante surpreso com a proposta de Henri. E ficou mais surpreso ainda quando as pessoas lá embaixo o aplaudiram com fervor, gritando seu nome, e fazendo um barulho contagiante, ensurdecedor.

Henri e Ness sorriam, enquanto Heilung estava com as faces coradas. De repente, ele pediu a atenção de todos novamente, e disse:

_ Posso virar seu presidente, mas com algumas condições. Dr. Guido, meu amigo de longa data, e que deu seguimento ao meu projeto, deve ser meu vice.

O rosto de Guido, de repente, apareceu na tela. Ele acenou para todos, encabulado, mas satisfeito com o convite.

As pessoas o aplaudiram.

_ E tenho outra condição. Devemos arrumar outra forma de lidar com nosso lixo. Devemos ser responsáveis por ele. Tudo começa por se produzir menos e se reutilizar mais...

Os escocianos vibraram ao ouvir “produzir menos”, mas os usanianos não ficaram muito satisfeitos com o “reutilizar mais”. Por fim, optaram por concordar com a cabeça, como se dissessem “É, vamos ver”. Eles teriam de arrumar outras formas de se divertirem, e talvez a primeira delas fosse dançar em cima daquele chão que emanava luz. Pelo menos era uma forma excitante de passar o tempo.

CAPÍTULO 18

Fazia um lindo dia de sol holográfico na recém- restaurada Escócia. Borboletas holográficas de todas as cores pousavam em flores holográficas, enquanto uma leve brisa artificial com aroma de grama molhada acariciava as folhas das árvores holográficas. Henri estava sentado à sombra de uma daquelas árvores, enquanto Ness brincava ao seu lado com um Pet-robô. Fenol e Gabba estavam ao longe jogando futebol com uma bola de metal, cujas regras Henri havia ensinado a eles. Apesar de às vezes Henri ter de gritar coisas como “Ei, não pode pegar a bola com a mão!” ou “Chutar a canela do outro é falta!”, os garotos estavam jogando bem.

Quando o sol ia a pino, um grupo de adultos vinha em direção a eles. Eram os pais de Gabba, de Fenol e o pai de Ness, este acompanhado de perto por um assessor um tanto quanto mirrado, magro, e com um semblante ansioso. Eles puderam ouvir Heilung exclamando ao longe:

_ Não, não, Felipe, não precisa ficar na minha cola o tempo todo, por favor! Vamos, você está muito ansioso, respire fundo, isso, inspire, agora expire... Toma, vá fazer um lanchinho e caminhe por aí, garanto que lhe fará muito bem. Eu prometo que sei achar o caminho de volta para meu gabinete.

O grupo conversava animadamente, gesticulando aos montes e excitados agora que haviam redescoberto os prazeres de se contar piadas ao vivo. Cumprimentaram os garotos.

_ Oi Ness, oi Henri! – disse Lara. – Ei, Fenol, Gabba, trouxemos almoço!

Heilung carregava uma cesta de piquenique tamanho família. Todos se sentaram na grama, e, para a surpresa de todos, ali não havia pílulas, e sim uma dúzia de sanduíches – de verdade! – e muitas frutas.

_ As plantações estão indo muito bem lá fora. Os terrenos estavam muito ácidos, mas ainda bem que temos cientistas capacitados. Acho que eles estavam gastando seu talento nas invenções erradas. As estufas estão magníficas! – comemorou Heilung.

_ Em breve, acho que até nós mesmos poderemos respirar ar natural! Não sei como vivemos tantos séculos convivendo com essas holografias ridículas – Guido olhou para o jardim holográfico, desdenhando-o.

_ Acalme-se, Guido. Tudo tem seu tempo. O que as pessoas demoraram séculos para destruir, com certeza vai nos demorar anos e mais anos para recuperar. – disse a mãe de Gabba, uma cientista do NIPPON, que há pouco havia sido nomeada diretora do projeto Outrora-1, que agora consistia em pesquisar

em laboratório técnicas sustentáveis de plantio, mesclando as técnicas do passado e a tecnologia não-polvente que estava sendo desenvolvida.

Até mesmo o pai de Fenol estava menos carrancudo, e agora o Departamento de Testes possuía uma subdivisão que testava exclusivamente as pesquisas do projeto Outrora-1. Ele andava com um sorrisinho constante no canto da boca, agora que os testes estavam dando certo.

E tiveram um almoço divertido, até que Felipe, o assessor de Heilung, apareceu timidamente, avisando-os que ele e Guido teriam uma reunião importantíssima com alguns membros do NIPPON, dali a vinte minutos.

_ Muito bem. – disse Heilung, levantando-se – Chegou a hora de irmos.

_ E eu também – disse Ness – Eu e mais algumas pessoas da Escócia e do USA temos de continuar nosso projeto de reutilização e reciclagem dos eletrônicos. Ainda faltam várias coisas para ajustarmos, mas estamos indo bem.

E, aos poucos, as outras pessoas foram se levantando também. Quando chegou a vez de Henri, o garoto respirou fundo e disse:

_ Chegou a hora de eu ir também.

_ Para onde, Henri? Quer nos ajudar no projeto? – perguntou Ness.

_ Não, obrigado, Ness. Tenho certeza de que vocês se darão muito bem sem mim. Eu preciso ir, de vez. Para o passado.

As pessoas se chocaram.

_ Por quê? – perguntou Fenol, não escondendo uma nota de desapontamento na voz.

_ Todo o tempo que eu passei aqui valeu a pena... Mas eu não pertencço aos anos 3000. Vendo vocês, agora, me deu muita saudade de meus pais, da minha escola, dos meus outros amigos. Desculpem-se, eu preciso voltar para casa.

Todos pareceram desapontados, mas entenderam a visão do garoto.

_ Eu entendo, Henri, mas... O Periodolador não está funcionando mais, lembra-se? - lembrou Fenol.

_ Eu tenho um palpite, e acho que é certo. Já que todos os projetos secretos eram abertos com aquela chave de ignição... Acho que com o Periodolador não seria diferente.

No dia seguinte, Henri, Fenol, Ness, Gabba, Heilung e Guido estavam reunidos em uma sala no NIPPON. No centro da sala havia uma mesa, e em cima dela havia o verdadeiro Periodolador.

Agora, o NIPPON não era mais proibido às crianças, e inclusive Heilung havia instaurado o “Dia de visitação das crianças”, que fazia parte do programa de excursões das escolas (agora havia mais de uma escola, para comportar a nova remessa de estudantes da Escócia).

As pessoas reunidas em volta daquela mesa de despediam de Henri.

_ Foi uma grande aventura. Cuide-se, garoto. – disse Guido.

_ Obrigado por tudo – disse Gabba, apertando forte a mão de Henri. De repente, este sentiu uma coisa lisa e gelada deslizar por sua mão.

_ É um dos aparelhos do museu, que tira fotos em seis dimensões. Ele está funcionando agora, eu o consertei. – justificou-se Gabba, sorrindo.

_ Demais! Obrigado, Gabba.

_ Tchau, Henri. Também tenho uma coisa para você – disse Fenol, com os olhos um pouco molhados, apesar de ter afirmado várias vezes que havia caído um cisco em seu olho. O garoto lhe entregou uma miniatura da autonave presidencial, que voava de verdade.

_ Para você se lembrar de tudo o que passamos aqui. – continuou Fenol, dando um abraço no garoto de esmagar as costelas.

_ Eu também tenho um presente para você, Fenol. São óculos que encontrei em uma loja da Unidade Diversão um dia desses, que avisam quando há um obstáculo no caminho. Agora você não irá mais tropeçar. – disse Henri, entregando-o um pacotinho. Os garotos riram, enquanto Fenol os colocava no rosto.

_ Legal! – respondeu ele.

_ Bem, Henri. – disse Heilung - Primeiramente, eu imaginei que os garotos fossem te presentear com mil coisas, então comprei essa mochila compacta para você carregar todas elas. Ela parece pequena por fora, mas por dentro tem vários compartimentos, além de uma tecnologia anti-derramamento de líquidos. Acho que será útil quando você tiver de levar suco de ruiva na mochila, né?

_ Suco de uva, Dr. Heilung – Henri riu-se. – Muito obrigado.

Por fim, era a vez de Ness e Henri despedirem-se.

Encabulado, Henri deu-lhe um beijo na testa, pois a menina tinha pesadas lágrimas rolando por todo o rosto. Ela estava muito quieta desde que Henri anunciara sua partida, mas tinha um enorme presente para dar a Henri.

Era uma foto holográfica de todos eles, em um bonito porta-retratos de vidro. Ao lado, mensagens de boa sorte de todos eles.

_ Uau! Muito obrigado, gente. – agradeceu Henri, enquanto tirava a chave de ignição do bolso. Encaixou-a perfeitamente na lateral do Periodolador.

_ Bom, é isso. Quando eu apertar esse botão, estarei em casa novamente. Muito obrigado a todos – disse o garoto, que estava com a respiração acelerada.

E, em instantes, ele não estava mais lá.

Um pouco menos de mil anos antes, a irmã de Henri, Mariana, dormia em sua cama, abraçada com a mochila do garoto. Não havia entregado o objeto à polícia, pois sabia que ela não ajudaria em nada. Há dias não comia direito, não usava seu celular, não ia ao shopping nem saía com os amigos de faculdade. Nada daquilo tinha graça, desde que seu irmãozinho havia desaparecido. Ela sabia que deveria ter dado mais atenção a ele enquanto pôde.

Há semanas aquela casa estava no mais profundo silêncio. Era um silêncio pesado, triste. Até mesmo a imprensa havia deixado um pouco de lado essa história, por falta de informação da polícia, e partiram para cobrir as próximas matérias sensacionalistas que sempre aconteciam por aí.

De repente, ela foi incomodada por uma luz forte, vinda da janela. Acordou, calçou seus chinelos, e, de pijama mesmo, foi descendo o elevador, descalçada, impaciente e com enormes olheiras no rosto.

_ Essa luz vem daquele mato, eu sei.

E dirigiu ao terreno baldio.

Achou que estivesse imaginando coisas ao ver Henri parado à sua frente, vestido com uma roupa metalizada esquisitíssima, os cabelos agora cor de laranja (apesar de seus olhos terem voltado à cor castanha usual) e segurando um aparelho que piscava.

_ Devo estar maluca mesmo – ela falou em voz alta, e deu meia volta. Henri ficou sem entender.

_ Mari?

Ela virou-se lentamente, como se pensando “Era só o que me faltava, agora também ouço vozes”. Mas aquele Henri parecia muito real... Ela se aproximou aos poucos do irmão, pegou em seus cabelos, em suas bochechas, apertou seu nariz. E então, o abraçou.

_ Eu sabia que você voltaria – disse, sorrindo.

E, assim, Henri voltou para São Paulo. Para a fumaça. Para o arroz com feijão. Para os cachorros quentes de esquina. Para as aulas de Ciências. Mas, dessa vez, estava munido de várias provas que mostravam que ele havia estado no futuro e que, se não cuidassem do presente, não haveria mais Parque do Ibirapuera para contar história dali a alguns anos. Ele não possuía mais a visão LCD, mas não precisaria mais dela ali no presente. Henri podia contar novamente com o dom da curiosidade para enxergar os circuitos das coisas. E, se algum dia quisesse olhar para o futuro, ou melhor, para o passado do futuro, havia sempre o Periodolador para lembrá-lo de suas aventuras...

E, afinal, Henri se tornaria um cientista brilhante?

Só o tempo poderia dizer.

*A Memória da
pesquisa*

SUMÁRIO

Resumo 129

Origens e motivações do trabalho 130

Por que um livro?

A saga Harry Potter **132**

Metodologia

O que se fez para chegar até aqui **134**

Referencial teórico

Os autores e os porquês **135**

O homem, as histórias, a ficção 137

O enredo **142**

O foco narrativo **144**

Ficção e imaginário – A criança como leitora **145**

Ficção científica e o fantástico **150**

A personagem de ficção **151**

O herói e o autor **154**

Consumo e consumismo, cultura de massas 156

O lado ruim: a obsolescência programada -

E quem sofre com esse fenômeno **159**

Infância e consumo **161**

Quais são as soluções para tudo isso?

Do consumo de eletrônicos à publicidade infantil **163**

O processo criativo

A escrita, as cores, as formas, a tipografia **167**

Conclusões

O que aprendi com o projeto **171**

Referências bibliográficas

Os livros, os filmes, os sites consultados **173**

AGRADECIMENTOS

Obrigada a meus pais, por sempre estimularem minha paixão por ler e desenhar. Por serem sinceros fãs e guardarem cada desenho de giz de cera como se fosse um quadro pintado por Da Vinci. Por me constrangerem nos almoços de família falando para os tios o quanto eu era “talentosa”. E, principalmente, por me negarem dinheiro para comprar roupas e bugigangas quando não estava precisando, mas não fazerem a menor objeção quando era para comprar livros.

Obrigada à Selma, por me acalmar nos momentos de ansiedade e bloqueio criativo. Obrigada pelos “Relaxa, xuxu” quando eu achei que não iria dar tempo e que eu era um zero à esquerda como escritora. Obrigada por responder aos *e-mails* de uma formanda desesperada, por saber elogiar nas horas certas, por me fazer corrigir o que deveria ser corrigido, e por ser esse poço de referências de livros e filmes de qualquer espécie.

Obrigada aos amigos, pela companhia no Gtalk durante as madrugadas, pelo apoio moral, pelos inúmeros “Como está indo o projeto?” com sincero interesse, por me perguntarem isso até em mesas de bar, e por ouvirem atentamente às minhas explicações. Obrigada também por me tirarem de casa na hora em que eu estava mais pressionada: Dar uma pausa em tudo foi muito importante para relaxar e assim colocar os pensamentos em ordem.

Natch e Henrique, muito obrigada pela disposição em ler o livro e me dar *feedbacks*. Muito obrigada também pela amizade sincera, pelas risadas, pelas besteiras que a gente fala, por este semestre e todos os outros. Fê Mujica, companheira dessa loucura que é escrever um livro, obrigada pelas conversas indignadas e pelas dicas. A gente é tão parecida que até escolheu o mesmo tipo de produto, sem nem saber, e eu adoro isso! Renata, obrigada pelo apoio mesmo à distância, pelas “sacudidas” durante as crises de insegurança, por me colocar nos eixos, por me fazer acreditar em mim mesma. Você é muito querida e sabe disso.

Minha vontade era colocar aqui o nome de todos os amigos, pois todos eles me ajudaram durante este projeto, de maneira direta ou indireta. Desculpem-me por estar sumida durante o semestre, mas obrigada por entenderem o motivo.

Agradeço também à Doisnovemeia Publicidade, por ter tido um papel crucial no meu desenvolvimento como publicitária. Aprendi muito nesses um ano e seis meses em que estive lá como diretora de arte, cresci, aprendi a trabalhar em

grupo e a lidar com clientes difíceis, mas principalmente fiz amizades ali que vou levar para a vida inteira.

Por fim, obrigada à Universidade de Brasília e mais especificamente à Faculdade de Comunicação, por terem me proporcionado uma graduação inesquecível. É sábio quem diz que entramos na faculdade e saímos dela totalmente mudados. Sinto-me assim, tanto pelo que aprendi aqui quanto pelos professores, colegas e funcionários que tive o prazer de conviver. Amadureci, me tornei mais crítica e mais atenta aos problemas que nos cercam. Hoje, tenho uma visão totalmente diferente sobre a Comunicação, e pretendo sair daqui e realmente fazer a diferença lá fora.

Os sonhos, portanto, estão apenas começando.

RESUMO

Este projeto experimental consiste em um livro infantil de ficção científica, escrito, ilustrado e diagramado por mim. Sua temática principal é o consumo, com foco no consumismo e nas consequências de um consumo desenfreado, tanto nas relações humanas quanto à natureza. Conforme pesquisado, as crianças já são apontadas como consumidoras, e são altamente impactadas pela propaganda. Por isso, fez-se necessário criar um livro para este público-alvo, esclarecendo-lhe sobre o assunto.

Palavras-chave: Comunicação, criança; consumo; consumismo; publicidade.

ORIGENS E MOTIVAÇÕES DO TRABALHO

A leitura – além da fé – também move montanhas. Num mundo em que cada vez mais as pessoas se veem envolvidas com as novas tecnologias e a rapidez dos meios de comunicação, se faz cada vez mais necessário estimular o hábito de ler e destacar sua importância tanto na vida de adultos quanto de crianças. Afinal, o ato de contar uma história não é efêmero e sempre fez parte da humanidade.

Sempre gostei de ler livros de ficção, desde pequena. Apesar da obrigação de ler alguns deles para a escola, há sempre aqueles que prendem nossa atenção e se tornam bons companheiros da nossa infância. Qual criança não gosta de se imaginar no papel de sua personagem preferida, lutando contra dragões ou vivendo uma aventura espacial? Melhor ainda quando apreendemos algumas coisas da leitura, mesmo que sejamos pequenos demais para conceituá-las. Mais tarde, já grandes, ao reler alguns dos livros nos damos conta de que aprendemos principalmente sobre a alma humana, e conseqüentemente, sobre nós mesmos.

Optei por fazer um livro de ficção para crianças para tentar despertar nelas os sentimentos que eu possuía, durante a minha infância, ao ler um livro: o da descoberta de um universo novo a cada palavra lida, o poder de enxergar a imaginação como uma ferramenta de sonho e projeção.

O tema do consumo surgiu de repente, numa tarde do primeiro semestre deste ano. Após fazer o pré-projeto sobre um tema completamente diferente, ainda não me sentia impelida a levar a monografia adiante. Foi assistindo ao documentário *Story of Stuff* no site YouTube¹, produzido pelas organizações não-governamentais *Tides Foundation* e *The Funders Workgroup for Sustainable Production and Consumption*, que pude perceber o consumo, incluindo aí o consumismo, como um bom tema para o livro por ser atual e de grande importância para a humanidade. As crianças, portanto, precisam conhecer desde cedo o que é o consumo, qual sua lógica interna, o que é consumismo e quais são suas conseqüências para a natureza e conseqüentemente para o homem.

1 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3c88_ZoFF4k> Acesso em: 10 julho. 2011.

Além disso, as crianças são altamente impactadas por anúncios, todos os dias. De acordo com pesquisa da revista Exame, de 2004, o mercado infantil no Brasil movimentava 130 bilhões de reais em um ano. Isso significa que nós, enquanto comunicadores e especialmente enquanto publicitários, devemos prestar atenção na maneira à qual elas estão sendo expostas a esses produtos.

Aqui cabem questões importantes, tais como: Os produtos anunciados estão sendo impostos a elas? Até que ponto elas possuem o livre arbítrio de decidir sobre a compra ou não de um produto? Elas estão sendo mais influenciadas pelo status de uma marca ou pela real utilidade em sua vida?

Este produto, assim, tem como objetivo principal conscientizar o público de dez e onze anos sobre as consequências do consumismo desenfreado, além de promover o consumo consciente, por meio de um livro ilustrado de ficção científica.

Como objetivos secundários, pretende-se estimular a leitura entre as crianças, que hoje se encontram mais entretidas com outros meios, como a Internet, a televisão e os videogames. Pretende-se mostrar a elas que a leitura também pode ser prazerosa e divertida, além de nos ensinar algo sobre a vida, sobre as pessoas, mesmo que indiretamente, e que o ato de ler não precisa ser apenas uma obrigação, algo “que a professora mandou fazer”, mas também um *hobby*, um momento de encontro consigo mesmo, de descoberta, de crescimento.

Aqui, porém, não se pretende “pintar” a tecnologia como a grande vilã da sociedade. Pelo contrário: sua importância é reconhecida neste projeto, mas é importante que a criança, ser em formação crítica, psicológica e social, tenha o conhecimento do que está por trás da tecnologia: quem produz, por que se produz, e quais as consequências da produção de novos aparatos tecnológicos. Assim, ela poderá, por ela mesma, refletir sobre sua relação com a tecnologia.

POR QUE UM LIVRO?

A saga Harry Potter

Durante todo o projeto, não fiquei completamente satisfeita com a minha justificativa do trabalho. Não tive dúvidas de que eu realmente queria escrever um livro de ficção, e é claro que ele é, conforme dito anteriormente, um meio de descoberta e de crescimento.

Contudo, me faltava algo mais palpável para justificar isso. Eu poderia tocar as crianças com o tema do consumo de outras formas: por meio de um jogo de tabuleiro, ou um jogo de cartas, ou que mais minha imaginação permitisse. Eu sabia, no entanto, que deveria ser um livro, e sabia inconscientemente o porquê, só não sabia como expressar em palavras.

Foi lendo o livro de Susan Linn, *Crianças do consumo: a infância roubada*, que me deparei com algumas páginas que me deixaram surpreendida. Tive vontade de abraçar aquele livro, sem o menor exagero. Ao invés disso, respirei fundo e pensei: “É isso”.

Um exemplo palpável do que a leitura pode acarretar é o fenômeno Harry Potter, que começou, aqui no Brasil, há mais de dez anos atrás. Eu tinha onze anos quando descobri esse livro, que já estava no segundo volume da série. Lembro-me como se fosse ontem: uma amiga – que, inclusive, mantenho a amizade até hoje – me mostrou o livro durante o recreio, e disse que eu precisava ler. “É sobre um bruxo”, ela disse. Ergui uma das sobancelhas e pensei que bruxos que andam em vassouras era o tema mais “batido” da face da Terra, mas mesmo assim pedi o primeiro livro emprestado. Acho que não cheguei a ler muitas páginas, quando vi que precisava ter aquele livro pra mim. Pedi para minha mãe me dar os dois volumes de presente, e lembro-me dos meus olhos brilharem quando um dia ela chegou em casa carregando uma sacola da livraria.

Em pouco tempo, a febre se alastrou pela escola. Não se falava em outra coisa. Viam-se crianças folheando o livro escondido embaixo da carteira, e os professores, quando descobriam, as mandava guardá-lo na mochila e prestar atenção à aula. Guardar um livro! Não um *Game Boy* ou um celular (apesar de que, é claro, existiam essas ocorrências). Podíamos passar o dia inteiro lendo aquele livro, discutindo as partes mais interessantes, compartilhando nossos palpites do que aconteceria nos próximos volumes. Uma criança influenciava a outra a ler. Consegui fazer com que meu irmão, na época com apenas nove anos, se interessasse

também pelo livro, e não paramos desde então.

Como observa Linn, “em uma época em que os fornecedores da cultura infantil insistem em que as crianças não conseguem manter o foco de atenção por muito tempo, elas ficavam hipnotizadas com livros de 300 páginas sem ilustrações.” (LINN, 2006, p. 91).

Os filmes ainda não haviam sido lançados, nem o marketing em cima dos produtos provenientes deles. Contávamos apenas com a nossa imaginação, e nos divertíamos lendo os *fanfics* de Harry Potter na Internet, que eram as histórias criadas pelos fãs - essa é uma das vantagens da tecnologia: podermos compartilhar os produtos de nossa criatividade com pessoas de todo o mundo.

A saga Crepúsculo é um exemplo mais recente. Sem entrar aqui no que concerne à qualidade de seu conteúdo, ou no que os filmes corroboraram para que crianças e adolescentes lessem seus livros, não há como negar que ela se tornou um fenômeno. Novamente trazendo temas mais antigos que o próprio mundo, como vampiros, amores impossíveis e descobertas, pessoas de todo o mundo puderam deixar seus computadores, videogames e celulares de lado por algum tempo, para saborear suas páginas.

Estes são exemplos de como a leitura pode nos afastar um pouco das tecnologias e nos fazer imergir em um mundo totalmente novo. Dê às crianças uma boa história, com valores humanos, com personagens relevantes, com grandes aventuras, e ela mergulhará nela de cabeça.

Com toda a certeza, J.K. Rowling, a autora de Harry Potter, marcou a infância e a adolescência de muita gente ao redor do mundo, assim como a mim. Ela nos mostrou que a leitura é uma experiência tanto individual quanto coletiva, que pode nos ensinar, nos tornar mais próximos, mais conectados uns com os outros.

METODOLOGIA

O que se fez para chegar até aqui

Neste projeto, partiu-se de uma pesquisa qualitativa: escolhi um tema dentro do meu universo de interesse, e a partir daí fui direcionando a pesquisa até minha área de atuação, a Publicidade. Além disso, usaram-se métodos indutivos, que guiaram meu pensamento para melhor delimitar o tema. A pesquisa qualitativa foi usada por se tratar de um assunto pertencente às ciências humanas, e por isso não caberia aqui se utilizar apenas uma pesquisa quantitativa, com dados, tabelas e gráficos, apesar de em algumas vezes estes mesmos dados aparecerem, para dar uma maior sustentação à argumentação. A pesquisa qualitativa, ainda, pressupõe um recorte do objeto: ao invés de ser visto em sua totalidade, o pesquisador escolhe uma de suas facetas e se utiliza de alguns conceitos para melhor visualizá-lo, e assim, compreendê-lo. Seria impossível, pois, desenvolver um tema considerando *todas* as visões e conceitos que o cercam.

A partir daí, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a fim de reunir autores que pudessem dar sustentação teórica à pesquisa e assim reforçar, justificar, demonstrar, esclarecer, e explicar as questões levantadas. Além disso, fez-se necessário articular essas visões de maneira crítica, de forma a melhor relacionar os assuntos e assim ter uma pesquisa mais consistente.

Após ler livros completos ou capítulos pontuais de alguns deles, além de consultar sites na internet, fez-se uma pesquisa gráfico-visual: assisti a filmes, seriados, animações, diretamente relacionados ao tema do consumo ou não; pertencentes ao gênero de ficção científica ou não; dirigidos ao público infantil ou adulto. Nessa etapa, pretendeu-se pesquisar as tendências não somente na abordagem do consumo por diferentes meios, sejam eles destinados a crianças ou adultos, mas também na linguagem empregada, no tipo de narrador, no tipo de ilustração, nas cores utilizadas.

Assim, também busquei, é claro, ler livros infantis e infanto-juvenis para, além de observar tendências e convenções, também buscar inspiração para meu próprio livro. Não a fim de “imitar”, mas abrindo possibilidades à minha frente e me permitindo assim traçar meu próprio caminho durante a narrativa.

Também utilizei livros e revistas sobre ilustração, além de sites na internet, para também buscar inspiração na hora de compor as personagens e cenários fisicamente, além de aprimorar técnicas de edição e pintura digital.

Por fim, utilizaram-se métodos de pesquisa experimental, pois, por se tratar de um produto, os processos e resultados não são sempre exatos, por vezes são até mesmo obscuros, e há assim a liberdade de se mudar de caminho caso algo não esteja funcionando corretamente durante o projeto. Esse tipo de pesquisa foi importante por me permitir manipular o produto, moldando-o conforme os objetivos e necessidades do enredo, das personagens e das ilustrações, por exemplo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os autores e os porquês

Para este projeto, fez-se necessário buscar muitas fontes de conhecimento, para que o produto final fosse então algo bastante embasado em estudos prévios, e não apenas baseado em “achismos”.

Assim, iniciei-o pela teoria literária: O que é a leitura (Maria Helena Martins), o que é o conto e quais suas funções (Gotlib), além de teorias mais modernas, como a do Leitor-Modelo de Eco. Também estudei os elementos do conto, tais quais o enredo (Mesquita) e o foco narrativo (Chiappini e Leite). Esses conceitos foram importantíssimos para, primeiramente, me fazerem entender o que era uma história, o que era um conto, e quais seus movimentos pela história da literatura e consequentemente da humanidade.

Em seguida, percorreu-se um caminho muito natural: a partir dos elementos da narrativa, re fletiu-se sobre o que é ficção e imaginário. Novamente Eco aparece aqui, com seus “passeios pelos bosques da ficção”, articuladamente com Held. Estes autores foram importantes para se estudar a importância da imaginação na vida das pessoas, e consequentemente na formação de crianças como leitoras. Palo e Oliveira entram nesta parte, falando sobre a literatura infantil e seu papel.

A relação entre ficção científica e infância foi abordada por Held, além da importância do humor na narrativa: pude, então, utilizá-los de maneira mais re flexiva no meu livro, sem “dar tiros no escuro”.

A seguir, outro elemento da narrativa de ficção foi abordado: a personagem. Com base no livro de Brait e de Candido (et al), foi colocado aqui seu papel na narrativa, além de conceitos tradicionais e modernos em seus estudos, respectivamente, o da verossimilhança e da personagem dissociada do ser humana, que me permitiram delimitar melhor as personagens de meu próprio livro. Além disso, foi também

trazida a questão da relação entre autor e herói, de acordo com Bakhtin.

A parte de teoria literária foi a mais extensa, por aqui haver diversos autores e correntes de pensamento, que me permitiram ter um melhor embasamento teórico sobre o assunto, já que a área de estudo em que me encontro é a Comunicação, e não a literatura. Foi importante, portanto, para me tornar menos “leiga” sobre o assunto, ou seja, assim pude sair do lugar comum e me aprofundar em sua teoria.

As teorias sobre o consumo, de Linn, foram importantes no sentido de partirem de um caráter mais global para também a questão psicológica, os efeitos sobre a criança e sobre a sociedade, que também foram úteis na hora da criação do livro. Morin também trouxe a questão da cultura de massas, esta intrinsecamente ligada ao consumo, e que traz consequências ainda nos dias de hoje. Por fim, pude partir para as características “físicas” do consumo, como o lixo gerado todos os dias, tanto pelas indústrias quanto pelos consumidores. A partir de sites da internet, pude, então, finalizar o projeto com as consequências do consumo desenfreado para a natureza.

Aqui, portanto, estudou-se aspectos mais abrangentes (como a teoria literária) até aspectos mais pontuais (como a geração de lixo eletrônico). Todos foram importantes, porém, para embasar o projeto, e assim dar vida a ele.

O HOMEM, AS HISTÓRIAS, A FICÇÃO

Ouvir e contar histórias é inerente ao ser humano. Começamos a contá-las por meio de pinturas na parede de cavernas e não paramos desde então, e sempre nos foi tão natural quanto acordar pela manhã. Segundo acreditam alguns autores estudados, como Eco e Barthes, esse ato nasce não só com a espécie, mas com o indivíduo: quando pequenos ouvimos as histórias fantásticas que nossos pais e professores nos contam, crescemos e contamos um “causo” numa mesa de bar com amigos, envelhecemos e contamos episódios da nossa infância para nossos netos.

Vivemos nossas vidas, trabalhamos, damos gargalhadas, nos apaixonamos, sentimos medo muitas vezes e no meio de tudo isso são histórias que nos unem. Inventadas ou vividas, são elas que nos inspiram, nos encantam, nos provocam sensações, nos fazem experimentar estar no lugar do outro por alguns momentos ou mesmo nos tornam heróis, salvadores do dia, piedosos, justos e até mesmo protagonistas atrapalhados.

É por meio da combinação entre palavra, escrita ou oral, gestos e imagens estáticas ou dinâmicas que contamos histórias e assim nos comunicamos e aprendemos sobre pessoas, lugares e culturas, sejam estes reais ou habitantes da imaginação de quem conta.

Não é somente por meio desses elementos, porém, que compreendemos tais histórias. A leitura é ferramenta crucial nesse processo. Ao contrário do que diz o senso comum, ela diz respeito muito mais que apenas à linguagem escrita, e envolve, além da decodificação das palavras, gestos e imagens, também uma compreensão mais profunda acerca de uma história. Maria Helena Martins define a leitura “como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem.” (MARTINS, 1993, p.30) Ler, aqui, portanto, significa participar de um processo muito maior, que envolve emoções e experiências individualizadas ao mesmo tempo em que remonta a um inconsciente coletivo, ou seja, a arquétipos comuns a todo ser humano, a emoções que todos nós sentimos.

É por isso que o ato de contar histórias se torna um processo complexo e assume uma forma mais profunda neste projeto: Aqui se pretende, de maneira experimental, criar um produto em que os pilares da Comunicação (emissor que se utiliza de um código para transmitir uma mensagem ao receptor) estejam engen-

drados de maneira mais dinâmica, mais reflexiva e menos simplória e ingênua. Pretende-se, por exemplo, que a mensagem possa navegar por diferentes camadas de sentido dependendo de quem a lê, que cause reações diferentes a cada um, que o leitor tenha espaço para imaginar alguns aspectos da história, interagindo assim com as mensagens recebidas.

Assim, neste projeto o contar uma história sai da acepção comum do dia-a-dia, da informalidade das mesas de bar e dos relatos que ouvimos na rua para ganhar características de conto. Em seu livro *Teoria do Conto*, Nádía Battella Gotlib tenta explicar suas várias faces por meio da análise de estudos que remontam ao século XIV, quando ele começou a ganhar uma categoria estética, até os dias de hoje, em que o conto ganhou novas formas e estruturas.

A autora admite a dificuldade de se explicar o conto, dificuldade também encontrada por grandes autores como Júlio Cortázar, que o caracteriza como um gênero “tão difícil definição, tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos” (CORTÁZAR apud GOTLIB, 2006, p. 10). Julio Casares, por sua vez, define o conto como “(...) 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las.” (CASARES apud GOTLIB, 2006, p. 12) Assim, várias visões convergem para a do conto enquanto ato de se contar uma história, e por isso ele se torna uma *narrativa*.

O conto, assim, não tem compromisso com o real, e por isso não é simplesmente um relato. Ele possui um caráter de *intencionalidade* que provém de um autor, e o discurso muda de acordo com o narrador. Uma mesma história, por exemplo, pode adquirir aspectos de horror se contadas por certo tipo de narrador, e pode adquirir aspectos de comicidade se contadas por outro. Tudo, conforme se disse, depende de um propósito, de qual reação se deseja causar no destinatário.

Essa intenção do conto pode estar presente tanto na oralidade quanto na escrita, e é um trabalho consciente, premeditado.

Cada palavra deve confluir para o acontecimento, para a coisa que ocorre e esta coisa que ocorre deve ser só acontecimento e não alegoria (...) ou pretexto para generalizações psicológicas, éticas ou didáticas. (CORTÁZAR apud GOTLIB, 2006, p. 38)

Sobre a estrutura de um conto, Gotlib nos diz que:

Segundo o modo tradicional, a ação e o conflito passam pelo desenvol-

vimento até o desfecho, com crise e resolução final. Segundo o modo moderno de narrar, a narrativa desmonta este esquema e fragmenta-se numa estrutura invertida. (GOTLIB, 2006, p. 29)

Desse modo, neste produto optou-se por manter a estrutura tradicional de um conto, mas adicionando alguns elementos modernos, tais como “*feelings*, sensações, percepções, revelações ou sugestões íntimas.” (Ibidem, p.30). A autora já prevê essa mistura entre o conto moderno e o tradicional, quando diz que “nem sempre o conto moderno foge totalmente dos princípios anteriores, ou (...) nem sempre há apenas adoção de novos procedimentos.” (Ibidem, p.54) Por vezes, essa mistura se torna adequada dependendo da intencionalidade do autor e, ainda, do público a quem uma obra se destina.

Mais importante do que utilizar ou não elementos do conto tradicional, ou ser breve – característica fundamental do conto, que em inglês se chama *short story*, ou história curta – é ser um diferencial para seu leitor, prender sua atenção, causar impacto e empatia nele e não ser só mais um produto para “se passar os olhos”.

O leitor deve se deliciar com a narrativa e não deve se fatigar dela, deixando nele sempre um “gostinho de quero mais”. Ele deve ansiar pelo seu fim, pelo conhecimento de seu desfecho, ao mesmo tempo em que se permite desacelerar a leitura para aproveitar melhor os últimos capítulos.

* * *

É preciso perceber, ainda, qual o papel do leitor em uma narrativa. Umberto Eco, em *Lector in Fabula*, diz que é ele quem abre a função recíproca dos termos no contexto da frase.

Isso significa que o leitor dá sentido ao texto lido. Sem o leitor, não há uma atualização no conteúdo do texto, ou seja, um texto não é completo sem um destinatário que realize movimentos cooperativos, ativos, e assim se possa “deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade” (ECO, 2008, p. 37). Um texto é interpretado em diferentes níveis de sentido graças a esse mesmo leitor, que pode entender o texto da maneira mais profunda à mais superficial. O autor ainda diz que “todo texto quer que alguém o ajude a funcionar.” (Ibidem, p.37).

O destinatário, porém, não possui necessariamente todas as qualidades que

o emissor deseja, pois destinatário e emissor não possuem exatamente os mesmos códigos, a mesma bagagem cultural e intelectual. Desse modo, os tais “pilares da Comunicação” são mais profundos e complexos do que outros estudiosos pensavam ser. Assim sendo, Umberto Eco prevê o que chama de “Leitor-Modelo”, ou seja, um leitor não empírico previsto pelo autor, que irá se comportar conforme este previu.

Assim, diz Umberto Eco:

Podemos dizer melhor que o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões dos movimentos de outros – como, aliás, em qualquer estratégia. (Ibidem, p. 39).

É o que acabamos, também, fazendo na Publicidade: identificamos um público-alvo, conhecemos mais sobre seus sonhos, seus medos, suas crenças, para então ter uma comunicação mais eficaz com este público.

É claro que um livro não pode excluir outros públicos, afinal o acesso à leitura nos dias de hoje é muito mais democratizado, ou seja, pessoas em diferentes faixas etárias podem ter contato com as obras por diferentes meios (livrarias, bibliotecas, *e-books* e outros), mas um público-alvo bem definido ajuda o autor a delimitar seu conteúdo na hora de escrever, e também auxilia esse mesmo público na hora de compreender e ser impactado pela mensagem. Por ser um tema complexo, portanto, escolheu-se uma faixa etária mais velha, englobando também a pré-adolescência, para que a mensagem tenha um impacto mais profundo e duradouro nessas crianças.

Prever um público é não significa subestimá-lo, e o autor deve conhecer muito bem os limites entre um e outro. Não subestimar também inclui, por vezes, deixar de lado algumas explicações, e deixar a interpretação mais livre e espontânea para o leitor. Dependendo da obra, esse nível de livre interpretação pode adquirir maior ou menor grau. Tudo, como sempre, depende da intencionalidade do autor e da resposta que se espera do Leitor-Modelo, numa dialética inevitável.

Não se deve confundir Autor-Modelo e Leitor-Modelo com autor empírico e leitor empírico. A cooperação textual entre autor e leitor idealizada por Eco se baseia em estratégias, em modelos, e não em experiências individualizadas. O autor empírico utiliza certas estratégias de escrita e espera que seu leitor possa seguir a linha de raciocínio e compreensão por ele traçada, tornando-se assim respectivamente o Autor-Modelo e o Leitor-Modelo, mas nem sempre isso é completamente

possível.

O que nos permite observar a dificuldade de se aplicar essas estratégias com plenitude no campo da prática, são os fatores citados anteriormente e que influenciam na leitura de um texto, tais como os códigos e subcódigos de uma língua, que além de seu “glossário”, envolvem as relações semânticas entre as palavras, as estruturas da língua e etc. Além de, é claro, o leitor ser influenciado por outros textos lidos anteriormente, que fazem parte de sua bagagem cultural, de sua experiência de vida. Se formos tentar transpor, na íntegra, a ideia do Leitor-Modelo de Eco para a do leitor empírico, confundindo-os, corremos o risco de nos frustrarmos ao nos deparar com essas nuances que inevitavelmente fazem parte da narrativa enquanto ato. O Leitor-Modelo, portanto, é um leitor inventado, que satisfaz as expectativas do texto e funciona, conforme o próprio nome diz, enquanto modelo.

Em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, Eco diz que:

Em contrapartida, para identificar o autor-modelo é preciso ler o texto muitas vezes e algumas histórias incessantemente. Só quando tiverem descoberto o autor-modelo e tiverem compreendido (ou começado a compreender) o que o autor queria deles é que os leitores empíricos se tornarão leitores-modelo maduros. (ECO, 1994, p. 33)

Por se tratar de um projeto experimental, portanto, a ideia de Autor-Modelo e Leitor-Modelo de Umberto Eco não foi levada a extremos, no sentido de levar esses conceitos a níveis de complexidade avançados, ou seja, com o Autor-Modelo e o Leitor-Modelo extremamente bem delineados. Isso se deve ao fato de se tratar de meu primeiro livro, portanto, encontrei algumas dificuldades em fazê-lo devido à minha inexperiência como escritora.

O ENREDO

O romance tradicional é a escritura de uma aventura; o romance moderno é a aventura de uma escritura.

Jean Ricardou

Numa narrativa de ficção, é o enredo que dá sua forma. Ele é a estrutura de uma narração, é o corpo da narrativa, com seu começo, meio e fim, com suas descrições de personagens, diálogos, conflitos. São as opções estéticas do escritor, as articulações entre as ações, as palavras e frases escolhidas, mas também as pausas. É possível ter uma história sem enredo, mas não um enredo sem história. Então, pode-se dizer que o enredo contém uma história. De acordo com Umberto Eco, numa forma simples como *Chapeuzinho Vermelho*, por exemplo, há história, mas não há enredo, ou seja, não há essa articulação entre história e estruturas de texto, por exemplo.

Em *O enredo*, Samira de Mesquita diz que:

Conforme ainda a ordenação dos fatos e situações narradas, o enredo pode apresentar uma organização linear, mais próxima da ordem da narrativa oral, da narrativa tradicional (mitos, lendas, casos, contos populares) em que se respeita a cronologia (narra-se antes o que aconteceu antes), obedece-se à ordem começo, meio e fim, ao princípio da causalidade (os fatos são ligados pela relação de causa e efeito), à verossimilhança (procura-se a aparência de verdade, respeita-se a logicidade dos fatos). (MESQUITA, 2006, p. 16)

A partir do século XX, porém, de acordo com a autora, o enredo sofreu desarticulações. Com a introdução de recursos narrativos tais como estado psicológico das personagens, há uma desestruturação do tempo cronológico, e passa-se assim a uma crono-ilogia.

Umberto Eco cita outras características de um enredo, tais como as suas deslocções temporais, saltos para frente e para trás (ou seja, antecipações e *flash-back*), descrições, digressões, re flexões parentéticas.

Já no século XXI, portanto, o enredo não-linear é amplamente visto na literatura. O enredo linear, porém, ainda permanece, mas neste trabalho buscou-se utilizar características de um enredo não-linear, mostrando-se as impressões das personagens, fazendo-se saltos temporais, reflexões, porém mantendo-se a narrativa tradicional como base. Nesta, há uma situação inicial de equilíbrio, até que

uma ação desequilibradora ocorre e transformações acontecem levando a narrativa ao desfecho. Ao final, tem-se outro equilíbrio, diferente da situação inicial, mas mesmo assim equilíbrio, de acordo com Mesquita.

Ela diz ainda que:

(...) a apresentação pelo discurso que narra, a construção do enredo, quase sempre procura respeitar a tradição narrativa, já que a finalidade é atingir o maior número de consumidores possível, sem “assustá-los”, desacomodá-los dos padrões a que se habituaram no decorrer dos anos. (Ibidem, p. 18)

Assim, por se tratar de um público ainda em formação crítica, que ainda está em seus primeiros anos de contato formal com a literatura, optou-se por criar uma narrativa mais próxima da tradicional, mas mantendo-se algumas características do conto moderno, já citadas anteriormente.

Uma das técnicas modernas teorizadas por Eco em *Lector in Fabula* e retomada por ele em *Seis passeios pelos bosques da ficção* é a dos passeios inferenciais, técnica utilizada pelo autor que permite ao leitor dar passeios “fora do bosque”, ou seja, o permite optar por caminhos de leitura enquanto lê, a se utilizar de sua própria experiência de vida, de sua visão de mundo e da leitura de textos anteriores, permitindo assim que o ato de ler seja uma experiência individualizada para cada leitor.

Técnicas modernas como a dos passeios inferenciais, que retardam ou aceleram o ritmo da narrativa, porém, se não bem utilizadas, podem comprometer o entendimento da história. “Se há uma cronologia respeitada, isto é, se se narra antes o que aconteceu antes e depois o que aconteceu depois, o ritmo será mais rápido”. (Ibidem, p. 34) Ritmo mais rápido ou acelerado não são sinônimos de bom ou mau entendimento de uma história, mas novamente, devido ao público escolhido, optou-se pela utilização de algumas dessas técnicas, como a dos passeios inferenciais, mas sem que isso comprometa o entendimento do texto como um todo, e assim correndo o risco de causar um distanciamento entre o texto e seu público, quando a intenção é exatamente o contrário.

O enredo, pois, se torna parte essencial deste trabalho. É por meio do entrelaçamento de ações e personagens, misturando-se elementos modernos e tradicionais de narração, que se pretendeu, aqui, contar uma história de maneira envolvente e que seja um diferencial para o leitor, e não só uma leitura para se “passar os olhos”.

O FOCO NARRATIVO

Para Chiappini e Leite, em *O foco narrativo*, “quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o que imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, narração e ficção praticamente nascem juntas.” (CHIAPPINI; LEITE, 2006, p. 6). Eles dizem, ainda, que a reflexão sobre o ato de narrar é muito antiga: desde que a ficção existe, há escritores tentando teorizar sobre ela.

Houve, através da história da ficção, uma mudança substancial no papel do narrador: Na epopeia, por exemplo, o narrador tinha seu público reunido à sua volta, e ele e seu público tinham experiências e valores parecidos. Apesar disso, o narrador colocava a si mesmo e seu público à distância do mundo narrado, ele era solene, falava de musas e deuses. No romance, no entanto, o narrador está falando também particularmente a seu público, mas agora os temas do cotidiano se tornam mais interessantes para ambos, com personagens mais humanos, tornando o narrador íntimo por esses motivos. (KAYSER apud CHIAPPINI;LEITE, p. 11).

Os autores também mostram a teoria do foco narrativo de Henry James, que diz que o ideal no romance é que o narrador seja uma presença discreta, que encontre um equilíbrio entre o contar (*telling*) e o mostrar (*showing*), e que assim possa dar a impressão ao leitor de que a história se conta a si mesma, além de ser preferível que as ideias do narrador estejam ligadas às ideias das personagens. Para E. M. Forster, porém, o narrador pode intervir na narrativa, e até mesmo o ponto de vista dentro de um romance pode mudar, desde que se deseje alcançar certos efeitos. “Um romancista pode mudar seu ponto de vista, desde que obtenha o resultado esperado” (FORSTER apud CHIAPPINI. LEITE, p. 16).

Para Jean Pouillon, autor também trazido em *O foco narrativo*, haveria três possibilidades na relação narrador-personagem:

(...) a visão com, a visão por trás e a visão de fora. Na visão por trás, o narrador domina todo um saber sobre a vida da personagem e sobre o seu destino. É onisciente, poderíamos dizer. Sabe de onde parte e para onde se dirige na narração, o que pensam, fazem e dizem seus personagens, uma espécie de Deus (...) (POUILLON apud CHIAPPINI, LEITE, p. 20).

Ainda, Norman Friedman oferece à teoria do foco narrativo uma tipologia própria. A primeira categoria proposta por ele é a do *Autor onisciente intruso*. Para ele, esse tipo de narrador tem a liberdade de narrar à vontade, mudando e adotando

do várias posições sucessivamente. Predominam na narrativa suas próprias palavras, pensamentos e percepções. O narrador é “intrusivo”, ele tece seus comentários sobre a vida, valores e costumes que não necessariamente estão conectados à história narrada.

O que se buscou nesse projeto foi uma fusão entre alguns dos conceitos apresentados no livro de Chiappini e Moraes. O narrador, aqui, é onisciente, apesar de que, em algumas partes, pretendeu-se alcançar sua neutralidade, deixando a história se contar a si própria, como pretendia Henry James. Por vezes, utilizou-se a categoria do *Autor onisciente intruso* de Friedman, em que utilizei algumas reflexões acerca do próprio ser humano, tornando-se discurso indireto livre, e em seguida relacionando-as ao contexto em que se as personagens de encontravam. Ainda, na maior parte do tempo o foco narrativo esteve na personagem principal, mas me permiti “passear” por outras personagens, com o objetivo de tornar seus pensamentos e visão de mundo mais explícitos ao público. A *visão de fora*, a *visão com* e a *visão por trás* de Pouillon também foram utilizadas, de forma a tornar o enredo mais dinâmico, além de manter o efeito de mistério em algumas partes da história. Neste último caso, por meio da *visão de fora*, em que o narrador se afasta da cena, apenas a descrevendo; mas também por meio da *visão com*, em que o narrador “finge” descobrir sobre os acontecimentos juntamente com as personagens.

FIÇÃO E IMAGINÁRIO

A criança como leitora

Umberto Eco nos diz que há um acordo ficcional entre o leitor e o texto: aquele aceita a realidade da ficção exatamente como a realidade da ficção, ou seja, o leitor entende que o texto à sua frente é uma história imaginada, inventada, mas não mentirosa: dentro do universo ficcional construído pelo autor, lemos e entendemos a história a partir do princípio da verossimilhança.

Em *O foco narrativo*, confirmando a visão de Eco, Chiappini e Leite chamam a atenção para este conceito trazido desde Aristóteles:

Verossímil não é necessariamente o verdadeiro, mas o que parece sê-lo, graças à coerência da representação-apresentação fictícia. E nem sempre o verdadeiro, na ficção, é verossímil. (CHIAPPINI e LEITE, 2007, p. 12)

Este é, portanto, um dos princípios da ficção. Aceitamos o universo que o escritor tem a nos oferecer, e em alguns casos até mesmo nos indagamos se aquela história ocorreu na realidade ou não, tamanha a nossa identificação com ela, ou com suas personagens.

Isso se deve ao fato de que a ficção sempre tem um pé no real. A narrativa evoluiu juntamente com a história da humanidade, e por isso, por mais fantástica que seja, ela sempre tem a realidade como pano de fundo.

Em *O imaginário no poder*, Jacqueline Held aborda a relação entre imaginário infantil e ficção. De acordo com ela, o fantástico a ser abordado em sua obra “significa aquilo que só existe na imaginação ou na fantasia; e, não, a acepção que costumamos lhe dar de extraordinário, extravagante, prodigioso, incrível.” (HELD, 1980, p. 19).

Ela também escreve que:

O fantástico nos toca se não for feito apenas de entidades, de seres abstratos. O que é que vivifica o fantástico e vem lhe dar sua verdadeira densidade, senão a simples vida cotidiana, com seus problemas, sua comicidade, seus ridículos, sua mistura íntima de cuidados, de angústia, de pitoresco, de ternura? (Ibidem, p. 28)

Isso significa que o que nos toca na ficção é exatamente essa identificação com o real, com a nossa própria vida, com nossos medos, com nossos desejos, ou seja, com nosso universo.

Por isso, a autora diz que o uso do termo “conto fantástico” ao invés de “conto maravilhoso” se torna mais adequado ao universo do conto moderno. Para ela, “maravilhoso” lembra as histórias de príncipes encantados e fadas, em que a resolução dos problemas é sempre fácil, os desejos são sempre atendidos. Hoje, o que se vê mais frequentemente na literatura, incluindo-se aí a infantil, é o desmembramento do conto tradicional, que passa a ter enredos mais complexos, e as personagens são menos previsíveis.

O fantástico, ainda, é interpenetração entre sonho e realidade, ao ponto de não haver demarcações entre eles. Aquele somente existe em oposição a uma realidade dita “não fantástica”, mas há que se entender que o real, para cada um de nós, se comporta de uma forma: enxergamos as coisas sobre prismas diferentes, temos opiniões diferentes, visões diferentes. Não há, então, o real “bruto”, o real tal qual ele é. Sempre interpretamos a realidade por meio de uma peneira.

É na infância que temos o primeiro contato com o fantástico, e talvez esta seja a época em que mais nos deparamos com o mundo imaginado. Este mundo, voltando a citar Umberto Eco, acaba se tornando infinito, por um lado, por se estender infinitamente além da obra, à medida que são acrescentados a ele novas personagens e situações.

De acordo com Held, o imaginário não deve ser visto como repressor da construção do real. Uma criança com imaginação fértil não significa uma criança totalmente ingênua, sem discernimento entre o que é fato e o que é pura invenção. É a partir da manipulação da própria imaginação que ela irá desenvolver-se, amadurecendo e aprendendo a lidar com a dialética entre ficção e realidade. Caso contrário, ela poderá perder essa capacidade de sonho, de projeção. “A imaginação, como a inteligência e a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia.” (HELD, 1980, p. 46).

Segundo ela, ainda, é possível distinguir a convergência e a fusão de três elementos do fantástico:

Um país “inventado”, jamais sendo essa invenção puramente *ex nihilo*, mas fruto do exercício da imaginação a partir de elementos conhecidos, que chamaremos, em sentido bem lato, “exóticos”.

Um país real, aquele que o autor conhece, onde vive, se enraíza, e que está sempre mais ou menos presente, subjacente, mesmo que aquele que cria não tenha – ao menos no momento – consciência clara disso.

Finalmente, bem ligado ao precedente, o que temos vontade de chamar de “paisagem afetiva” (...), sendo essa paisagem quase sempre um lugar de infância, mas um lugar de infância mítico, idealizado, visto através do prisma dos sentimentos, das lembranças, das experiências de um adulto, mesmo deformado se necessário (...) (Ibidem, 1980, p. 77)

A paisagem afetiva também representa os desejos e nostalgias do leitor, seja ele criança ou adulto.

O conto, por vezes, pode conter alguns aspectos perturbadores para a criança. Essa perturbação, porém, pode ser muito relativa: o que é traumatizante para uma pode não ser para outra. Há vários fatores envolvidos aí, como experiências de vida da própria criança, seus próprios traumas e medos, estes últimos, ao contrário, não necessariamente envolvendo sua própria história de vida. Segundo Marc Soriano, “Qualquer imagem é traumatizante na medida em que mistura as angústias de uma criança já perturbada.” (SORIANO apud HELD, p. 93). Não é exa-

tamente “culpa” da literatura, portanto, se uma história se tornou uma experiência traumatizante para uma criança; o problema, provavelmente, tem raízes muito mais profundas, que podem envolver alguma experiência traumática na família, na escola, ou mesmo alguma predisposição para certos tipos de fobia.

Não significa, de maneira alguma, que a criança deva ser criada numa “bolha”, privando-a do contato com certo tipo de livro infantil ou mesmo impedindo-a de conhecer os problemas reais. Para ela, cabe aos pais e à escola, por exemplo, identificar essas crianças e avaliar até que ponto, de acordo com sua idade e caráter, se possa deixá-las a par das adversidades da vida. É impossível, ainda, criá-la em tal bolha, pois a criança, cada vez mais cedo, se interessa pelos assuntos do mundo, quaisquer que sejam eles, desde que estes assuntos sejam abordados de forma a tocá-la.

Ao autor de histórias infantis cabe conhecer seu público, no geral, além de criar um narrador e uma linguagem que possam dar à história o tom desejado. Contada em voz alta, ainda, conforme já citado, uma história pode adquirir formas diferentes dependendo de quem a conta e de que forma a conta.

Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira, em *Literatura Infantil*, dizem que “É preciso lançar mão de estratégias concretas e próximas à vivência cotidiana da criança”. (PALO; OLIVEIRA, 1986, p. 6).

As autoras, no entanto, tentam desatrelar essa função tão pedagógica da literatura infantil. Para elas, a literatura infantil enquanto arte tem outras necessidades, assim como a criança. Segundo elas, há hoje a chamada literatura “realista” para o público infantil, que é imediatista, simplista, além de possuir “construção plana, previsível, sem surpresas, numa linguagem que tem por tarefa, apenas, ser canal expressivo de valores e de conceitos fundados sobre a realidade social”. (Ibidem, p.10) A criança enquanto leitora, portanto, só conhece o lado autoritário da obra, conceitos são “empurrados” a ela, e a função poética da literatura é perdida.

Para elas, projetos de literatura infantil mais arrojados são aqueles que trabalham o imaginário, permitindo ao leitor uma leitura múltipla, que siga trilhas, que lance hipóteses, que seja surpreendente, oferecendo-se assim uma experiência valiosa a cada criança. Esse uso poético da informação também re-flete uma nova forma de pedagogia, que não é impositiva, e que permite à criança ter a palavra final, apenas guiando-a durante o trajeto.

Se esta literatura realista, portanto, acaba se tornando nociva à criança, na medida em que limita o desenvolvimento de seu próprio pensamento, neste produto, então, buscou-se ser menos previsível, menos moralista, e utilizar uma

linguagem mais leve e mais próxima ao universo infantil. Uma das maneiras pela qual se buscou atenuar essa função moralista foi por meio do humor ocasional.

No capítulo *Fantástico e Humor*, Held diz que este pode ser um verdadeiro aliado na hora de se desarmar a angústia perante algum fato. Ele supõe distância de si mesmo, ele protege. Há muitas formas de humor, e a criança entrará em cada uma delas dependendo de sua idade, de seu modo de vida, de sua educação.

O humor, em um livro, poderá auxiliar a criança no sentido em que a distancia de suas pequenas faltas e infelicidades do dia-a-dia, não de forma a livrá-las do problema sem que pensem numa solução para tal, mas que possam, por meio das personagens e das situações, identificar-se com elas, conhecendo e aceitando melhor a si mesmas. Assim, elas se tornam mais seguras para enfrentar seus medos.

Ainda, segundo ela, e confirmando a visão de Palo e Oliveira,

Ao oposto de livros simplistas em que tudo é sempre negro ou sempre rosa, a criança, como o adulto, tem necessidade, proporcionalmente, de livros que tornam a mistura intimamente complexa, o tragicômico da existência humana, a verdadeira densidade de um mundo em que o perigo e o sofrimento jamais eliminam, completamente, as pequenas falhas cotidianas, o sorriso e o riso. (HELD, 1980, p. 185)

O humor, assim como a imaginação, está presente em toda criança, e a torna criadora, se for estimulado. Caso contrário, ele também se atrofiará.

Por esses motivos, e também confirmando a visão de Palo e Oliveira, a linguagem adotada se torna elemento essencial na obra destinada às crianças. Ela se envolverá mais ou menos na história dependendo de vários fatores. Jacqueline Held diz que “não é apenas a palavra, tal palavra como elemento isolado, que seduz a criança, mas o conjunto da linguagem, a linguagem global, a abundância. É a própria riqueza da linguagem que é fascinante.” (Ibidem, p. 199). Ainda que não entenda todas as palavras que lê, ela também poderá se envolver com a história caso o tema lhe interesse, por exemplo, ou a história tenha um ritmo que a cativie. O principal é que ela se sinta um ser participativo na leitura, e não um estranho, ou um espectador passivo, que não pode interagir com a história lida.

Sobre a função pedagógica da literatura, citada por Palo e Oliveira, Held diz que

(...) não são perceptíveis, senão em longo prazo, os efeitos da literatura como “educadora indireta”. Precisamente porque são efeitos de educação global, fermentos secretos que agem indissociavelmente sobre a sensibilidade, sobre a imaginação, sobre o intelecto. (Ibidem, p. 226)

FIÇÃO CIENTÍFICA E O FANTÁSTICO

Held dedica um capítulo para falar da ficção científica. Segundo ela,

(...) a ficção científica pode ser extraordinário instrumento para desbloquear o imaginário ao nível tanto do pensamento como da linguagem, para romper com certos lugares-comuns, para fazer com que o homem reflita sobre si mesmo, sobre a sociedade, sobre sua condição (Ibidem, p. 142)

De certa forma, já o conto é ficção científica, por trazer seres bizarros, animais falantes, situações absurdas. A ficção científica, portanto, é o conto com a adição de elementos científicos, de justificativas palpadas com base na ciência, mais técnicos, mais precisos.

A ficção científica também pode servir de sátira à vida de nossa sociedade, aos nossos valores, aos nossos costumes e morais. Há vários modos de se criticar, podendo a crítica ser mais sutil, durante diálogos, por exemplo, ou ela pode se localizar na base da história, esta se passando em um mundo que possui valores totalmente opostos aos nossos.

Assim como no conto, é importante que a história de ficção científica tenha coerência interna, ou seja, que apesar de alguns “erros” técnicos, o leitor possa entender sua estrutura e assim ser transportado por ela, devaneie, sonhe, mas que também possa encontrar personagens que tenham algo da essência humana, por mais fantásticos que pareçam.

Além disso, há de se haver convenções que por ora eliminem o excesso de detalhes da narrativa, as explicações lógicas em demasia, para assim permitir um fluxo mais natural na leitura.

A ficção científica, sobre as crianças, possui um fascínio cada vez mais crescente, em grande parte culpa da crescente exploração do tema nos meios de massa.

O interesse por outros planetas, pelo futuro, pelo insólito, não são exclusivas dos adultos, e povoam também o imaginário infantil. As questões técnicas não atrapalhariam o entendimento das crianças, desde que se leve em consideração alguns fatores, tais como a maneira como essas questões serão apresentadas, a linguagem empregada, e etc. Não muito diferentemente do próprio conto fantástico, que também deve levar em conta esses fatores.

Isso não significa, é claro, que não se possa dar margem para a criança imaginar. Ao contrário disso, a narrativa de ficção científica para crianças deve permitir a elas ter curiosidade em continuar em frente, e até mesmo se aprofundar sobre algum assunto abordado. As questões técnicas, porém, não precisam ser engessadas, reduzidas a apenas alguns conhecimentos particulares, limitados. Elas podem ser maleáveis, omitir alguns detalhes, e podem até mesmo ser inventadas, exageradas ou atenuadas, dependendo do efeito textual que se pretende alcançar.

A ficção científica, como gênero escolhido para o produto, pode auxiliar na transmissão da mensagem tanto quanto se fosse escolhido o gênero realista. Aquela pode se tornar, porém, mais interessante ao público e cativá-lo mais facilmente, pois, além de outros aspectos, a ficção científica trabalha com a imaginação de quem a lê.

A PERSONAGEM DE FICÇÃO

Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Decio de Almeida Prado e Paulo Emílio Sales Gomes, em *A personagem de ficção* dizem que, na literatura de ficção, há o que eles chamam de caráter “puramente intencional”. Ou seja, tudo que é nele escrito, possui uma intenção e uma autonomia, e existe ali independentemente do que há “do lado de fora”.

As orações, portanto, lançam os objetos e estes passam a se tornar realidade dentro do texto. Por exemplo, se imaginamos a frase “Regina usava sapatos de cristal”, logo imaginamos uma Regina real, mesmo que anteriormente nada tenha sido dito a respeito dela. Ela passa a ser, então, um “ser independente”, e que já existia e já usava sapatos de cristal anteriormente à construção da frase.

Para os autores, essa é, portanto, a diferença entre o texto ficcional e outros textos: naquele, os seres e mundos são puramente intencionais, e se referem apenas de modo indireto a outras realidades extra-literárias. Ou seja, quando se ima-

gina Regina usando sapatos de cristal, logo a imaginamos em um grande salão de baile, cercada de pessoas, mesmo que o texto não tenha dito isso explicitamente.

Conforme dito anteriormente, essa “aparência” de realidade irá conferir ao texto sua veracidade, por meio de sua coerência interna, pelo vigor dos detalhes apresentados, pela ordenação dos fatos. Para os autores, porém, é a personagem quem torna a ficção evidente, “e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza.” (CANDIDO; ROLSENFELD; PRADO; GOMES, 1963, p. 14).

Sem a personagem, o texto acaba se tornando puramente uma descrição. É necessário um elemento humano na narrativa, que a torne mais verídica, que gere uma maior identificação com o leitor.

Além disso, em relação à realidade, as objectualidades puramente intencionais citadas pelos autores não possuem seu caráter completo. Isso se deve ao fato de que as pessoas e objetos reais são sempre concretos, apesar de que só alguns aspectos de si mesmos são observáveis. Um texto de ficção, por outro lado, é ainda mais fragmentário que a vida real, no sentido de que as orações são finitas, mas ao mesmo tempo se tornam mais completas que a realidade, se levarmos em conta que cada oração é intencional, cada ação de uma personagem é moldada pelo autor e assim acaba-se tendo uma visão mais específica, mais densa, mais definida de cada uma delas, como se cada ação sua (ou falta de ação) fosse coerente com a lógica pré-estabelecida pelo autor.

Isso não significa que as personagens devam ser óbvias, previsíveis. Os grandes escritores se permitem trazer a opacidade das pessoas reais às suas personagens, tornando-as uma fonte inesgotável de conhecimento sobre o próprio ser humano, sobre suas atitudes, sobre sua alma.

Durante muito tempo, a visão da *mimesis* aristotélica foi interpretada como “imitação do real”, conforme conta Beth Brait em *A personagem*. Novamente, aqui, assim como tudo na obra de ficção, devemos entendê-la atrelada ao conceito de verossimilhança, ou semelhança com o real. Aristóteles definiu a personagem como sendo um reflexo da pessoa humana, uma construção que obedece às leis do texto, da história, além de ser um “ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação.” (BRAIT, 1985, p. 24)

Também os estudos de Horácio foram importantes para a construção do conceito de personagem. Ele dizia que a personagem não é apenas uma reprodução de um ser vivo, mas também um modelo a ser imitado. Ele também contribuiu decisivamente para uma tradição empenhada em conceber e avaliar a persona-

gem a partir dos modelos humanos. Hoje, porém, a personagem não é vista simplesmente como imitação do mundo exterior, mas como projeção da maneira de ser do escritor, de seu universo psicológico, e possuidora de uma fisionomia própria, mas que está sempre atrelada ao enredo: ela vive nele e por ele.

É importante fazermos esse pequeno panorama histórico, para entendermos de onde esses estudos partiram, e onde eles estão, nos dias de hoje. Sem conhecer os movimentos da personagem por meio dos séculos, seria impossível entender o porquê de ter-se chegado a esse ponto nos estudos sobre o ser fictício.

Também em *A personagem de ficção*, os autores admitem que a personagem esteja intrinsecamente atrelada ao enredo, e vice-versa. Eles dizem que, no enredo, o leitor vive as possibilidades humanas que não são encontradas, ou são pouco encontradas em sua própria vida. Por meio das personagens, o leitor, assim como em Held, se identifica com suas situações, projeta-se nelas, as traz para sua própria vivência, fazendo-as se tornarem vivas.

Os autores também admitem, porém, que na ficção moderna, ou seja, a partir do século XX, a construção de um texto é afinal a responsável pela maior ou menor força de um romance, é a maneira como essas personagens serão apresentadas durante a história que farão a diferença, que determinarão um maior ou menor envolvimento entre o leitor e a obra. Conforme observa Brait, a partir do século XX, e por meio das perspectivas dos formalistas russos, “a concepção de personagem se desprende das muletas de suas relações com o ser humano e passa a ser encarada como um ser de linguagem, ganhando uma fisionomia própria.” (Ibidem, p. 44). Ela, então, é um ser fictício, que possui similaridades com o ser humano, mas não é o ser humano.

Tanto *A personagem de ficção* quanto *A personagem* de Beth Brait trazem as definições de Forster, a partir de seu livro *Aspects of the novel*, de 1927. Segundo este autor, as personagens podem ser planas ou esféricas.

As personagens planas são construídas por meio de uma só ideia ou qualidade, são estáticas, não mudam conforme a narrativa avança, não conferem nenhum tipo de surpresa ao leitor. Elas ainda podem ser subdivididas entre *tipo* e *caricatura*: tipos são peculiares, e atingem seu auge sem se deformar. Caricaturas são aquelas personagens que são levadas ao extremo na ideia de qualidade única, são distorcidas e geralmente satirizadas.

As personagens esféricas, por sua vez, são aquelas que são construídas de maneira mais complexa, apresentam várias qualidades, e acabam por convencer o leitor. Elas são imprevisíveis, surpreendentes, e trazem algo da vida do próprio ser

humano.

Com relação às personagens, em meu projeto, tentou-se trazer, na medida do possível, o conceito de personagem esférica de Forster. Pelo menos nas personagens mais recorrentes na história, tentou-se explorar mais de um lado delas, fazendo-as mais próximas do ser humano, que ri, sofre, erra e acerta, além de fazê-las desenvolverem-se no decorrer da narrativa, no sentido de aprender com cada erro ou acerto.

É claro que, em decorrência da própria construção do texto, torna-se impossível construir todas as personagens como esféricas, pois algumas delas possuem funções muito pontuais na história. De outra forma, suas funções dentro da narrativa poderiam se tornar confusas, e o leitor certamente se perderia em meio a essas informações. Além disso, trata-se de um público que possui sua consciência crítica em pleno desenvolvimento, e por isso correr-se-ia o risco de perdê-lo em meio à história, não se atingindo os objetivos do projeto.

Por fim, a construção de personagem em meu projeto não partiu da junção, conforme citado por Candido, de fragmentos de várias pessoas reais, ou por uma pessoa só. Ela partiu mais da minha intenção ao se escrever a narrativa, observando-se um modelo dominante real e a partir de então se construindo outro, que servisse aos objetivos propostos. Mas, é claro, nunca perdendo de vista a humanidade das personagens, pois não se pretende aqui seguir a radicalização proposta por algumas vertentes da literatura, como o formalismo russo, já citado anteriormente.

O HEROI E O AUTOR

Todas as partes de uma obra advêm das reações que elas causam no autor. O autor, portanto, é o responsável por modificar as ações do herói, seus traços característicos, seus pensamentos e sentimentos. Assim como na “vida real”, o autor é como alguém que julga o outro a partir de seu próprio juízo de valor. Na vida real, porém, não julgamos o homem pelo todo, mas seus atos isolados, por suas ações cotidianas, ao passo que na obra literária cada ação do herói se manifestará no seu todo, ou seja, haverá uma “reação global ao todo do herói”, conforme o chama Mikhail Bakhtin, em *Estética da criação verbal*.

Cada ato isolado desse herói, então, irá corroborar para que se tenha uma

visão de seu todo, apesar de que

(...) não é a partir de uma relação de valores, de imediato unificada, que o herói se organizará em um todo: o herói revelará muitos disfarces, máscaras aleatórias, gestos falsos, atos inesperados que dependem das reações emotivo-volitivas do autor (...) (BAKHTIN, 1997, p. 26)

Isso significa que é somente com o decorrer da narrativa que esse herói irá se configurar, por meio de suas ações, de suas falas, de seus pensamentos, e cabe ao autor mostrá-lo por partes, até estabilizá-lo. Caso contrário, o herói corre o risco de não parecer autêntico, e assim pode não convencer o leitor.

Bakhtin fala, ainda, que a consciência do autor engloba a consciência do herói, ou seja, aquele sabe tudo sobre do herói, mas além disso, sabe tudo o que o cerca, o que está por fora e nem mesmo o herói tem conhecimento. O autor segue orientando seu herói, de maneira ético-cognitiva no mundo da existência deste, que é limitado pelo autor, além de que “o discurso do herói sobre si mesmo é impregnado do discurso do autor sobre o herói” (Ibidem, p. 33).

A relação do autor com o herói (...) fica mais complexa e varia de acordo com os fatores de ordem ético-cognitiva que determinam o todo do herói e que, como vimos, são indissociáveis da forma artística em que um herói se encarnará. (Ibidem, p. 41).

Por isso, a personagem principal de meu livro, que é o herói, passa por várias fases de descoberta. Ele não nasceu pronto na primeira página, e sim foi evoluindo com a narrativa, descobrindo, além de seus poderes sobre-humanos, também acerca de sua alma, de sua inteligência e capacidade. Ele também precisa do auxílio das personagens secundárias para executar as ações, para entender ao mundo ao seu redor. Conforme as páginas vão se passando, porém, ele vai se tornando um ser cada vez mais autêntico e independente, como se, finalmente, todas as suas ações estivessem indo ao encontro de meus objetivos enquanto autora.

Mesmo assim, na história, nem todos os mistérios são solucionados. Essa é uma forma de alusão à própria vida, em que nem sempre todas as nossas perguntas são respondidas, em que nem todos os fenômenos são explicáveis. Caso contrário, a imaginação do leitor seria podada, ele não seria impelido a divagar pelos bosques da ficção de Eco, a tirar suas próprias conclusões sobre alguns fatos ocorridos, a lan-

çar suas próprias teorias, a partir de seu repertório de conhecimento.

De outra forma, o próprio herói não seria um ser inacabado, mas um ser completo, que pararia de evoluir em certo ponto da narrativa. Com seus limites totalmente delimitados por mim, logo de cara, ele, então, perderia seu significado dentro dela, uma vez que nada mais o impeliria a seguir adiante – muito menos ao leitor, que também não se sentiria impelido a continuar a leitura.

CONSUMO E CONSUMISMO, CULTURA DE MASSAS

Há que se diferenciar o que é consumo e o que é consumismo. Consumo é tudo aquilo que é adquirido por real necessidade, para atender as necessidades básicas ou de uma sociedade. Por exemplo, a necessidade de consumir água, alimentos e roupas, estas seguindo as regras de que as pessoas precisam se vestir para sair às ruas. De acordo com a sociedade, as necessidades também mudam².

O consumismo é o ato ou hábito de se consumir produtos supérfluos, muitas vezes de maneira compulsiva, para se alcançar a “paz interior”, sentir-se bem consigo mesmo, adquirir status, para dar uma sensação de poder. É, por exemplo, comprar um carro importado por status, sendo que um carro popular serviria para o mesmo propósito, que é o de deslocamento de um lugar a outro³.

Para Canclini (1999), o consumo é uma necessidade humana de se inserir no mundo, de ser auto reconhecido, bem como ser reconhecido pelos outros como diferente, único.

A cultura de massas está intrinsecamente atrelada à lógica do consumo. Aquela surge juntamente com a imprensa, com o rádio, com a televisão, chamadas de *mass-media*, ou meios de comunicação em massa. Ela é produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial e é destinada a uma massa social, a uma quantidade gigantesca de indivíduos, de maneira difusa.

2 Disponível em: <<http://www.artigonal.com/psicologiaauto-ajuda-artigos/consumo-e-consumismo-diferencas-necessidades-e-re-flexoes-1452730.html>>. Acesso em: 20 out. 2011.

3 Disponível em: <<http://dinheirama.com/blog/2010/01/13/consumo-e-consumismo-como-diferenciar/>>. Acesso em: 20 out. 2011

Segundo Edgar Morin,

(...) cultura de massas é uma cultura: ela constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas. Ela se acrescenta à cultura nacional, à cultura humanista, à cultura religiosa, e entra em concorrência com essas culturas" (MORIN, 1969, p. 17).

Assim, ela possui uma tendência homogeneizante, que enfraquece diferenciações culturais nacionais ao mesmo tempo em que prioriza a cultura das grandes potências. Ela depende da indústria e do comércio, mas não cria os tabus da sociedade, e sim se sujeita a eles, o que prova que a cultura de massa depende intrinsecamente da dialética entre a produção e o consumo. Ou seja: não há produtos culturais sem consumidores que os usufruam, assim como os consumidores dependem da indústria para se firmarem como tal.

Ainda sobre o consumo, Morin afirma que, hoje em dia, também ele é uma forma de lazer. É por meio deste que o homem tenta se firmar como um indivíduo privado, que procura se afastar dos problemas do trabalho, que busca o bem-estar da vida privada. Nas *mass-media*, nos comerciais, sempre se vê a busca pelo status, pela satisfação pessoal. Ao mesmo tempo em que esses mesmos comerciais mostram uma família feliz reunida em volta da mesa de jantar, na vida "real" vê-se famílias fazendo as refeições em frente à televisão, enfraquecendo assim as comunicações familiares (Ibidem, p. 73).

A publicidade se firma na cultura de massa, e vice-versa. Para Morin:

A cultura de massa, em certo sentido, é um aspecto publicitário do desenvolvimento consumidor do mundo ocidental. No outro sentido, a publicidade é um aspecto da cultura de massa, um de seus prolongamentos práticos. (Ibidem, p. 109)

A publicidade, assim, constroi uma imagem de vida desejável, hedonista e idealista, anunciando os produtos industriais de consumo. A vida na cultura de massa é diferente da vida cotidiana, estamos submetidos à lei, nossos instintos e desejos são reprimidos, enquanto na publicidade e nos meios de comunicação há a questão do *happy end*, de que tudo irá dar certo no final.

Há, ainda, críticas severas, principalmente por parte dos "cultos", que dizem que o produto da cultura de massa não pode emergir para a autonomia estética,

por conta de seu caráter industrial de um lado e de consumação diária, de outro, e não pode, portanto, ser enquadrado como Arte.

O produto cultural de massa, apesar dessa tendência da produção acima da invenção, se choca com uma tendência contrária, que sempre pede por um produto individualizado, e sempre novo. Ou seja, pode haver certas “fórmulas” nos comerciais de TV, nos programas e nos filmes, porém eles devem manter algum caráter de unicidade, de originalidade.

Segundo Morin, este pode ser um aspecto positivo da cultura de massa.

A padronização em si mesma não ocasiona, necessariamente, a desindividualização; ela pode ser o equivalente industrial das “regras” clássicas da arte, como as três unidades que impunham as formas e os temas. Os constrangimentos objetivos ou sufocam ou, ao contrário, aumentam a obra de arte. (Ibidem, p. 34)

Assim, nesse sentido, mesmo este projeto poderia ser considerado um produto de massa, por usar algumas fórmulas já consagradas dessa cultura, como o herói e o vilão. Se fosse publicado em larga escala por uma editora, então, se tornaria consolidadamente um produto industrial. Conforme visto anteriormente, porém, a imaginação parte do que já é conhecido, para então divagar por outros mundos, por outros universos (ver “Ficção e imaginário”). E, conforme Morin nos diz, há certa autonomia criativa nos produtos de massa.

Isso significa, portanto, que o consumo dos produtos culturais de massa, bem como o consumo em geral, não são necessariamente os grandes vilões da autonomia e do intelecto, ou da sociedade em geral. Ao contrário, eles podem, por exemplo, ajudar a tornar seu público mais crítico, mais participativo, ao trazer reflexões sobre algum assunto relevante para a sociedade (o filme *Tropa de Elite*, por exemplo, grande sucesso de bilheteria nacional, tocou no assunto do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, este reconhecidamente um problema de nossa sociedade).

Há de se repensar, portanto, o que está sendo veiculado nesses meios, e quais seus aspectos positivos e negativos para a sociedade. Mais especificamente nesse projeto, por meio do consumo (de um livro) re-fete-se sobre o consumo (de eletrônicos). Seria o consumo, então, algo necessariamente ruim?

O LADO RUIM: A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA

E quem sofre com esse fenômeno

Produzido pelo canal 2 da televisão espanhola e RTVE e dirigido por Cosima Dannoritzer, o documentário *Comprar, tirar, comprar* (“Comprar, jogar fora, comprar”) explora a questão da obsolescência programada, que é a tendência das empresas de criarem produtos que se tornam obsoletos cada vez mais cedo, para estimular a venda e consumo de novos produtos, mais modernos e atualizados.

Um dos primeiros exemplos dessa prática advém da década de 1920 e 1930, quando inventores tornavam a vida útil das lâmpadas mais curta, para que assim os consumidores tivessem de comprar lâmpadas novas com maior frequência.

Com a Grande Depressão de 1929, a economia nos Estados Unidos se viu desolada. As pessoas reutilizavam os produtos ao máximo, a fim de economizar. Foi então que Bernard London, em seu folheto *Ending the Depression Through Planned Obsolescence*, teve a ideia de implementar a *obsolescência obrigatória, para que as pessoas continuassem comprando* a as fábricas produzindo. Seu plano não se concretizou, mas Brooks Stevens, um designer, ajudou a propagar a obsolescência programada anos mais tarde, na década de 1950.

A partir de então, ela passou a ser uma tendência cada vez mais crescente na indústria e no design. Os bens duráveis, tal qual os conhecemos, na verdade são pensados para durar determinado tempo, não somente na questão de quebrar ou se desgastar, mas também na questão de *upgrade*, de logo haver uma versão mais moderna, com mais funções, “melhor”.

No documentário *The story of electronics* (“A história dos eletrônicos”), como parte do *The Story of Stuff Project*, produzido pelo Free Range Studios e também em parceria com a *Electronic Takeback coalition*, é introduzido o conceito de *designed for the dump* (“projetado para o lixo”), que diz que os eletrônicos são mesmo produzidos, hoje, para se tornarem obsoletos em pouco tempo, “fora de moda”, para se quebrarem com facilidade, e para serem difíceis de reparar (por exemplo, muitas vezes é mais barato comprar um novo aparelho eletrônico similar, pois a diferença de preço entre se adquirir um produto novo e se reparar o quebrado é pequena – ou mesmo consertar o aparelho antigo por vezes se torna mais caro do que se comprar um novo).

Segundo o documentário, ainda, durante o processo de fabricação dos eletrônicos, eles são impregnados de substâncias tóxicas, como PVC, mercúrio e sol-

ventes, que comprometem a saúde dos trabalhadores das fábricas. Como exemplo, ele cita pesquisa da IBM, que constatou que trabalhadores que produzem chips de computador possuem 40% a mais de chance de desenvolverem câncer. Não somente nas fábricas, mas esses tóxicos continuam a se propagar mesmo enquanto consumimos esses eletrônicos, prejudicando nossa saúde.

Todos os anos, de acordo com ele, são produzidas 25 milhões de toneladas de lixo eletrônico (também chamado de e-lixo) em todo o mundo. No Brasil, são cerca de 95 mil toneladas anuais⁴. Parte desse lixo vai parar como parte de programas de “reciclagem” em países do terceiro mundo, como a China, mas lá as condições para os trabalhadores desses programas são precárias, no sentido em que trabalham desprotegidos, além de o resto do lixo não aproveitado ser queimado, liberando gases tóxicos para a atmosfera e assim colaborando para a poluição no planeta.

Também o documentário *Comprar, tirar, comprar* alerta que uma grande parte desses produtos eletrônicos está sendo enviada a Gana, na África, como “produtos de segunda mão”, apesar de haver um tratado internacional que proíbe o envio de resíduos a esses países. A realidade, porém, mostra que mais de 80% dos resíduos eletrônicos que chegam a Gana não podem ser reaproveitados e são abandonados em lixões. Isso significa que a população deste país precisa conviver com grandes entulhos de lixo, que também poluem o planeta, liberando líquidos tóxicos e contaminando o solo e os lençóis freáticos.

Estamos, portanto, caminhando cada vez mais em direção ao desequilíbrio total na cadeia de produção: o volume do que consumimos é muito maior do que conseguimos reciclar ou reutilizar. Boa parte dos eletrônicos vai parar no lixo doméstico, principalmente o que não pode ser doado ou reaproveitado. Além disso, a reciclagem por vezes não é a solução para tudo:

Há produtos fáceis de reciclar, outros mais difíceis. Outro fator importante é a saída de mercado: há matérias-primas que tem alto valor (metais preciosos) e outras de difícil saída (pvc impregnado com chumbo, por exemplo). Outro exemplo é um computador: os plásticos e os metais ferrosos são fáceis de separar e reciclar, enquanto as placas de circuito apresentam um processo bem mais complicado de desmontagem, triagem e reciclagem⁵.

4 Disponível em: <<http://www.eusoufamecos.uni5.net/editorialj/a-cultura-do-descartavel>> Acesso em: 29 out. 2011.

5 ENTREVISTA DE DOMINGO: Felipe Andueza, do lixoeletronico.org. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/entrevista-de-domingo-lixo-eletronico/>>. Acesso em: 29 out. 2011

INFÂNCIA E CONSUMO

Sabemos que o período da infância é uma invenção cultural, e não uma condição biológica. Na Idade Média, por exemplo, numa cultura quase completamente oral, crianças e adultos eram tratados da mesma maneira. O acesso ao conhecimento era muito restrito, ficando confinado nos mosteiros⁶.

Foi com a invenção da imprensa, no século XV, e conseqüentemente com a crescente expansão da impressão de livros, que escolas puderam ressurgir, e assim surgiu também uma maior atenção e cuidado com as crianças. Somente a partir de 1850, porém, é que crianças e adultos foram totalmente dissociados: aquelas possuíam uma psicologia e linguagem próprias, e deveriam ser poupadas de assuntos “sérios”, estes mais adequados ao universo adulto.

Hoje, a infância no Brasil é considerada o período até doze anos incompletos, de acordo com o art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente. Há, porém, cada vez mais um esvaziamento do conceito de infância. Com o advento da televisão e das novas mídias, crianças e adultos estão sendo impactados pelos mesmos meios, e recebendo as mesmas informações. Conforme diz Morin, “a cultura de massa, em seu setor infantil, leva precocemente a criança ao alcance do setor adulto, enquanto em seu setor adulto ela se coloca ao alcance da criança.” (MORIN, 1969, p. 40). Assim, “uma homogeneização da produção se prolonga em homogeneização do consumo que tende a atenuar as barreiras entre as idades” (Ibidem, p.41).

Pais e educadores competem com os meios de comunicação, no sentido de que aquelas passaram a ser também educadores indiretos de seus filhos e alunos. A televisão e a Internet, principalmente, são as mais impactantes ferramentas de informação em nossa sociedade, e ensinam valores, além de estimular o consumo.

Uma pesquisa da Nielsen, publicada no site da revista Superinteressante⁷, constatou que o número total de usuários da Internet cresceu 10% entre 2004 e 2009, enquanto o de crianças subiu 19%. Além disso, o número de horas que as crianças passam conectadas passou de 63% no período, de 7 horas por mês em 2004 para mais de 11 horas em 2009.

6 Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/fim-infancia-1850-2009-621663.shtml>>. Acesso em 30 out. 2011

7 Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/lugar-crianca-internet-494435.shtml>>. Acesso em 30 out. 2011.

Isso significa que, mais do que nunca, devemos nos atentar ao conteúdo acessado por essas crianças, e mais especificamente neste projeto, aos conteúdos que estão relacionados ao consumo.

Crianças, hoje, são também vistas como consumidoras, e são alvo fácil da publicidade. Há uma infinidade de produtos no mercado destinados a elas, muitos dos quais são, por exemplo, alimentos de baixo valor nutricional, que oferecem riscos à saúde das crianças, e podem causar doenças como a obesidade. Com relação à tecnologia, muitas vezes os produtos anunciados não são propriamente desenvolvidos para elas, mas estas acabam se apropriando dos produtos, e se “adultizando”. É o caso dos laptops, dos aparelhos celulares, *tablets*, e todos esses aparatos tecnológicos. Antenadas, as crianças de diferentes classes sociais se tornam até mesmo mentoras dos adultos, muitas vezes “ignorantes” no uso de tais tecnologias. Inclusive, as crianças brasileiras influenciam 80% das decisões de compra de uma família (TNS/InterScience, outubro de 2003).

Essa é uma geração que já nasceu na era midiática. A comunicação, e especialmente, a publicidade, têm uma responsabilidade ainda maior em relação aos conteúdos veiculados em seus meios. Hoje, fala-se muito em propaganda abusiva, que é aquela que não respeita a condição da criança de ser em desenvolvimento crítico, e por isso fere os direitos da infância, definidos por estatuto.

Segundo Susan Linn, em *Crianças do consumo: A infância roubada*:

O que era antes campo de ação de poucas empresas de brinquedos e entretenimento passou a ser um empreendimento enorme de múltiplos tentáculos com um orçamento de marketing combinado estimado em mais de US\$ 15 bilhões anuais. (LINN, 2006, p. 21)

Isso, é claro, se reflete não somente nos Estados Unidos, país de origem da autora. Em países emergentes, como o Brasil, o mercado infantil movimentava 130 bilhões de reais por ano.

Esses dados são alarmantes. Isso significa que o marketing e a publicidade estão investindo cada vez mais pesado em estratégias para se vender a crianças. Se um filme infantil é lançado nos cinemas, por exemplo, logo se veem nas lojas os mais diversos produtos relacionados às suas personagens, de roupas de cama a bonecos, canecas, pirulitos, balas, jogos eletrônicos para videogame e computador.

Para Susan Linn, o marketing afeta mais do que nossas preferências. “Ele procura afetar os valores essenciais como as escolhas de vida: como definimos a felicidade e como medimos nosso valor próprio” (Ibidem, p. 29). É por isso que esse

assunto se torna tão importante: o marketing se apropria da inocência da criança, de sua formação crítica ainda em desenvolvimento, e a conquista pelas emoções e pela possibilidade de status. Ter, para a criança, acaba se tornando o ser: ser popular na escola, ser querido pelos amigos, ser especial, e portanto, ser inscrito na sociedade.

Há quem diga que, hoje, as crianças são consumidores mais espertos, precoces e sofisticados que as gerações anteriores. Ela diz, porém, que a indústria confunde “uma aparência sofisticada com maturidade” (Ibidem, p. 50). As crianças reconhecerem marcas não significa que elas sejam mais espertas, ou que elas adquiriram uma capacidade de julgamento mais precocemente, e sim que hoje elas estão mais suscetíveis à publicidade. Apesar de nos surpreender, como no vídeo caseiro em que um menino com menos de dois anos reconhece todas as marcas que seu pai apresenta a ele⁸, não devemos confundir vulnerabilidade com genialidade. Segundo Linn, ainda não encontramos provas de que o amadurecimento emocional acompanhe o comportamento das crianças.

Ela também diz que tanta tecnologia acaba podendo a criatividade das crianças. Com tantos brinquedos tecnológicos, que executam mil funções, que falam, se movimentam, golpeiam, a imaginação da criança acaba sendo guiada para brincar de determinada maneira. Além disso, os próprios bonecos de personagens conhecidos dos desenhos animados, por exemplo, também acabam sendo representados apenas conforme descrito na caixa. Jogos de videogames são criados para se cumprir fases – e tudo nelas já está previamente programado. O esforço para criar enquanto brinca, portanto, é menor. Para ela, ainda, essa questão dos brinquedos que executam determinadas funções e logo as crianças se cansam deles, se tornando ultrapassados, além de se quebrarem facilmente, fazem parte do fenômeno da obsolescência programada (Ibidem, p. 96).

QUAIS SÃO AS SOLUÇÕES PARA TUDO ISSO?

Do consumo de eletrônicos à publicidade infantil

Neste projeto, tocou-se em assuntos complexos, que não dependem apenas das empresas, mas da sociedade inteira. Iremos, então, por partes.

Segundo o documentário *Comprar, tirar, comprar*, as indústrias deveriam ser como uma folha seca: esta não é um resíduo para a natureza, ela se transforma

⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=J_mYC2IkfMA>. Acesso em 27 out. 2011

em nutrientes para outros organismos. Isso significa, então, que as indústrias deveriam funcionar de maneira sustentável, devolvendo à natureza tudo que retira dela. No Brasil, por exemplo, a T Gestiona, operadora logística do Grupo Telefônica, em 2010, efetuou a entrega de 10 milhões de aparelhos celulares. Ela reconhece que, dessa maneira, há uma responsabilidade maior em assumir uma posição sustentável, e que assumi-la pode trazer redução nos gastos e retorno financeiro, além de haver reconhecimento do público. “Com a coleta, tratamento, transporte e destinação correta dos resíduos gerados pela empresa chega-se a um coeficiente ideal entre lucro e sustentabilidade”⁹.

Isso é possível em nosso país graças à Lei de Crimes Ambientais, que prevê os fabricantes de produtos potencialmente poluidores são eternamente responsáveis por aqueles materiais. Com a Política Nacional de Resíduos Sólidos, aprovada em 2010, os aparelhos eletroeletrônicos e lâmpadas fluorescentes deverão ser coletados obrigatoriamente, processo conhecido como logística reversa¹⁰. Especificamente na América do Sul, o Brasil é um dos países que apresenta melhores condições de integrar um parque industrial de reciclagem de eletrônicos, segundo estudo da ONU, apesar de ser o maior produtor per capita de resíduos eletrônicos entre os países emergentes¹¹.

Segundo o documentário anteriormente citado, é necessário haver também um decréscimo tanto na produção quanto no consumo. A tecnologia já se provou útil em nossas vidas, mas não é necessário que produzamos tanto, nem que descartemos os produtos que ainda podem nos servir. Isso não significa “desenvolver”, e sim pensar nas consequências de um consumo desenfreado. Como consumidores, também podemos devolver aquele aparelho eletrônico que realmente não nos serve mais aos fabricantes. Eles são obrigados a aceitá-lo novamente, e assim devem tomar as devidas providências para que seus eletrônicos usados sejam encaminhados para empresas de reciclagem. Algumas dessas empresas aceitam doações diretamente dos consumidores.

9 COMO tratar o lixo eletrônico no país que mais consome celulares no mundo? Disponível em: <http://www.maxpressnet.com.br/Conteudo/1,393099,Como_tratar_o_lixo_eletronico_no_pais_que_mais_consoma_celulares_no_mundo_393099,2.htm>. Acesso em: 29 out. 2011.

10 POLÍTICA Nacional dos Resíduos Sólidos é aprovada com obrigatoria logística reversa de eletrônicos. Disponível em: <<http://lixoeletronico.org/blog/politica-nacional-dos-residuos-solidos-e-aprovada-com-obrigatoria-logistica-reversa-de-eletroni>>. Acesso em: 29 out. 2011.

11 ONU: Brasil tem maior produção per capita de lixo eletrônico e baixa prioridade da indústria e governos. Disponível em: <<http://www.lixoeletronico.org/blog/onu-brasil-tem-maior-producao-capita-de-lixo-eletronico-e-baixa-prioridade-da-industria-e-gover>>. Acesso em: 29 out 2011

Com relação ao consumo e à publicidade infantil, não há, no Brasil, lei que abranja esses assuntos. Há, porém, o CONAR, Conselho de Autorregulamentação Publicitária, organização não governamental composta por veículos de comunicação, anunciantes e agências publicitárias. Sua missão é “impedir que a publicidade enganosa ou abusiva cause constrangimento ao consumidor ou a empresas”¹². Ele julga denúncias de propagandas que foram ou estão sendo veiculadas, que firam os direitos dos cidadãos e que incutam valores imorais à sociedade, inclusive com relação à infância.

Outra organização não governamental de grande atuação no país é o Instituto Alana, que possui um projeto voltado especificamente à publicidade infantil chamado *Criança e Consumo*:

Desde 2005, o Projeto Criança e Consumo desenvolve atividades que despertam a consciência crítica da sociedade brasileira a respeito das práticas de consumo de produtos e serviços por crianças e adolescentes. Debater e apontar meios que minimizam os impactos negativos causados pelos investimentos maciços na mercantilização da infância e da juventude, tais como o consumismo, a erotização precoce, a incidência alarmante de obesidade infantil, a violência na juventude, o materialismo excessivo, o desgaste das relações sociais, dentre outros, faz parte do conjunto de ações pioneiras do Projeto que busca, como uma de suas metas, a proibição legal e expressa de toda e qualquer comunicação mercadológica dirigida à criança no Brasil.¹³

Também Susan Linn é radical ao propor a extinção do marketing direcionado às crianças. (LINN, 2006, p. 244) Não se trata, porém, de “demonizar” o marketing e a publicidade. Eles não são os únicos responsáveis por incutir o desejo de consumo nas crianças. Conforme vimos, a criança pode ser influenciada por diversos fatores, pois ela é como uma “esponja” que absorve muitas das coisas que vê. Mesmo livros, vistos na maioria das vezes como benéficos, podem trazer valores que não condizem à educação a qual ela está sendo submetida. O convívio com os colegas, a exposição de produtos em shoppings e supermercados, a observação de pessoas mais velhas, tudo influencia a criança.

Corporações, agências de publicidade e marketing, meios de comunicação, pais e educadores, todos têm sua parcela de culpa e responsabilidade sobre o que as crianças andam consumindo. Poder-se-ia, portanto, começar pelas empresas fa-

12 Disponível em <<http://www.conar.org.br/>>. Acesso em: 29 out. 2011.

13 ORIGEM e missão. Disponível em: <<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Projeto.aspx>>. Acesso em: 29 out 2011.

bricantes, que deveriam pensar em produtos mais saudáveis às crianças. Talvez produzindo brinquedos eletrônicos realmente educativos, além de alimentos mais saudáveis, por exemplo. As agências poderiam anunciar esses produtos de maneira a não mostrar os adultos como “vilões” ou seres “atrapalhados”, por exemplo, mas pessoas com experiência que têm muito a ensinar a elas. Além disso, poder-se-ia passar valores humanitários por meio da propaganda, priorizando a coletividade, o companheirismo, e não a popularidade, o status. As agências de marketing poderiam criar estratégias de venda mais francas, que respeitem a fragilidade e a inocência da infância. Os meios de comunicação poderiam restringir os horários das propagandas destinadas ao público infantil, como já acontece em alguns países como os Estados Unidos. E, finalmente, pais e educadores deveriam ser francos com as crianças, ensinando valores e alertando-as sobre os perigos do consumo desenfreado e do acúmulo de lixo, justificando seus “nãos” com argumentos plausíveis e consistentes. Além disso, esses pais e educadores devem servir de exemplo às crianças, mostrando-as por meio de atitudes que também estão fazendo sua parte para amenizar o consumo.

No documentário *Criança: A alma do negócio*, dirigido por Estela Renner, há ainda a sugestão de que o Estado deveria intervir no mercado, num diálogo aberto, criando uma co-regulamentação. Assim, talvez o mercado e a propaganda ficassem mais restritos, mas pelo menos as consequências negativas do consumo desenfreado seriam amenizadas.

O PROCESSO CRIATIVO:

A escrita, as cores, as formas, a tipografia

O primeiro passo na criação de um livro é quase sempre o mais difícil. Por isso, iniciei o projeto como qualquer outro produto de criação: pelo *brainstorm*. Aqui, levou-se muito em conta o que eu pretendia contar, e quais eram meus objetivos. Palavras encontradas nos noticiários, situações do dia-a-dia, filmes, livros: tudo serviu de inspiração para, então, ir dando forma às minhas ideias.

As ideias não escolhem hora para surgir, por isso, sempre que possível, passei a carregar um caderninho e uma caneta na bolsa. Já tive algumas ideias para o enredo em mesas de bar, durante aulas e no trânsito, mas as principais delas surgiram antes de dormir.

Assim, fui tendo ideias e mais ideias para o *storyline*: escrevi alguns deles, escolhi o que mais me agradava e então o reescrevi mais algumas vezes, para que ele pudesse me guiar da maneira mais clara e objetiva possível. O final da história estava incluso nesse *storyline*, portanto ficou mais fácil bolar maneiras de se chegar até ele.

Definido o *storyline*, já parti para a caracterização das principais personagens: seus nomes, suas características físicas, suas aptidões, seus medos e anseios, bem como sua importância na história. Defini-las também facilitou o processo de criação, uma vez que pude ter uma melhor visualização do papel que elas provavelmente desempenhariam em cada situação.

A seguir, já parti para o desenvolvimento do livro: criá-lo me tomou algum tempo, pois eu sempre o relia a fim de corrigir os erros de português, bem como os de continuidade. Ao mesmo tempo, também comecei a pensar na parte ilustrada do livro.

Segundo Palo e Oliveira em *Literatura infantil*, a ilustração na literatura para crianças tem um caráter pedagógico, no sentido em que

(...) se utiliza da imagem como uma estratégia para materializar, determinar e preencher aquilo que poderia se transformar, pela imaginação do leitor-criança, num campo vago e impreciso de possíveis construções imagéticas. (PALO; OLIVEIRA, 2006, p. 15)

Ou seja, a ilustração pode mostrar como são as personagens centrais, suas

características físicas e psicológicas, ou pode concretizar cenas da história que se deseja gravar na memória do leitor.

Ela é, então, um auxílio dentro do livro, que inclusive pode dar veracidade à narração, em que é dado à imagem um caráter de índice, de existente real e individualizado (Ibidem, p. 16). A ilustração, portanto, além de fazer parte da estética do livro como um todo, também é utilizada com o propósito de dar suporte à história.

Iniciei, então, a pesquisa visual para o livro. Realizei um estudo de formas de personagens (e ilustração em geral), cujo material pode ser encontrado no CD anexado ao projeto. Nessa primeira etapa, levou-se em conta os traços dessas ilustrações, seus cenários, formatos, cores, técnicas de pintura e finalização. Optei, por fim, por misturar fotografias com ilustração em vetor, para compor imagens contrastantes e com um maior caráter de realidade, este advindo da fotografia. Desta maneira, as fotografias também tiram um pouco a infantilidade das formas dos desenhos, tornando as imagens menos infantis enquanto composições, enquanto vistas como um todo.

Comecei por fazer alguns rascunhos à lápis, que escaneei e então vetorizei no programa Adobe Illustrator, aprimorando-os no Photoshop. Pesquisei alguns tutoriais na internet que ensinavam alguns truques para se alcançar certos efeitos visuais. Um desses efeitos foi utilizado na “Cachoeira de faíscas”, realizada a partir de um desses tutoriais. Outras ilustrações foram feitas diretamente no Illustrator, utilizando algumas imagens apenas como modelos, por conta de minha familiaridade com o processo de criação de imagens vetorizadas.

Há, porém, uma discrepância entre o número de páginas da história e o número de ilustrações: há muito mais páginas de narrativa do que de desenhos, por conta da falta de tempo para trabalhá-los melhor. Além disso, fez-se necessário optar por cenas específicas a fim de dar suporte a essas cenas, mas sem ser redundante. Por esse motivo, talvez não coubesse aqui um livro totalmente ilustrado, pois poder-se-ia torná-lo redundante, com informações em excesso, e por consequência ele poderia se tornar demasiado infantil.

As cores da paleta, por sua vez, foram escolhidas a partir da pesquisa visual, em que pude perceber o uso mais recorrente dessas cinco cores no que concerne às ilustrações com o tema de ficção científica, bem como às animações com o mesmo tema. O laranja-avermelhado e os verdes, por exemplo, fazem parte da teoria das cores complementares, e dentro do círculo cromático se localizam diametralmente opostos. Quando colocadas lado a lado, essas cores vibram, criando um contraste

interessante¹⁴. Por vezes, saiu-se um pouco da paleta, alcançado-se tons mais ou menos saturados, a fim de se alcançar certos efeitos (por exemplo, na pele das personagens, o laranja foi dessaturado para dar o tom da pele).

Por fim, a tipografia. Para a capa e na introdução dos capítulos, optou-se por utilizar fontes diferentes, com características de *lettering*. A intenção era criar uma composição com fontes não necessariamente relacionadas ao tema de ficção científica e também de estilos diferentes, de maneira a criar uma imagem final mais dinâmica e interessante, além de menos previsível. As fontes utilizadas na capa foram a Bebas Neue (“O garoto”), a Lobster 1.0 (“da visão”) e Ar Delaney (“LCD”).

A Bebas Neue é uma fonte sem serifa, estreita (ou seja, sua largura de composição é menor), em caixa alta (e não possui versão em caixa baixa). Ela possui, ainda, características de fontes geométricas, segundo classificação de Lupton (2009), ou seja, são tipos construídos a partir de formas geométricas (no caso, a Bebas Neue possui uma forma retangular, alongada e verticalizada). Ela foi escolhida por contrastar com o formato dos outros tipos escolhidos. Além disso, ela também lembra as formas duras, alongadas e geométricas encontradas no livro, tais como elevadores, prédios, átrios, e por isso há certa relação com o futuro.

A Lobster 1.0, por sua vez, é bastante discrepante dos outros tipos escolhidos. Ela é inspirada em fontes manuscritas, como se estivesse sido escrita por meio de uma pena caligráfica de ponta quadrada. Apesar de nos remeter ao passado, a algo manual e por isso “ultrapassado”, este foi o principal motivo para se escolher esse tipo: em contraste com fontes mais modernas, ele cria o contraste dinâmico que se almejava, além de, enquanto composição, remeter ao passado de Henri durante a história.

A Ar Delaney é uma fonte que, apesar de nos remeter ao pop dos anos 1980, possui acima de tudo uma forma arredondada, nos lembrando os olhos de tela citados no livro, além de trazer de volta um caráter mais infantil à capa, em oposição ao caráter duramente geométrico da Bebas Neue e o caráter manuscrito da Lobster 1.0, apesar de que esta última também é um pouco infantilizada. Nesse caso, o caráter infantil do *lettering* não é negativo, e, juntamente com a ilustração na contracapa, auxilia o leitor na hora de classificar o livro como pertencente a esse gênero da literatura.

Para o miolo do livro, foi utilizada a Neue Serif, da Grandesign, por ser uma fonte serifada e por isso adequada à leitura de textos longos, por ser mais legível e

14 Disponível em <<http://www.amopintar.com/cores-complementares>> Acesso em: 13 nov. 2011.

“cansar” menos a vista do leitor. Ela também possui ligaturas, recurso visual muito utilizado na tipografia (Ibidem, 2009). Para dar mais unidade ao trabalho, essa fonte também foi utilizada para a memória da pesquisa.

Assim, também se utilizou conceitos do design para a criação do livro, pois a parte estética também é importante para se alcançar os objetivos do trabalho, no sentido em que ela cria uma relação mais agradável entre a obra e o leitor. O espaçamento entre letras, as cores, as fontes utilizadas, tudo colabora para que o texto seja mais bem recebido pelos seus leitores.

PALETA DE CORES



TIPOGRAFIA

BEBAS NEUE

1234567890 ,:;! ? []

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ

lobster 1.0

1234567890 ,:;! ? ()

abcdefghijklmnopqrstu vwxyz

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ

AR DELANEY

1234567890 ,:;! ? ()

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ

Grandesign Neue Serif

1234567890 ,:;! ? ()

abcdefghijklmnopqrstu vwxyz

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ

CONCLUSÕES

O que aprendi com o projeto

Escrever não é uma tarefa fácil. Seria assim se apenas nos sentássemos em frente ao computador e as palavras e frases saíssem prontas, como se nossos dedos digitando estivessem em perfeita sintonia com o que pensamos e o que queremos.

Durante este projeto, porém, percebi que as coisas não são assim tão simples. Por se tratar de um público infantil, as responsabilidades aumentam de tamanho: devemos escrever de maneira sincera, porém ética, sem ferir os direitos de liberdade de pensamento e expressão das crianças. Conforme frisado durante a memória, elas são seres ainda em desenvolvimento psicológico, e por isso era importante que eu, enquanto escritora, buscasse a melhor maneira possível de se tocar em determinados assuntos.

Escrever é, por isso, muito mais que uma “inspiração divina” ou um talento nato. Um livro não nasce pronto: é preciso dedicação e atenção total do autor, que deve sempre revisar o que escreveu e refletir se está caminhando de maneira a alcançar seus objetivos.

Este livro foi, portanto, um exercício de paciência e superação: houve várias vezes em que pensei em desistir, em que considerei jogar tudo para o alto e começar uma monografia do nada, pois acreditava que assim seria mais fácil. O mais fácil, porém, não é sempre o melhor: é por meio da superação pessoal que crescemos, que passamos a acreditar mais em nossas ideias e conseqüentemente em nós mesmos. Percebi que eu precisava concluir minha graduação com um projeto que me desse prazer e que futuramente pudesse servir para outras pessoas: o resultado, portanto, compensaria todo o tempo que passei me dedicando ao livro, sem dormir direito, “arrancando os cabelos”, pensando que não iria dar tempo de terminá-lo.

Mais que um projeto de conclusão de curso, *O garoto da visão LCD* foi um aprendizado. Pude ter contato com autores de diferentes áreas do conhecimento, com diferentes visões e opiniões, com referências diversas do cinema, do design, da literatura. Foi muito importante ter buscado conhecimento em tantas fontes, pois assim pude me tornar mais receptiva a novas ideias, a novos conceitos e técnicas.

Pude perceber, ainda, que o trabalho de um escritor é muito semelhante ao de um artesão: é um trabalho por vezes manual, que exige dedicação e atenção aos

detalhes, às palavras, à estrutura. É por meio dos detalhes que vamos compondo a obra, e assim vamos atingindo uma forma final satisfatória.

Termino este trabalho, portanto, com a sensação de dever cumprido. Ele é resultado de muitos meses de dedicação, e mesmo que não tenha ficado perfeito, sinto que me empenhei em fazê-lo da melhor maneira possível, pois acredito que o projeto final é uma oportunidade de concluir o curso com “chave de ouro”. É tolo quem não aproveita esse momento final da faculdade para fazer algo que realmente irá servir para seu crescimento, bem como ao das outras pessoas. A última coisa em que pensei foi em “empurrá-lo com a barriga”, só para me formar logo, pois é por meio da dedicação e do cuidado com o projeto que vem o reconhecimento.

Quanto ao tema do meu projeto, percebi que ele é muito mais complexo e profundo do que eu poderia imaginar. Ele envolve, além de uma profunda relação entre indústria e mercado, também questões psicológicas de cada indivíduo inserido na sociedade. Trata-se de uma questão de raízes profundas, que afeta a economia, as pessoas e a natureza, e se essas questões não forem repensadas, caminharemos cada vez mais para uma produção desenfreada, para uma publicidade que não respeita o livre arbítrio do consumidor, que implanta pensamentos e não discute os problemas. Para nossa sorte, hoje há organizações sérias que agem em prol da diminuição do consumo e que cuidam dos direitos da criança enquanto consumidoras, por exemplo. O mundo, portanto, não está perdido.

Tenho plena consciência de que este produto não irá mudar o quadro do consumismo, por exemplo, mas ele é um instrumento a mais para se refletir sobre essa questão. É um pequeno passo em direção à conscientização das crianças, por meio do instrumento mais poderoso do ser humano: a palavra.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Os livros, os filmes, os sites consultados

Bibliografia utilizada:

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Disponível em: <http://www.fctch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Profa.%20MaCristina_Sampaio/LIVRO_BAKHTIN_Estetica_Criacao_Verbal.pdf>. Acesso em: 18 set. 2011.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.

CANDIDO, Antonio, et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1963. Série Debates.

CHIAPPINI, Lígia; LEITE, Moraes. **O foco narrativo**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2007. Série Princípios.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. Tradução Atílio Cancian. 2. ed. 2. Reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. 11. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOTLIB, Nádia Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo Ática, 2006. Série Princípios.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980. Coleção Novas buscas em educação.

LINN, Susan. **Crianças do consumo: a infância roubada**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Instituto Alana, 2006.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/t5aeFFCo/O_que_leitura_-_Maria_Helena_.html>. Acesso em: 11 out. 2011.

MESQUITA, Samira Nahid de. **O enredo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. Série Princípios.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX (O espírito do Tempo)**. Tradução Maura Ribeiro Sardinha. 2. ed. Rio de Janeiro – São Paulo: Forense, 1969.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D.. **Literatura infantil: voz de criança**. São Paulo: Ática, 1986. Série Princípios.

VASCONCELOS, Aline, et al. **Infância e consumo: estudos no campo da comunicação**. Disponível em: <http://www.alana.org.br/banco_arquivos/Arquivos/downloads/ebooks/infancia&consumo_estudos-no-campo-da-comunicacao.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011.

Bibliografia consultada:

BARTHES et al. **Análise estrutural da narrativa**. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/BM9IWHwt/Anlise_Estrutural_da_Narrativa.html>. Acesso em: 16 out. 2011

BRADBURY, Ray. **O homem ilustrado**. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/OTPh6nrE/Ray_Bradbury_-_O_Homem_Ilustra.html> Acesso em: 18 out. 2011

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. Tradução André Stolarki. 2. reimpressão. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/ZNcFCrfr/KOCH_Ingedore_G_Villaa_-_Desve.html>. Acesso em: 20. Set. 2011

LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos**. Tradução André Stolarki. 2. reimpressão. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/23118653/Vladimir-Propp-Morfologia-do-conto-maravilhoso-pdf>>. Acesso em: 03 set. 2011.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/g8-4_cmN/Dicionrio_de_Teoria_da_Narrati.html>. Acesso em: 20 set. 2011

SOUSA, Arlinda Alves de. **Horizontes entrecruzados: A recepção da arte literária nas séries iniciais do ensino fundamental**. Disponível em: <<http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/7242>>. Acesso em: 14 ago. 2011.

Sites consultados:

<http://www.sermelhor.com/artigo.php?artigo=80&secao=ecologia>

http://animationartconservation.com/?c=art&p=corpse_bride

<http://www.firb.br/abntmonograf.htm>

<http://reaganray.com/>

<http://work.mabu.dk/>

<http://www.eletronica.com/eletronica-basica-2/>

<http://www.rosariofbrio.ch/>

<http://www.maaku87.co.uk/>
<http://ciencia.hsw.uol.com.br/satelites3.htm>
<http://idgnow.uol.com.br/mercado/2011/01/05/brasil-supera-paises-desenvolvidos-na-compra-de-eletronicos-pessoais-em-2010/>
<http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=010110030904>
http://www.maxpressnet.com.br/Conteudo/1,393099,Como_tratar_o_lixo_eletronico_no_pais_que_mais_consome_celulares_no_mundo_393099,2.htm
<http://blogs.estadao.com.br/link/tag/lixo-eletronico/>
http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v09n03/v09n03_10.pdf
<http://www.coladaweb.com/quimica/fisico-quimica/elementos-radioativos>
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sinestesia>
http://www.youtube.com/watch?v=KBUGAUGqaY4&feature=player_embedded
<http://www.youtube.com/watch?v=LZaBRaV3jc>
<http://super.abril.com.br/cultura/fim-infancia-1850-2009-621663.shtml>
<http://super.abril.com.br/tecnologia/lugar-crianca-internet-494435.shtml>
http://www.youtube.com/watch?v=J_mYC2IkfMA
<http://dinheirama.com/blog/2010/01/13/consumo-e-consumismo-como-diferenciar/>
<http://www.artigonal.com/psicologiaauto-ajuda-artigos/consumo-e-consumismo-diferencas-necessidades-e-re-flexoes-1452730.html>
<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/ConsumismoInfantil.aspx>
<http://oplanetaquetemos.blogspot.com/2011/03/obsolescencia-programada-documentario.html>
<http://www.eusoufamecos.uni5.net/editorialj/a-cultura-do-descartavel/>
<http://www.eusoufamecos.uni5.net/editorialj/admiravel-homem-contemporaneo/>
<http://www.eusoufamecos.uni5.net/editorialj/especialistas-debatem-a-cultura-do-descartavel/>
<http://negacaologica.com/2011/04/a-conspiracao-contr-o-direito-do-consumidor/>
<http://minutonoticias.com.br/obsolescencia-planejada>
<http://consumerist.com/>
<http://blogs.estadao.com.br/link/entrevista-de-domingo-lixo-eletronico/>
http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/eca_L8069.pdf
<http://www.lixoeletronico.org/blog/onu-brasil-tem-maior-producao-capita-de-lixo-eletronico-e-baixa-prioridade-da-industria-e-gover>
<http://lixoeletronico.org/blog/politica-nacional-dos-residuos-solidos-e-aprovada-com-obrigatoria-logistica-reversa-de-eletroni>
<http://vimeo.com/andymartin/mindshare>
<http://thinkdesignblog.com/20-beautiful-free-serif-fonts.htm>
<http://www.incunabulo.com/2009/10/18/criar-uma-cap-a-e-calcul-a-uma-lombada/>

<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/co3-arto6.pdf>
<http://www.coladaweb.com/administracao/metodos-cientificos-de-pesquisa>
<http://umpoucosobrecor.wordpress.com/2007/09/05/contraste-de-cores-complementares/>

Filmes e documentários assistidos

2001: Uma odisséia no espaço. Direção e Produção: Stanley Kubrick, 1968, 141 min., son., color.

A FAMÍLIA do futuro. Direção: Stephen J. Anderson. Produção: Dorothy McKim. Walt Disney Pictures. Animação, 2007, 96 min., son, color.

A HISTÓRIA dos eletrônicos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MPWgqkIVgbw>>. Acesso em: 02 jun. 2011

ANIMATRIX. Direção: Andy e Larry Wachowski, Andy Jones, Mahiro Maeda, Shinichiro Watanabe, Yoshiaki Kawajuri, Takeshi Koike, Koji Morimoto, Peter Chung. Produção: Michael Arias, Hiroaki Takeuchi, Eiko Tanaka. Animação, 2003, 102 min, son. color.

ASTRO boy. Direção: David Bowers. Produção: Maryann Garger. Animação, 2009, 94 min., son., color.

BLADE Runner. Direção: Ridley Scott, 1982, 118 min., son. color.

COMPRAR, tirar, comprar. Disponível em: <<http://docverdade.blogspot.com/search/label/consumismo>>. Acesso em: 01 jul. 2011

CONSUMING kids. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=ouUU7cjfdM>>. Acesso em: 01 jun. 2011

CRIANÇA, alma do negócio. Disponível em: <<http://www.bestdocs.com.br/?s=consumo>>. Acesso em: 28 mai. 2011

FUTURAMA. Direção: Matt Groening. *Sitcom*, animação, 1999, son. color.

HEAVY Metal. Direção: Gerald Potterton. Produção: Ivan Reitman. Animação, 1981, 87 min., son. color.

ILHA das flores. Disponível em: <<http://www.bestdocs.com.br/?s=consumo>>. Acesso em: 04 jul. 2011

METRÓPOLIS. Direção: Fritz Lang, 1927, 100 min., son.

O DORMINHOCO. Direção: Woody Allen, 1973, 88 min., son. color.

O GUIA do mochileiro das galáxias. Direção: Garth Jennings, 2005, 110 min., son., color.

PINÓQUIO 3000. Direção: Daniel Robichaud. Animação, 2004, 80 min., son., color.

ROBÔS. Direção: Chris Wedge, Carlos Saldanha. Animação, 2005, 90 min., son., color.

STORY of Stuff. Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=3c88_ZoFF4k>.
Acesso em: 18 mai. 2011

WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Walt Disney Pictures. Animação, 2008, 97 min., son., color.